

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

DOUGLAS WILLIAM OLIVEIRA KNOP VICENTIN

ENTRE MEMÓRIAS E AFETOS DAS INFÂNCIAS:
Nós fronteiriços na análise na perspectiva dos estudos de gêneros e
das sexualidades

Sorocaba

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

DOUGLAS WILLIAM OLIVEIRA KNOP VICENTIN

ENTRE MEMÓRIAS E AFETOS DAS INFÂNCIAS:

**Nós fronteiriços na análise na perspectiva dos estudos de gêneros e
das sexualidades**

Dissertação de Mestrado apresentada para a banca de qualificação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – campus Sorocaba como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana.

Área de concentração: Estudos da Condição Humana na Contemporaneidade.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça

Sorocaba

2023

Vicentin, Douglas William Oliveira Knop

Entre Memórias e afetos das infâncias:: Nós fronteiriços na análise na perspectiva dos estudos de gêneros e das sexualidades / Douglas William Oliveira Knop Vicentin -- 2023.
130f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Viviane Melo de Mendonça
Banca Examinadora: Josefina de Fátima Tranquilin Silva,
Teresa Mary Pires de Castro Melo
Bibliografia

1. Infância. 2. História Oral. 3. Sexualidades. I. Vicentin, Douglas William Oliveira Knop. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8
6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Douglas William Oliveira Knop Vicentin, realizada em 30/08/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

Profa. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo (UFSCar)

Profa. Dra. Josefina de Fatima Tranquilin Silva (ARDPEAAC)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

RESUMO

Partimos da premissa de que na infância as normas de gênero e sexualidade possuem papel central na produção de subjetividades de crianças. O objetivo dessa pesquisa foi o de analisar como são construídos afetos e resistências de infâncias em dissidência das normas de gênero e sexualidade por meio das narrativas e memórias de adultos LGBTQ+ que moram na cidade de Sorocaba. A metodologia adotada foi a história oral temática. Foram realizadas quatro entrevistas em formato híbrido: online e presencial. Os pré-requisitos para a escolha dos entrevistados é que fossem pessoas que se reconheçam e se autodeclarem na fronteira do gênero/sexualidade LGBTQ+, maiores de 18 anos e de zonas periféricas. Por conta da pandemia do covid-19 realizamos três entrevistas no modo online pelo aplicativo Google meet com tempo máximo de 120 a 180 minutos e uma entrevista no modo presencial com o mesmo tempo. As pessoas participantes são pessoas entre 22 e 45 anos, sendo um homem trans heterossexual; uma pessoa sem designação de gênero que se relaciona afetivo-sexualmente com homens; um homem cisgênero e homossexual; e uma mulher trans heterossexual. Dentre os quatro participantes, um se autodeclara branco, outro pardo e dois colaboradores, negros. Nas narrativas foi possível identificar múltiplas estratégias e afetos inventados por estas quatro crianças na etapa chamada de infância, possibilitando subverter e significá-las de forma positiva. Cada estratégia produzida por esses corpos moveu diferentes afetos em cada experiência e encontro, de forma complexa e de acordo com cada marca, sendo então o “nós”, intrinsecamente marcado pelas diferenças e especificidades, mesmo dentro da designação da comunidade LGBTQ+.

PALAVRAS-CHAVE: afetos; infância; história oral; gênero; sexualidade.

ABSTRACT

We start from the premise that in childhood gender and sexuality norms play a central role in the production of children's subjectivities. The objective of this research was to analyze how childhood affections and resistance are constructed in dissidence of gender and sexuality norms through the narratives and memories of LGBT+ adults who live in the city of Sorocaba. The adopted methodology was thematic oral history. Four interviews were conducted in a hybrid format: online and face-to-face. The prerequisites for choosing the interviewees is that they should be people who recognize themselves and declare themselves on the frontier of gender/LGBT+ sexuality, over 18 years old and peripheral areas. Due to the covid-19 pandemic, we conducted three interviews online via the Google meet app with a maximum time of 120 to 180 minutes and one interview in person for the same amount of time. They are people between 22 and 45 years old, being a heterosexual trans man; A person with no gender designation who associates with men; A cisgender and homosexual man and a heterosexual trans woman. Among the four participants, one declares himself white, another brown and two black collaborators. In the narratives, it was possible to identify multiple strategies and affections invented by these four children in the so-called childhood stage, making it possible to subvert and signify them in a positive way. Each strategy produced by these bodies moved different affections in each experience and encounter, in a complex way and according to each brand, thus being the "us", intrinsically marked by differences and specificities, even within the designation of the LGBT+ community.

KEYWORDS: affections; infancy; oral history; gender; sexuality.

LISTA DE SIGLAS

AIDS	do inglês, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CDA	Criança designado menina ao nascer
CDO	Criança designado menino ao nascer
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais e (+) como possibilidade de abrangência e abertura a outras sexualidades e identidades de gênero
PCD's	Pessoas com Deficiência
NEGDS	Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

AGRADECIMENTOS

Agradeço às muitas pessoas que fizeram parte da colcha de retalhos, não só deste trabalho, mas de todo o processo de vida, digo, uma colcha de retalhos que sou, e que puderam me fazer refletir, pensar e construir pensamentos críticos no caminhar da vida ou forneceram apoio e acolhimento nos bons encontros para que pudesse estar aqui escrevendo. Por mais que a memória possa falhar, me arrisco a agradecer.

Aos narradores que aqui compreendo como a criança que fui e o “Nós” (Pedro, Jorge, Naomi e Maria) que ofereceram seu tempo e compartilharam suas histórias, criando a possibilidade de voz e fala para crianças que nunca seriam escutadas e permaneceriam soterradas nos escombros da história.

À Viviane de Melo Mendonça, que me inspira diariamente a respirar e buscar transformar um pedacinho do mundo em utopias.

À Kelen Leite por sempre contribuir com suas reflexões e sua paixão pelo ensino nos grupos e encontros.

Aos membros do Grupo Fracassadez (Marci, Meissa, Pietro e Janaina) pela disposição, paciência, reflexões e acolhimento nos momentos mais difíceis.

À Tamires Mazzeto e Aline Martins, mulheres que me inspiram nos encontros e enquanto profissionais éticas e afetuosas.

Ao André Cieto por construir esperança e estimular ideias e possibilidades na dissertação.

Ao grupo NEGDS por todas as reflexões, afetos, choros coletivos e reflexões durante todo o tempo.

À Marta Rovai por trazer a sensibilidade e afetividade na construção de uma história oral com compromisso social.

Ao Geovânio Martins por todo apoio e confiança.

Ao Roberto, Geane e Bruno por apoiar e fazer esse sonho possível.

Ao Rafael Costa Gomes por apoiar e compartilhar as dificuldades, reclamações e angústias da escrita.

À Larissa Ferraz por apoiar-me enquanto profissional.

À Caroline Garpelli por ensinar e dividir a sensibilidade e o cuidado através da sua paixão pela fenomenologia.

Aos colegas de mestrado: Elis Thomazini, Eliane Tróia e Janaina Silva, pela inspiração e reflexão.

Ao Márcio Gatti e à Teresa Melo por fazerem refletir e questionar, mesmo na discordância.

À Bárbara Lima por sempre acreditar que era possível.

*Viver nas fronteiras significa que você
Não é nem hispana índia negra espanhola
Ni gabacha, eres mestiza, mulata, meia-raça
Apanhada no fogo cruzado entre os campos
Enquanto carrega todas as cinco raças nas suas costas
Sem saber para qual lado voltar-se, correr;*

*Viver nas fronteiras significa saber
Que a índia em você, traída por 500 anos,
Não está mais falando com você
Que mexicanas chamam você de rajetas,
Que negar o Anglo dentro de você
É tão ruim quanto ter negado a Índia ou a Negra;*

*Cuando vives em la frontera
As pessoas andam através de você, o vento rouba sua voz,
você é uma burra, buey, bode expiatório,
percursora de uma nova raça,
meio a meio – tanto mulher como homem, nenhum –
um novo gênero;*

*Viver nas fronteiras significa
Colocar chile na sopa, comer tortillas de farinha integral,
Falar Tex-Mex com um sotaque de Brooklyn;
Ser parada pela migra em postos de fronteira;*

*Vivendo nas fronteiras significa que você luta duramente para
Resistir ao elixir de outro acenando da garrafa,
A atração do cano da arma,
A corda esmagando o vazio da sua garganta;*

*Nas fronteiras
você é um campo de batalha
onde os inimigos são parentes entre si;
você está em casa, uma estranha,
as disputas fronteiriças foram resolvidas
a saraivada de tiros abalou a trégua
você está ferida, perdida em ação
morta, lutando de volta;*

*Viver nas fronteiras significa
O moedor com a navalha de dentes brancos que quer retalhar
Sua pele cor de oliva-avermelhada, esmagar seu miolo, seu coração
Martelar você espremer você ralar você para fora
Cheirando a pão branco, mas morto;*

*Para sobreviver às fronteiras
você deve viver sin fronteiras
ser uma encruzilhada.
(Gloria Anzaldúa, 2007)¹*

¹ Tradução livre da poesia “To live in borderlands means you”, de Gloria Anzaldúa. Mantivemos o espanhol para caracterizar a escrita *mestiza* da poesia da autora.

Sumário

RESUMO	4
ABSTRACT	5
LISTA DE SIGLAS	6
AGRADECIMENTOS	7
INTRODUÇÃO.....	9
2 MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E INFÂNCIAS: O QUE NOS TORNAMOS QUANDO ESQUECEMOS?.....	19
1.1 Corpos, crianças e infância: Fronteiras, intersecções e novos futuros	24
1.2 Entre crianças, ovos e galinhas.....	28
3 PERCURSOS FRONTEIRIÇOS: ESCUTA SENSÍVEL DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIA.....	31
2.1 História oral: Primeiro passo de uma caminhada já iniciada.....	32
2.2 História oral de vida tópica, tropeços e desafios... ..	36
2.3 Participantes da pesquisa: Poder, nós e fronteiras	39
3 AS INFÂNCIAS QUE CONTAM	44
3.1 Na verdade, aqui é minha casa! – Pedro.....	44
3.2 É tudo que eu tive ali! – Jorge	47
3.3 Eu me adaptei a isso! – Naomi	62
3.4 Por isso estou sempre rindo! Vou chorar para quê?! – Maria	74
4 NÓS FRONTEIRIÇOS DAS INFÂNCIAS CONTADAS	81
4.1 Crianças, infâncias e corpos: memórias e afetos das/nas fronteiras	85
4.2 Margem, mais à margem: entre armários, bichas, Marias-homem, crianças trans, contradições e consciência política.....	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	128

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa trata do tema das memórias das infâncias na perspectiva de gênero e sexualidade. A inspiração veio da minha vivência como uma criança afeminada, nascida em Sorocaba, cidade do interior do estado de São Paulo.

Presentes em brincadeiras e reboladas na “boquinha da garrafa”, dublagens de Sandy e Junior e Mamonas Assassinas, de imaginações e possibilidades que transformavam prendedores de roupas em unhas e toalhas de banhos em cabelo, estavam entrelaçados o estranhamento, as tristezas, os desafios e as alegrias de uma infância de um menino gay afeminado. bell hooks (2017), em seu livro “*Ensinando a transgredir*”, relata sua busca por entender o que acontecia desde pequena, por não sentir que tinha um lar, não se sentir parte da própria família. Encontrou na teoria o combustível para a busca do reconhecimento de seus sentimentos e dores ao longo da vida. Através de sua leitura, pude perceber que a teoria poderia abrir portas para a reflexão e liberdade e “fazer a mágoa ir embora”, tornando-se um local de cura, onde poderia compartilhar sentimentos com outras pessoas que também vivenciaram experiências de subalternidades.

As teorias e explicações sobre a compreensão das opressões sempre me moveram e motivaram para entender o mundo. Não me sentia acolhido e não entendia o sentimento de deslocamento nas relações próximas. Logo na graduação em psicologia, tive contato com a psicologia social de Kurt Lewin, que iniciou o processo de aproximação da leitura da realidade. Encantava-me refletir sobre as coisas e aproximar a teoria e a prática da vida de uma criança que vivenciou rompimentos com as normas sexo/gênero. No entanto, somente após minha formação e a aproximação dos estudos feministas, incluindo as obras de bell hooks, consegui superar a vergonha e o isolamento que foram incutidos em mim por meio de relações passadas. Essa transformação me permitiu finalmente sentir-me acolhido, abrindo caminho para experimentar novas emoções e encontros significativos que me conduziram rumo à cura e à busca por respostas através da teoria. É a partir das inquietações presentes neste corpo situado que delinearemos uma visão parcial de nossos objetivos. Em outras palavras, compreendemos a visão, os potenciais e as limitações de um corpo em constante movimento que, desde a infância, se identificou como afeminado, cisgênero, gay, branco e nascido na periferia de Sorocaba.

Dessa forma, baseio-me no conceito de “saberes localizados” proposto por Donna Haraway (1995) para assumir uma postura na construção do conhecimento científico corpórea e objetiva porque emerge de um corpo situado que ocupa um lugar a partir de onde se enxerga

e se expressa. Em contraposição à perspectiva científica, que se autointitula “neutra”, busquei uma objetividade que fosse uma construção comprometida, enraizada em um saber que possui um ponto de vista e uma voz, reconhecendo seus limites e os privilégios atravessados pelas experiências dos corpos marcados. Nesta pesquisa, portanto, está ancorada nas perspectivas locais, pressupondo a objetividade feminista:

Precisamos aprender em nossos corpos, dotados das cores e da visão estereoscópica dos primatas, como vincular o objetivo aos nossos instrumentos teóricos e políticos de modo a nomear onde estamos e onde não estamos, nas dimensões do espaço mental e físico que mal sabemos como nomear. Assim, de modo não muito perverso, a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades. A moral é simples: apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha, a questão da responsabilidade pela geração de todas as práticas visuais. A perspectiva parcial pode ser responsabilizada tanto pelas suas promessas quanto por seus monstros destrutivos. Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver. (Haraway, 1995, p. 21)².

Tornar-se responsável no fazer da ciência é apontar seu corpo, suas marcas, limites e afetos que buscam construir um conhecimento sem separação do corpo-mente. Desse modo, é importante apontar que em busca de resposta e do sentimento de compartilhamento de vivências, acabei por me engajar em movimentos de militância e em trabalhos voltados as questões LGBT+³ e, então, comecei a compreender como as lutas de emancipação se conectam consubstancialmente. Entendia e sentia que, enquanto militante, a prática e outras áreas da minha vida – a profissional, por exemplo – também eram indissociáveis e buscavam transformar-se em práticas de liberdade, como aprendi nas leituras feministas e de mulheres negras e/ou lésbicas que me tocaram na minha trajetória como Angela Davis, Adriene Rich,

² Por se posicionar a favor de um projeto de educação menos sexista, sempre que referenciarmos uma autora/autor pela primeira vez, utilizaremos o nome completo para facilitar a compreensão do gênero, que por sua vez, favorece uma maior visibilidade às pesquisadoras, estudiosas e teóricas.

³ Vamos utilizar a sigla LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais e Travestis) e + para indicar as mais diversas possibilidades a compreensões de gêneros e sexualidades possíveis e por mais se aproximar das referências utilizadas por movimentos sociais que lutam pelas questões de gênero e sexualidade. Para aprofundar e ampliar debates e contradições sobre o tema da construção de identidades coletivas, é possível consultar a dissertação *Sopa de Letrinhas*; de Regina Facchini (2002).

Viviane de Melo Mendonça, entre muitas outras que continuam me atravessando. A leitura e os afetos permeados nesses espaços tocavam todos esses fios e nós: os das próprias infâncias que foram e que estavam por vir, do cotidiano, do indivíduo e do coletivo.

Pude sentir e viver a possibilidade de falar, ser ouvido, ser escutado, acolhido e não mais o ser “outro”... Pude trocar experiências que potencializaram meu desejo de vida, não só para mim, mas para todos. A cada participação, teorizações, reflexões e encontros nesses espaços, senti que era possível curar as feridas e dores do passado. Além de ansiar pela possibilidade de transformação social e ser inspirado a respirar e sentir-me pertencendo a esses grupos e coletivos, que aproximavam teoria e prática e a nossa experiência de vida e a teoria, havia também a possibilidade de encontro, a necessidade de democratizar esses espaços tornou-se uma possibilidade.

Nesses espaços, construí afetos potentes em busca do desejo de liberdade, não só na educação, mas também na participação política e transformação social e coletiva. Sentir-se e tornar-se sujeito em espaços aliados à busca por transformação social, me guiou para que pudesse desejar amplificar essa relação para as pessoas que não eram escutadas, ouvidas ou reconhecidas como sujeito dentro de uma sociedade cisnormativa e heteronormativa, patriarcal, racista e capitalista. Assim, tornou-se um dever enquanto profissional, trabalhador, enquanto ser humano, enquanto cidadão, lutar pelo direito de falar e ser ouvido. Como poderia ter passado por uma experiência e encontros tão potentes e não desejar que todos pudessem experimentar essa possibilidade? Como diz Portelli (2010, p. 12), “se buscamos palavras, é porque o direito mais fundamental é o de falar e ser escutado”.

Quando compreendi a importância dos afetos que reverberavam no meu corpo, nas atividades cotidianas desses espaços onde era possível falar e ser escutado, senti que a transformação social era cada vez mais possível. Durante os encontros dos grupos e nesses espaços, éramos encorajados, quase como um chamado, para a compreensão de que nossa experiência também é teoria e que fazer ciência era possível. Foi possível acessar outra forma de fazer ciência, menos racionalista, onde vemos o afeto não como algo que inviabiliza a percepção sobre a realidade, mas a percebe em sua singularidade.

Por outro lado, tinha pouca experiência acadêmica e muitas inseguranças. Minhas atividades eram muito mais voltadas para a parte prática no sentido ativista/militante e, inicialmente, não conseguia compreender de fato que as próprias experiências que tive durante todo esse trajeto constituíam meus questionamentos e poderiam servir de base para fazer esse desejo acontecer. Encontrei nos estudos de gênero e sexualidade, nos grupos e nos encontros, a esperança necessária para me lançar ao mestrado e, por teimosia, à escrita.

Depois de algumas tentativas de entrar no mestrado, redigi um projeto que emergiu durante o processo pandêmico da COVID-19, onde todas as desigualdades e dificuldades em nossa sociedade ficaram acentuadas e nossa potência de afetação limitada. Durante um almoço de família, em que a televisão estava ligada, como costume, em telejornais de sensacionalismo, uma reportagem sobre violência doméstica me fez pensar sobre como mulheres, crianças, jovens e, em específico, pessoas LGBTQ+, estavam lidando com a situação do isolamento social, pois eu percebia a invisibilidade delas nas matérias veiculadas nos jornais.

Elaborei um projeto de pesquisa sobre violência doméstica LGBTQ+ em pessoas em situação de abrigo, onde tinha o desejo de pesquisar pessoas que vivenciaram a expulsão de casa por serem LGBTQ+. No entanto, durante o processo das leituras e atividades das aulas de mestrado, senti um engessamento na escrita e análises de trabalhos. Todo esse processo aconteceu durante o isolamento social da pandemia da COVID-19 quando o sofrimento tocava meu corpo, onde as trocas e afetos estavam limitados pelo espaço virtual. Precisei descobrir novas rotas de pesquisa.

Busquei orientação através dos estudos que tive da bell hooks (2017) e sua “pedagogia engajada”⁴ rumo a uma aproximação das próprias experiências de vida e a teoria. Ensaiei alguns movimentos para um novo projeto de pesquisa, atento ao que o próprio corpo pudesse dar a direção. Destaco dois deles: o primeiro foi minha própria trajetória contada até aqui. O segundo foi iniciar alguns cursos com temáticas que me movimentassem. Iniciei aulas sobre o tema de gênero e sexualidades com a professora Helena Vieira, pelo “Outro Grupo de Teatro”; participei também das aulas da “Banquinha” da professora Débora Diniz, pela extensão e acolhimento universitária pela Universidade de Brasília e de seu canal no Instagram.

Essas atividades complementaram a minha vivência de participação e estudos no grupo de pesquisa do qual faço parte, Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidade (NEGDS-UFSCar), e me fortaleceram para pensar novas possibilidades. Durante o curso “Outro Grupo de Teatro”, de que participei em 2021, organizamos um grupo chamado “Fracassadez Queers” com alunos (as) que tinham interesse em se aprofundar no assunto. No mesmo curso a professora Helena Vieira, que o ministrava, indicou um curta-metragem que

⁴ A pedagogia engajada de bell hooks (2017), inspirada no educador brasileiro Paulo Freire, destaca-se por se fundamentar em diálogo e participação; conscientização crítica; emancipação e interseccionalidade; e, sobretudo, amor como prática pedagógica.

me encantou, chamado *Vestido Nuevo* (2007) ou, em sua tradução, *Vestido Novo*, com direção de Sergi Pérez.

O documentário narra a história de um menino chamado Mario que, no dia do carnaval, em sua escola, desobedece às normas de gênero escolares ao utilizar um vestido de sua irmã, ao passo que lhe fora imposto que deveria ir com uma fantasia de Dálmata. Eis que, em uma cena, depois de ser repreendido pela professora e sofrer violência de gênero dos colegas de sala ao ser chamado de “maricon” ou “viadinho” de forma pejorativa, recebe a visita de uma de suas poucas amigas, Elenita, enquanto estava esperando sua professora decidir com o diretor seu destino. Elenita é uma menina que utiliza uma prótese por conta de uma possível deficiência na coluna. Juntos, Elenita e Mario protagonizaram um encontro de *resistência e solidariedade* entre/de corpos e performances fora da norma e dentro de uma escola que tinha posicionamentos machistas, heteronormativos e sexistas.

Essa experiência me permitiu sentir e pensar como muitos de nós, corpos que rompem a heteronormatividade, vozes anasaladas, bichas com performances afeminadas, corpos gordos, com deficiência, racializados, entre outros, possibilitam sobrevivências e resistências ao lado de corpos que não ocupam delineações do que são considerados humanos, contornos que tornam as existências e diferenças em precariedade, de acordo com o conceito de Judith Butler (2018), e lançando para experiência nas fronteiras/bordlands, que é um conceito de Gloria Anzaldúa (2005).

Senti despertar em mim o interesse em entender como tais corpos inventam e constroem estratégias de sobrevivência e resistência através dos encontros e afetos, principalmente durante a infância. Comecei a me identificar com leituras de experiências muito próximas das que tive, nomeadamente, as de crianças com performance afeminada. Desse modo, meu interesse sobre os estudos tomaram o rumo da infância/gênero/sexualidade/classe/raça e suas consubstancialidades.

Encontrei inspirações nas leituras dos trabalhos de Paulo Preciado (2013), Thomas Cardoso (2020), Giancarlo Cornejo (2011; 2015), Megg Rayara de Oliveira (2017), Alexsandro Rodrigues (2018), Steferson Zanoni Roseiro (2018), Sofia Favero (2020), Flávio Marcos de Oliveira (2021), Viviane de Melo Mendonça (2020) Jota Mombaça (2021), Grada Kilomba (2019), Judith Butler (2015; 2018; 2019), bell hooks (2017), mas, principalmente, Gloria Anzaldúa (2005) e Bader Sawaia (*et al.*, 2018). Essas autoras dialogam fortemente para a construção do meu olhar sobre fronteiras identitárias e afetos nos estudos de gênero e sexualidade. Todas essas leituras abrem espaços para compreender a teoria e prática como indissociáveis no fazer da ciência. A partir desses escritos passei a tomar posse do próprio

corpo como matéria para escrita, como inspiração, possibilidade de respiro e da resgate da própria voz.

O cenário de retrocesso estabelecido a partir do governo de 2018, ao adotar pautas como a “defesa da família brasileira”, a luta contra a “ideologia de gênero”, aliadas à forma como a ciência continua majoritariamente tratando o assunto, também fizeram meu olhar voltar-se para a infância. Tivemos recentemente a despatologização das orientações sexuais em 1990, mediante a retirada da homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID) e a resolução 01/99 pelo Conselho Federal de Psicologia que proíbe qualquer profissional que atue no sentido de favorecer a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas.

Somente em 2018 a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou oficialmente as transexualidades do CID, não a considerando mais como transtorno mental, ao menos para corpos adultos. De acordo com Berenice Bento, em entrevista a Diego Madi Dias (2014), Sofia Favero (2020) e Vaz (2021), é possível reconhecer como após os avanços da despatologização das orientações sexuais e identidades de gênero, as estruturas da cisgêneridade e heteronormatividade reorganizaram seus poderes, atualizando-se, e fazendo da infância seu reduto ainda de maior expressão e controle. Esse mesmo movimento pode ser acompanhado e desvelado no que concerne “em quem” e “em como” estão sendo tratadas as pesquisas que articulam o tema da infância, gênero e suas intersecções.

De acordo com o estudo intitulado “Não conformidade de gênero e infância revisando a produção científica”, Elder Cerqueira Santos e Mariana Valadares de M. Santana (2020) trazem um importante levantamento de pesquisas realizadas que utilizaram as categorias *infância e não conformidade de gênero*. Os resultados evidenciaram que o Brasil conta com 1,4% de produção científica sobre o tema. As pesquisas, em geral, vêm crescendo desde 2012, embora apenas 4,2% desses trabalhos trouxeram, de alguma forma, relatos de experiência ou documentos em que os participantes das pesquisas pudessem expressar suas próprias vivências, sendo que as crianças foram ouvidas apenas em 18,1% do total desses estudos.

Em contrapartida, os autores apontam que em 54,2% dos estudos levantados não havia a participação de nenhum sujeito/participante de pesquisa. Isso mostra como a temática vem sendo pouco explorada no Brasil e, por sua vez, como está atrelada a um movimento de fazer ciência onde o fenômeno ou os/as sujeitos são tratados como objetos de estudo, com pouco interesse na escuta das próprias crianças envolvidas na temática e/ou na reflexão e questionamentos sobre a norma da cisgeneridade.

Ainda em relação aos estudos do levantamento, a grande maioria aborda o tema sob a perspectiva da saúde, revelando seu aspecto mercadológico e de controle. Embora, nessa perspectiva, se promovam avanços na sociedade para oferecer condições dignas a pessoas fora da norma sexo-gênero; contudo, ela pode tender a diagnósticos que reforçam reiteradamente a produção e critérios sobre quais os corpos podem ser patologizados ou não.

No caso específico dos estudos sobre infância e gênero, é possível observar uma abordagem frequentemente adultocêntrica e disciplinadora que deu origem à categoria “criança trans”. Essa categoria se encontra em uma fronteira tensa e contraditória entre o que é considerado normal e patológico. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que a noção de “criança trans” representa o reconhecimento de corpos infantis que não se conformam com a cis e heteronormatividade, esses mesmos corpos se tornam alvos de tratamento e correção. Parece haver uma espécie de negociação com características capitalistas no campo da medicina, onde avanços são propostos na despatologização dos corpos adultos. Em contrapartida, aumenta o espaço para intervir nos corpos das crianças, como se se pudesse determinar o que seria melhor para eles. Essa abordagem levanta questões éticas e morais sobre o controle e a autonomia dos corpos infantis, e aponta para a necessidade de uma análise crítica e responsável na área médica, especialmente quando se trata de crianças transgênero ou com identidades de gênero diversas.

Dessa forma, o debate emerge em contradições que acompanham os avanços das despatologização para os corpos adultos, conjuntamente com um acirramento nosológico sobre os corpos das crianças. Isso pode significar um maior campo de atuação para o mercado da medicina psiquiátrica, mas, ao mesmo tempo parece defender os direitos das crianças, o que acaba, muitas vezes, por reiterar e atrelar a experiência de “ser” com “sofrimento” e “dor” como garantia de acesso à saúde.

Isso me fez lembrar de vários episódios na minha atuação em psicologia clínica, quando os pais me questionaram sobre a forma como seus filhos se expressavam nas brincadeiras e formas de existir, e os traziam à psicoterapia para serem “orientados” a performar heteronormativamente. Outra triste lembrança é a de que, enquanto profissional, me sentia obrigado a seguir protocolos sobre o processo de acompanhamento de pessoas transsexuais para “laudar” e tutelar a forma como outro corpo se sentia no mundo.

No entanto, essas pessoas se frustravam ao perceber em mim traços afeminados e, ao mesmo tempo, meu empenho em desafiar a obrigação de seguir o processo convencional de acompanhamento de dois anos como profissional de psicologia. Apesar das dificuldades que enfrentei, meu interesse cresceu, impulsionado pelo desejo de compreender como as

experiências de crianças que desafiam as normas hegemônicas de sexo/gênero se traduzem em estratégias coletivas de superação diante de discriminações e violências.

Isso nos leva a pensar na condição humana dos corpos criança que atravessam o período que chamamos de infância. Estou falando aqui das pluralidades de crianças que não querem ou não assimilam as normas cisgênera, heteronormativa, classista e colonial, e seus aliados no processo de resistência e sobrevivência a essas estruturas.

A experiência de ser criança, por si só, parece ser delimitada por uma subalternização específica, ocupando uma fronteira em um mundo orientado para o consumo e a reprodução do capital, onde tudo é conduzido por e para adultos. Nesse contexto, as relações durante a infância são frequentemente fundamentadas em uma educação cis e heteronormativa. As vivências do corpo infantil, por outro lado, nos trazem muitos desafios e questionam o poder instituído. Crianças são objetos de sistemáticos enquadramentos normativos de gênero na família, na escola, na igreja, que tantas vezes elas teimam em perturbar e romper.

Crianças parecem revelar, em suas vivências, a fragilidade da tentativa de normalização para a heterossexualidade compulsória, que, segundo Judith Butler (2019), produz a inteligibilidade cultural dos corpos. Por outro lado, o custo de perturbar e romper com os enquadramentos normativos da heterossexualidade compulsória, que produz a binaridade do sistema sexo-gênero, é alto para as crianças. Isso porque o poder desses enquadramentos está em determinar quais corpos terão acesso à produção de vida e quais corpos devem ocupar zonas não vivíveis e inabitáveis de nossa sociedade, isto é, aqueles corpos que serão reconhecidos como “seres abjetos” (Butler, 2019). As crianças sentem e sabem disso, e, portanto, constroem rotas de fuga, zonas de respiro e proteção a cada nova brincadeira, a cada novo jogo, a cada novo espaço criado para si, a cada novo encontro com o mundo, a cada nova palavra e também no silêncio. Elas resistem e suas experiências de escape da normatização de seus corpos ficam nas memórias dos adultos que se tornaram. Nós, adultos LGBTQ+, temos essas memórias ressignificadas muito vívidas naquilo que somos.

É disto que se trata esta pesquisa: escutar e analisar memórias das infâncias de uma perspectiva de gênero e sexualidades. Algumas perguntas me mobilizam: como pessoas adultas que vivenciam atualmente relacionamentos homoafetivos e/ou não se enquadram na cisgeneridade narram as memórias de suas infâncias? Como lembram e narram episódios das experiências da cis e heteronormatividade impostas aos seus corpos quando criança? Nas lembranças narradas, quais foram suas estratégias de cuidado de si e quais foram os afetos mobilizados nestes contextos? Há diferenças nas experiências lembradas quando consideramos as intersecções de gênero, raça e classe?

Diante dessas perguntas, o objetivo desta pesquisa foi descrever, analisar e compreender as memórias da infância de pessoas adultas que estão atualmente em relacionamentos homoafetivos e/ou não se enquadram na cisgeneridade. Buscou-se, de modo específico, analisar os sentidos que elas dão à experiência da infância; identificar possíveis episódios de discriminação e violência decorrentes de suas performances de gênero quando eram crianças, bem como identificar as lembranças de como responderam afetivamente a esses episódios.

Parti da premissa de que a escuta sensível das memórias das vivências da performance de gênero na infância evidencia possíveis estratégias – embora nem sempre conscientes no momento vivido, mas ressignificadas ao serem narradas – de resistência e superação de discriminações e normativas de gênero. Essas memórias revelam a criação de escapes, confrontos, subversões e caminhos para enfrentar as violentas estruturas heteronormativas. Para cumprir os objetivos da pesquisa, optei pela pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo (1994), a pesquisa qualitativa possibilita a identificação de significados, crenças, valores, atitudes e desejos que constituem a realidade social, de modo a revelar o modo próprio de agir das pessoas participantes da pesquisa, bem como compreender o modo como pensam o que fazem e interpretam suas ações na realidade vivida e compartilhada com os outros.

Partindo da perspectiva de Sônia Maria de Freitas (2006), Mehy e Holanda (2007), Marta Rovai (2013) e Portelli (2010; 2016), esta pesquisa assume posicionamentos e procedimentos da história oral do tipo tópica e temática, visto que pretende acessar, de modo específico, episódios relacionados à performance de gênero nas narrativas de memórias de infância de pessoas adultas, bem como suas experiências de ser criança. A perspectiva de memória adotada é, centralmente, a da memória coletiva de Maurice Halbwachs (2006). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e gravadas com 4 (quatro) sujeitos adultos que estão atualmente em relacionamentos homoafetivos e/ou não se enquadram na cisgeneridade e que residiam em zonas periféricas em suas infâncias. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e transcriadas. Os resultados são analisados em diálogo com a perspectiva teórico-metodológica da história oral e dos estudos realizados sobre memórias das infâncias na perspectiva de gênero e sexualidade.

A dissertação está estruturada do seguinte modo.

O capítulo 1, “Memórias, experiências e infâncias: o que nos tornamos quando esquecemos”, elabora os conceitos de memória, da escrita e do estranhamento como possibilidade de romper com o processo de *outrização*, *esquecimento* e *silenciamento* produzidos numa época de disputa das memórias e dos corpos, onde a heteronormatividade

busca controlar, vigiar e capturar as crianças e infâncias para um projeto compulsório da heterossexualidade.

O capítulo 2, “Percursois fronteiriços: escuta sensível de memórias de infância”, apresenta o debate sobre a construção de uma escuta sensível nos encontros e nas entrevistas, mas especificamente no processo metodológico da história oral. Ainda neste capítulo é apresentado o início dos percursos metodológicos, seus desafios de confecção no processo pandêmico e os perfis dos participantes/narradores da pesquisa.

O capítulo 3, “As Infâncias que contam”, traz os relatos das quatro crianças participantes desta dissertação na ordem cronológica das entrevistas: Pedro, Jorge, Naomi e Maria. São pessoas entre 22 e 45 anos, sendo um homem trans heterossexual pardo; uma pessoa sem designação de gênero que se relaciona com homens, negro(a); um homem cisgênero e homossexual branco e uma mulher trans heterossexual negra. Todas as identificações apontadas foram feitas por autodeclaração. Todos moram na cidade de Sorocaba e região, e em suas infâncias, residiam em zonas periféricas. Nenhum deles se conhece entre si.

O capítulo 4, “Nós fronteiriços das infâncias contadas”, se inicia com uma introdução das análises, com base em reflexões inventadas pelas crianças como forma de resistência e de ressignificação de suas subjetividades, construindo uma comunidade pela diferença: o nós. Em seguida, são apresentadas, na prática, estratégias subversivas e inventadas contra as ferramentas da heteronormatividade presentes nos discursos, nas brincadeiras, nos espaços públicos e privados, sozinhos e em bandos, tanto quanto a necessidade de compreensão das diferentes formas e especificidades com que cada corpo é atingido pelas violências, rompendo com uma perspectiva de criança universal e assexuada.

Nas “Considerações finais” concluo a pesquisa com algumas sensações e percepções sobre as narrativas, apontamentos, questões, limites e perspectivas de novos estudos e sobre os pontos que julguei mais relevantes durante o processo de confecção e reflexão sobre a heteronormatividade, adultocentrismo, entre outros.

2 MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E INFÂNCIAS: O QUE NOS TORNAMOS QUANDO ESQUECEMOS?

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de “memória”, como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva.
(Clarice Lispector, 2015, p. 34).

As bichas presentes nos vários trabalhos em que debruço meus belos e pretos braços para fazer esta pesquisa são sempre adultas. Não tiveram infância: infância não é coisa de bicha nem de preto/a! A bicha está sempre atrelada, querendo ou não, ao ato sexual. Ela não é outra coisa senão uma trepada. Ser bicha é vir pronta para o mundo, saltando da barriga da mãe para o centro dos múltiplos discursos que a inventam. E se uma bicha tivesse infância, como seria?
(Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2017, p. 111).

Ao ler o primeiro poema, de Clarice Lispector, recorro de como a escrita, a memória e o corpo, conjuntamente, exercem um papel fundamental nas disputas pela memória. São as mulheres, mulheres negras, teóricas (os), LGBTQ+, pesquisadoras (es) que, através da escrita e da sensibilidade, estão no fronte de batalha utilizando-a como ferramenta de possibilidades de transformação de si e do social.

Além de Clarice, é por meio da escrita que Gloria Anzaldúa, bell hooks, Conceição Evaristo, Grada Kilomba rompem com o silêncio e a existência soterrada pelos escombros da história oficial e podem existir a partir de suas próprias posições, resistindo, transformando e reivindicando a possibilidade de autodefinição. É através da escrita, como ato político, que Kilomba (2019) acredita que resgatamos nossa própria história, que podemos nos definir e assim, *tornar-se* sujeito. No entanto, não é qualquer escrita ou memória capaz de tamanho potencial, assim como aponta Clarice neste poema, é a escrita banhada em lembranças e memórias, banhadas por experiências que acontecem no corpo, na carne viva ou, como diz Viviane de Melo Mendonça (2020), lembranças sentidas na própria carne.

São as lembranças, como as descritas por bell hooks (2017) em *Ensinando a transgredir* (2017), de episódios de sofrimento em sua infância, que a levaram a buscar a cura através da teoria. São as mesmas lembranças de Mendonça (2020) ao contar sobre a beleza e a experiência que resgata em sua memória a presença da mãe segurando seus braços, quando titubeava alguns passos frente ao mar, em seu livro *Um dia você vai sentir na própria carne* (2020). São as mesmas lembranças de que me recordei – semelhantes à minha própria – ao ler diversos desses livros, além dos artigos que versavam sobre memórias de crianças LGBTQ+, no decorrer desta dissertação e me ajudaram a sentir o próprio corpo, resgatar lembranças de

infância, da criança que fui, compartilhando e reconstruindo, dessa forma, a minha própria experiência, a de uma criança afeminada, que eu, tanto quanto muitas outras crianças, compartilham numa sociedade marcadamente cis e heteronormativa.

São memórias e escritas encarnadas que têm o potencial de nos reconectar a nossas próprias experiências e nos tiram da profunda angústia do cotidiano de uma sociedade capitalista, impessoal, individualista e que está cansada. Dito dessa forma, há de se perceber que há uma guerra voraz, mas sutil, acontecendo e a memória está em disputa em seu âmbito individual e coletivo, transformando e fabricando corpos.

Nesse sentido, e contrapondo à pergunta de Kilomba (2019), sobre *tornar-se* sujeito diante da autodefinição possível na escrita e rememoração encarnada, lanço a pergunta sobre o que nos tornamos quando esquecemos? Que condição humana a sociedade contemporânea está fabricando e impondo aos nossos corpos e relações? Para não concluir, mas para acompanharmos um caminho de reflexão em torno desses questionamentos, opto por começar pelo conceito de memória. A memória é um conceito complexo que atravessa as histórias e culturas e durante muito tempo se confundiu com o conceito de história, inicialmente calcado fortemente nas tradições populares passadas de gerações a gerações: contos, mitos, canções, versos e lendas. (Freitas, 2006).

Ainda segundo Freitas (2006), no século XVIII, o movimento iluminista, a partir da racionalidade, iniciou a disjunção da memória e da história, numa perspectiva técnico-científica. Através dessa linha histórica, os depoimentos que eram passados inicialmente de geração a geração através das tradições populares e da narração, alteraram-se para uma tradição historiográfica, com uma postura técnica-científica que passou a desvalorizar os testemunhos e depoimentos orais ou escritos que não eram “fidedignos” o suficiente para compor a história por terem algum grau de afetividade. Nesta dissertação, entendo memória ou memória individual como a “[...] propriedade de conservar certas informações, por meio de um conjunto de funções psíquicas e cerebrais” (Freitas, 2006, p. 59). No entanto, cada indivíduo com sua capacidade de conservar informações, desde sempre esteve de alguma forma ancorado seus pensamentos, percepções, ideias e memórias em relação com o mundo; ou seja, a memória individual é ancorada e indissociável de seu processo grupal e social.

Pensando dessa forma, Mauricie Halbwachs trouxe importantes estudos sobre a relação da memória e a sociedade, podendo refletir sobre o conceito de *memória coletiva*, afirmando que, mesmo que uma lembrança seja evocada individualmente:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos dos quais só nós

estivemos envolvidos, e com objeto que só nós vimos. É porque em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que os outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. [...] Em todos os momentos, em todas as circunstâncias, não posso dizer que estava só, que refletia sozinho, já que em pensamento eu me deslocava de tal grupo para outro, aquele que eu compunha com esse arquiteto, além deste, com aqueles, dos quais ele era o interprete junto a mim, ou aquele pintor (e seu grupo), com o geômetra que havia desenhado esse plano, ou com um romancista. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Halbwachs contrapõe movimentos e estudiosos da época que estudavam a memória em seu âmbito individual, trazendo a discussão para o âmbito social e coletivo, iniciando um debate sobre a diferenciação de memória coletiva e história. Isto porque, as memórias que antigamente eram passadas de geração a geração, perdem o lugar para a história que se torna oficial, passando a ser contada em livros didáticos e ensinada nas escolas. Embora Halbwachs tenha iniciado o debate, na década de 1970, Michael Pollak, influenciado pelo primeiro, o aprofundou ao discorrer sobre os conflitos e as disputas da memória, criticando a forma como este autor sutilmente mascara as relações de poder na construção da memória (Fábio D. Rios, 2013). Quando penso sob essa perspectiva, de imediato, penso nas aulas de história do ensino médio, e do que os livros de história nos contavam sobre a “descoberta” do Brasil pelos portugueses, em 1500, quando, na verdade, houve uma invasão e um projeto de colonização em que os povos indígenas e negros sofreram e ainda sofrem exploração e extermínio.

Pollak reflete como as seleções das memórias articuladas na sociedade têm um peso importante para a manutenção do poder de grupos dominantes, selecionando quais memórias serão consideradas oficiais e quais serão soterradas, estarão subterrâneas ou serão silenciadas (Pollak, 1989). O autor elabora a seletividade da memória, ou seja, o *silêncio* e *esquecimento* impostos sobre as memórias de certos grupos, no processo de expressão dos meios oficiais, os relegam a uma condição de subalternidade. Em contraponto, traz o importante papel da história oral no resgate das vozes e memórias subterrâneas como um contraponto à história oficial.

Nesta disputa da memória, o resgate das vozes não necessariamente se dá pela oportunidade de fala dos grupos em condição de subalternidade, mas justamente pela impossibilidade de escuta de suas experiências, muitas vezes traumáticas, numa sociedade capitalista, marcada pelo saber técnico-científico e pelo cansaço.

Há algum tempo a potência das trocas de experiências, da oralidade e dos encontros vem sendo esvaziada e empobrecida, como nos lembra Walter Benjamin em seu ensaio “Experiência e pobreza” (1987). Ele já estava apontando para o início da nossa perda de

capacidade de contar histórias e consecutivamente a nossa pobreza de experiências em nossa sociedade que nos levaria a uma nova e sutil barbárie:

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens”, e ficaram saciados e exaustos. “Vocês estão todos tão cansados — e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples mas absolutamente grandioso.” Ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças. (Benjamin, 1987, p. 116).

Vivemos em uma sociedade do cansaço, onde nossa experiência está imersa em excesso de informação, na qual os sentidos da experiência vão se perdendo numa mastigação do presente em que não há conexão com a alma, com o sensível, com o passado ou um futuro (HAN, 2015). Estamos freneticamente nauseados pelo excesso de informações que, não só pelos jornais, mas pelas redes sociais e modelos de relações com o mundo cada vez mais impessoais em que não permitem o tempo e a beleza para a fecundação da memória, mas apenas a náusea das fugas do cotidiano e do presente que nos individualiza e nos isola. Isso porque a experiência, alimento da memória, se potencializa ou se empobrece no tecido da temporalidade.

Em uma sociedade capitalista costurada de náuseas, pobreza e cifrões, o tempo do encontro, do amadurecimento, da escuta e da memória parecem não ser possíveis. O que parece importar é inventar novas formas, mais rápidas e instantâneas de livrar-se do tédio e ter a liberdade de perder a liberdade, escravizando-se, para quem ainda o pode fazer, rumo ao desempenho. Alguns olham as notificações dos aplicativos de celulares e computadores arrastando a timeline por horas; ou até mesmo espaços onde as selfies sobrepõem-se aos encontros humanos não cessam em novas formas de vomitar o tédio, informação e fragmentação das experiências; Outras buscam refúgio emergente no nevoeiro do abuso das drogas para fugir da fome e sede do corpo e da alma. Ao ser invadido pela informação, fragmentamos momentos, relações e possibilidades de imaginar um futuro e ressignificar um passado, ou seja, esquecemos, não pela perda da capacidade de lembrar, mas, esquecemos, pela possibilidade de oferecer o tempo dos encontros e das escutas, para nós mesmos e para/com os outros. E o que nos tornamos quando esquecemos?

Nos tornamos indiferentes ao sofrimento individual e coletivo, produzindo um tipo de surdez coletiva que despreza, banaliza e relativiza a importância da vida, perdendo a capacidade de ética de indignação diante da velocidade de tantas informações, onde as vítimas são facilmente traduzidas em números (Rovai, 2013).

São nestas condições que facilmente as populações subalternizadas são silenciadas e vistas como *objetos* de estudo pela ciência tecnicista, sofrendo tentativas de definição através das histórias únicas e oficiais, onde são descritos, definidos e tornam-se estatísticas e os “outros” da história (Kilomba, 2019). Por isso Kilomba acredita na potencialidade da escrita como ato político, na possibilidade de transformação pela autodefinição e pelo rompimento com a banalidade do sofrimento subjetivo do indivíduo e do coletivo.

A memória e a escrita trazem em si, portanto, a possibilidade de romper com a indiferença e nos retira da posição de objeto, quando banhado e ancorado no corpo, nas marcas e feridas aferidas pelas experiências de subalternidade e não pertencimento de uma sociedade com estruturas profundamente e historicamente violentas. Isso se dá não necessariamente pela possibilidade de fala, mas de propiciarmos escutas que forneçam o rompimento com a indiferença, que entre em contato com a ética e singularidade de cada encontro e reconheça as especificidades de raça, classe, gênero, sexualidade entre outros: ouvir de forma sensível à partir deste ponto de vista, nessa sociedade do cansaço, também é um ato político ou até mesmo um dever?:

Ouvir é, nesse sentido o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém só pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que “pertencem”. E aqueles que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que “não pertencem” (Kilomba, 2019, p. 42-43).

Grada Kilomba (2019), em *Memórias de plantação*, denuncia a metáfora da máscara como dispositivo do colonialismo e racismo para controlar e disseminar apenas as ideias e histórias contadas sob a perspectiva do colonizador, onde a pessoa negra é sempre representada como o “outro” da história. Gostaria, nesta dissertação, de aproximar e interseccionar a ideia de que as crianças, mesmo representadas e silenciadas pelos adultos, sobrevivem e resistem à posição de abjeção em que as estruturas adultocêntricas, cisnormativas, heteronormativas, racistas, entre outras, as empurram para tornar suas histórias subterrâneas. Não levar em consideração o que as crianças têm para falar é um ato de “não escuta”.

Infância é uma palavra originária do latim, que significa *infantia* ou “incapacidade de falar” (Aline Mello, *et al.*, 2013). Desde sua significação, a própria palavra traz em seu relevo, aquilo que o diferencia do adulto. É através do silenciamento e da “impossibilidade” de se defender que o corpo da criança sempre foi visto como abjeto, aquele que “não tem voz”. Se mesmo uma criança em seu *sentido moderno e universal* não consegue falar, quem dirá as crianças das quais Megg Rayara (2017) aponta como não tendo infância? Ou seja, se a ausência da fala já era significativa de uma infância e para quem nem ela teve? Falo das crianças gays afeminadas, viados, bichas, e as crianças machonas, sapatonas, crianças trans, crianças pobres, crianças com deficiência, negras, crianças com autismo, entre muitas outras. Até onde é possível avançar socialmente se não atuarmos na defesa das categorias de crianças e infâncias plurais como categoria política? Elas existem e resistem!

Isto ocorre, pois os termos criança e infância se confundem. Nem toda criança teve infância. Em nosso senso comum da era moderna, infância é um local de total proteção, alegria e felicidade, cheio de oportunidades para o pleno desenvolvimento das crianças. Para muitas dessas crianças, das quais não se enquadram no conceito construído pelo dispositivo da infância heteronormativa, onde existem apenas duas formas de existir dentro de uma pretensa masculinidade ou feminilidade, restam à posição de abjeção, as fronteiras, armários, linhas e rotas de fuga. Aqui trataremos a diferença como potência e escutaremos e ouviremos as crianças que foram, que fomos, que somos e que seremos, paralelamente: Nós.

1.1 Corpos, crianças e infância: Fronteiras, intersecções e novos futuros

Em tudo, em tudo você terá a seu favor o corpo. O corpo está sempre ao lado da gente. É o único que, até o fim, não nos abandona. (Boa notícia para uma criança, Clarice Lispector, 2015).

Diz-se que corpos carregam marcas. Poderíamos, então, perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pelos, nas formas, nos traços, nos gestos? Ou que elas “dizem” dos corpos? Que significam? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se; facilmente, à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuam, sugerindo, qualificando, nomeando? Há corpos “não-marcados”? Elas, as marcas, existem, de fato? Ou são uma invenção do olhar do outro? (Guacira Lopes Louro, 2004, p.37).

Lembro do dia em que, na minha escola de freiras, Irmãs Reconstituidoras do Sagrado Coração de Jesus, a madre Pilar nos pediu para desenhar a nossa futura família. Eu tinha sete anos. Desenhei eu casada com a minha melhor amiga, Marta, três crianças e vários cachorros e gatas. (Preciado, 2013).

Importante dizer que não há apenas uma criança e uma infância singular e universal, mas crianças e infâncias que são atravessadas consubstancialmente por diversos marcadores

que atravessam a história e as sociedades, nesse caso, a sociedade brasileira. Mas o que significa ser criança na contemporaneidade?

Antes do século XIII a infância era sequer retratada, não era considerada importante, mas aos poucos as obras de arte dão pistas de como foram construindo a percepção e sentimentos sobre as crianças e infâncias à partir da religião cristã, como próximas a anjos, santos, puros, inocentes e assexuados (Ariès, 1986). Segundo Ariès (1986) até esse momento as crianças se misturavam aos adultos e não eram importantes devido a alta taxa de mortalidade da época, sendo comum o sentimento de insensibilidade de suas perdas, posteriormente, alterando-se através da visão cristã, ainda com condições precárias de manutenção da vida.

Juridicamente, a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 em “disposição a proteção integral” define criança como aquela até doze anos incompleto e adolescente dos doze até dezoito anos, garantindo desta forma “todas as oportunidades e facilidades” para garantir seu desenvolvimento. Perante a estas leis, crianças e adolescentes teriam todos os direitos e cuidados fundamentais para a sua chegada à vida adulta. Portanto, estas leis representariam a garantia de direitos e investimento dos adultos para o futuro, inventando de tal forma a infância. Mas de qual infância estamos falando? Ela alcança quais corpos?

As leis, como instituição de poder, refletem o conceito de infância, a partir da etariedade, como período de proteção integral da vida da criança, produzindo uma criança universal que contempla, geralmente, corpos brancos, magros, heterossexuais, cisgênero, de classe média, sem deficiência intelectual ou mental que tem seus direitos protegidos com base nas estruturas sociais de poder. Isso porque as crianças são vistas como “*artefato político*” para a manutenção e normalização do adulto (Preciado, 2013) e a infância um marcador social pelo qual as normas sexuais e de gênero, entre outros, vão organizar e distribuir aos corpos, acesso à direitos, cuidados e vida, ou violência, morte, sendo vistos como corpos abjetos (Butler, 2019) como evidenciado no artigo de Paul Preciado em oposição a marcha contra o casamento homossexual na França, liderado por uma militante chamada Frigide Barjot:

A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos. Se você não é heterossexual, é a morte o que te espera. A polícia de gênero exige qualidades diferentes do menino e da menina. Dá forma aos corpos com o objetivo de desenhar órgãos sexuais complementares. Prepara a reprodução da norma, da escola até o Congresso, transformando isso numa questão comercial. A criança que a Frigide Barjot deseja proteger é a criatura de uma máquina despótica: um copeísta diminuído que faz campanha para a morte em nome da proteção da vida. (Preciado, 2013, p. 2).

Ou, como afirma Oliveira (2017): “infância não é coisa de bicha nem de preto/a”. Essa afirmação reflete o modo como as normas sociais criam a noção de normalidade dos corpos, classificando e hierarquizando quais são considerados normais ou anormais, com base em marcadores que, supostamente, atuam na proteção das crianças com características específicas:

O que o meu pai e minha mãe protegiam não eram os meus direitos de criança, mas as normas sexuais e de gênero que dolorosamente eles mesmos tinham internalizado, através de um sistema educativo e social que castigava todas as formas de dissidência com a ameaça, a intimidação, o castigo, e a morte. Eu tinha um pai e uma mãe, mas nenhum dos dois pode proteger o meu direito à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade. (Preciado, 2013, p. 2).

Em “Quem defende a criança queer”, Preciado (2013) se posiciona em defesa, especialmente do direito das crianças que escapam às normas cisnormativas e heteronormativas, como crítica ao desejo do sistema sexo/gênero de educar para que seus corpos sejam cooptados para força de trabalho capitalista e reprodução intrinsecamente heterossexual. Dessa forma, os corpos serão lidos e reconhecidos como normalizados/sujeitos ou marginalizados/abjetos a partir de lentes e padrões socioculturais cisnormativos. Nessa perspectiva, a normalidade é conferida aos corpos que se identificam a identidade de gênero designada ao nascer, a partir da genitália. A cisnormatividade é um conjunto de forças que atua para naturalizar e privilegiar a ideia de produção de corpos e gêneros como “naturais”, “biológicos” e “naturais” (Vergueiro, 2016).

Em sociedades patriarcais os corpos das crianças e suas infâncias são construídos em um sistema de dominação, propriedade e poder. Fomos ensinados, enquanto crianças, e ensinamos às outras crianças a ética do capital e do poder que diz:

que os poderosos têm direito de comandar quem não tem poder e podem usar quaisquer meios para subordiná-los. Na hierarquia do patriarcado capitalista de supremacia branca, a dominação das mulheres por homens é justificada, da mesma maneira que a dominação adulta de crianças. E ninguém quer chamar atenção para as mães que abusam. (hooks, 2018, p. 91).

Ao pensarmos o poder dentro da ótica capitalista, imediatamente teremos que nos referir ao território de disputa onde esse poder, muitas vezes, atua: o corpo. Seja no passado ou no presente, o corpo é o local onde, muitas vezes, acontecem as disputas sociais de poder. Certas características como cor dos cabelos, nariz, formato da boca e presença de vagina ou pênis, organizam as diferenças como forma poder em muitas culturas. Essas marcas, ou

diferenças, distribuem o poder ao longo das histórias e das sociedades, mudam e alteram conforme a época e com o local, ou seja, se transformam.

É também de extrema importância compreendermos a construção do conceito de heteronormatividade na história. Para tanto, busquei bases em Viviane de Melo Mendonça (2020), Richard Miskolci (2009), Rogério Diniz Junqueira (2012; 2013) e Guacira Lopes Louro (2001). O conceito de heteronormatividade tem sido desenvolvido nos estudos sobre a vivência da sexualidade ao longo dos últimos séculos. O aumento desses debates, nas últimas décadas, trouxe à tona a luta por direitos das chamadas “minorias” sexuais em oposição a grupos conservadores. No entanto, a transformação e a expansão desses debates deram origem a diversas posturas dentro do mesmo movimento, especialmente em meados de 1975: enquanto alguns buscavam a integração dentro do sistema estabelecido, outros almejavam romper com o binarismo de gênero (Louro, 2001).

A academia acompanhou atentamente esse movimento e contou com importantes figuras que impulsionaram os debates em torno da desconstrução das dicotomias tradicionais: masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual. Entre esses teóricos, podemos mencionar Eve K. Sedgwick, David M Halperin, Judith Butler e Michael Warner, cujas reflexões sobre a sexualidade como um dispositivo sócio-histórico de poder na contemporaneidade foram reconhecidas como estudos queer (Miskolci, 2009). Durante os anos 1990, esses teóricos avançaram em suas críticas ao sistema binário homo/heterossexual, questionando sua construção e os mecanismos de organização social a ele associados. Essas críticas se afastaram do movimento de gays e lésbicas que, na época, buscavam a integração no sistema social que os marginalizava, por meio de ideais assimilacionistas e identitários (Louro, 2001).

No entanto, foram as feministas lésbicas como Eve K. Sedgwick (1985), em “Between men: english literature and male homosocial desire”, e Adrienne Rich (2010), com “Compulsory heterosexuality and lesbian existence” (1980), que deram base para a compreensão da estrutura compulsória da heterossexualidade (Miskolci, 2009). No entanto, foi apenas em 1991, que Michael Warner nomearia o conceito de heteronormatividade como conjunto de práticas, valores e obrigações sociais que estruturam e legitimam a heterossexualidade como natural, única e compulsória em nossa sociedade (Junqueira, 2012; Miskolci, 2009, Mendonça, 2020). Dessa forma, heteronormatividade é “um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão” (Junqueira, 2013, p.

483). Diante disso, compreender a concepção de heteronormatividade que instaura normas aos corpos das crianças se torna essencial para o debate aqui proposto.

1.2 Entre crianças, ovos e galinhas

– Olho o ovo na cozinha com atenção superficial para não quebrá-lo. Tomo o maior cuidado de não entendê-lo. Sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando. Entender é a prova do erro. Entendê-lo não é o modo de vê-lo. – Jamais pensar no ovo é um modo de tê-lo visto. – Será que sei do ovo? É quase certo que sei. Assim: existo, logo sei. – O que eu não sei do ovo é o que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito. – A Lua é habitada por ovos. (Clarice Lispector, 1999, p. 52).

Uma das minhas grandes dúvidas atuais está em torno do olhar de estranhamento que as crianças revelam sobre o mundo e sobre os adultos. Além do olhar, a forma como se relacionam com o mundo, com o corpo e com a espontaneidade em suas práticas cotidianas. Admito que a criança que fui até os sete anos de idade vivenciava o corpo, a dança, o seu desejo e as dúvidas de forma singular. Tive uma época da infância em que o “porquê” era repetido quase em todas as frases. Queria saber o motivo das coisas, até o ponto de alguém me ignorar pelo acúmulo das perguntas ou pela falta de respostas às questões mais variadas possíveis. Seria ordem do mesmo estranhamento que Clarice Lispector teve ao olhar o ovo: inaugural, infantil, em aberto?

Acredito, no entanto, que Clarice conseguiu, de algum modo, romper com a fragmentação que sofremos no processo de transição para a adultez. Crescemos dentro de uma sociedade com uma postura moderna ocidental, onde se privilegia cada vez mais a racionalidade e a técnica da causa-consequência, onde aprendemos que nossos desejos e paixões têm de ser negados para se tornar adulto, não havendo espaço para a indefinição radical da qual encontramos as crianças (Larossa, 2003), os ovos e as galinhas. Vivemos em um mundo adultocêntrico que trata as crianças como “outro” em movimento de transformação para o ideal adulto, impelindo a nossa capacidade de se divertir e sentir prazer nas inventividades, dúvidas, incertezas, paixões vão sendo sufocadas e diminuídas ao encontro da aprendizagem (hooks, 2017; Larrosa, 2003).

Cada vez mais se busca respostas para um tipo de entendimento de realidade que aniquila o mistério, a indefinição e o novo. É uma política totalitária baseada na inovação do mercado capitalista que mercantiliza e fabrica as relações, os corpos, para um futuro que dê lucro, para um futuro que gere mão-de-obra e reproduza pessoas e valores dominantes. Nossas

imaginações, *corpomentes*⁵ e modos de olhar o mundo vão sendo contaminados pela verdade colonial do homem norte-europeu branco, cisgênero, heterossexual, rico que encontrou espaço nas ciências positivistas para controlar e projetar o ideal de humano em nossa sociedade e garimpar privilégios diante dos “outros”. É nesse referencial de saber e conhecimento científico e desenhadas numa “neutralidade” que os corpos considerados “outros” ocuparam o local de “objeto” na relação sujeito/objeto, de estratificação, de exótico dentro de uma relação vertical de construção de saberes e de humanidade (Kilomba, 2019).

Somos impelidos o tempo todo a buscar olhar, ser e se encaixar no que é considerado “normal”, produzindo relações cada vez mais objetificadas e objetivizadas, tornando nossas práticas menos encarnadas, afastando-nos de nossas intuições, das sensibilidades e dos questionamentos e da emoção (Mendonça, 2020). A criança e seu olhar inaugural, assim como seu corpo, tende a ser formatado dentro das lógicas pedagógicas modernas ocidentalizadas, mas muitas delas oferecem resistência às normas cisheteropatriarcais, racistas, classistas, sexistas, imperialistas e adultocêntricas. Como des-olhar e encarnar as relações para potencializar uma prática de vida, de aproximação *corpomente*?

As feministas negras, lésbicas e do terceiro mundo, numa prática decolonial de pesquisa apontam para um giro decolonial dentro da concepção dos corpos como prática de conhecimento, habitando as fronteiras do conhecimento, onde seja possível a nomeação das normas para compreensão e desnaturalização, outro modo de fazer ciência. É a importância de ocupar espaços, de reconhecer a localização dos corpos plurais e de se relacionar de forma horizontal com os outros, podendo recuperar o próprio corpo no processo da escrita, que desvela e toca as linhas e parágrafos com o *corpomente*. Entre algumas delas: *Ensinando a transgredir* (hooks, 2017); *La consciência de la Mestiza/Rumo a uma nova consciência* (Anzaldúa, 2005), *Olhos d’água* (Evaristo, 2014); *Um dia você vai sentir na própria carne: afeto, memória, gênero e sexualidade* (Mendonça, 2020), *Não vão nos matar agora* (Mombaça, 2021), “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica” (Rich, 2010) e *Memórias de plantação* (Kilomba, 2019).

Poder libertar a si e o outro encontro de saberes, para pensarmos a criança, é construir espaços de encontros radicais de alteridade *com* todas as crianças que são atravessadas consubstancialmente pelas diversas categorias de diferenças em nossa sociedade, podendo resgatar coletivamente seus próprios sentidos: corpos monstruosos, anormais, queer,

⁵ Utilizarei o conceito de *corpomente* por compreender o corpo e a mente como inseparáveis, visto que é essa dicotomização racionalidade/emoção, corpo/mente é um projeto colonial de compreensão da própria experiência.

peculiares do ponto de vista da norma, em relações menos anticapitalistas e neoliberais e que permitam a infância o próprio espaço de potência, luta, inventividade, podendo dizer por ela mesma, dispondo assim, de encontros potentes de autonomia na indeterminação, no erro, no fracasso, na feiura, na poesia e na singularidade de cada encontro e cada corpo e cada relação menos colonizadora.

Construir relações profanas, blasfêmicas e de estranheza com o mundo pode fazer com que abandonemos nossas certezas, nos relacionemos de forma diferente com nossos corpos/mente e abra uma terceira via para nossa sociedade pautada no modelo binário. Talvez, dessa forma, possamos nos relacionar diferentemente com o outro, reconhecendo o que há de “outro” dentro de nós, se relacionar de forma diferente *com* as crianças e exercitar outras formas de olhar para o ovo, questionando de onde se olha esse ovo, compreender a relação do ovo, da galinha e dos demais, reconhecer o que não sabemos e aceitar a abertura para encontrar e nos (re)encontrar nas relações com o próprio corpo, resgatando o estranhamento e paixão nas relações.

3 PERCURSOS FRONTEIRIÇOS: ESCUTA SENSÍVEL DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

Certa vez, uma Jovem estudiosa que estava entrevistando mulheres que haviam passado por cirurgias de câncer de mama me contou essa história. Ela estava conversando com uma senhora recém-viúva, que falara detalhadamente sobre muitas coisas, mas que evitara cuidadosamente o tema da entrevista. O desejo daquela senhora era de proteger a própria intimidade se confrontou com o desejo da pesquisadora de conhecer a experiência dela – então, a senhora não falaria sobre isso. No entanto, seu próprio desejo de contato humano, tão importante para uma pessoa que estava só, lhe fez querer continuar a conversa, de modo que ela falou sobre outras coisas. Só que por acaso (e desta vez com o gravador desligado) a jovem pesquisadora mencionou que ela também havia feito uma cirurgia de câncer de mama. E ali mesmo a relação mudou: “Então você é uma de nós”, disse a senhora. (Portelli, 2016, p. 12-13).

O que implica a posição do entrevistador “ser um de nós” numa relação de entrevista em história oral? A escuta sensível requer uma construção de cuidado que é bastante complexa e necessita de um terreno fértil para desabrochar. Compartilhar a experiência de vida junto ao narrador pode alterar radicalmente o encontro da entrevista e abrir *diálogo* na relação da entrevista. Isso porque, implicitamente, a posição de pesquisador já lhe confere alguma autoridade que deve ser cuidada e compartilhada nesse encontro. No caso acima, a similaridade da experiência, lhe conferiu uma abertura de confiança para abrir o diálogo. Ao mesmo tempo, a diferença de idade, sendo a narradora a mais velha na relação, colocou-a como autoridade, alguém que tinha algo a ensinar.

Dessa forma, a similaridade da experiência e diferença de idade abriram espaços para que a narradora pudesse confiar em ser/estar no papel de autoridade de seu conhecimento, para que o outro pudesse aprender com seu saber, mantendo, então, uma relação de aprendizagem (Portelli, 2010; 2016). Isso demonstra o quanto é necessário cuidarmos da sensibilidade de nossa escuta para assumirmos uma posição de ignorância, onde é necessário buscar compartilhar a autoridade e poder, buscando, através do diálogo, um espaço de igualdade em seu sentido utópico (Portelli, 2010).

Acredito que para a construção de uma escuta sensível, ter passado por experiência próxima ou similar da pessoa entrevistada – similaridade – contribui para que o processo de confiança se estabelece na possibilidade de escuta sensível, bem como a possibilidade de se posicionar como alguém que aprende com o narrador, que não só investiga, mas ouve de fato.

Essa relação é bastante dinâmica e necessita de treino e serenidade, pois bem como estamos analisando e investigando, o mesmo ocorre na dialogicidade da relação:

O observado também nos observa e nos julga a partir de comportamentos dos quais sequer estamos conscientes (como o fazendeiro na Toscana que deduziu minhas inclinações políticas do fato de que, como ele explicou a um amigo, “ele não explicou nada sobre padres”. Por vezes, são as questões que não fazemos que abrem o diálogo). Em outras palavras: é a abertura do historiador para a escuta e para o diálogo e o respeito pelos narradores, que estabelece uma aceitação mútua baseada na diferença, e que abre o espaço narrativo para o entrevistador entrar. (Portelli, 2016. p. 15).

Somente com tempo, serenidade, dialogicidade e empatia se faz possível o terreno para o espaço narrativo florescer. É um grande desafio dentro de nossa sociedade, cansada de barbáries, inclusive por não ter “receita de bolo”, mas, sim, a possibilidade de lapidação dos próprios sentimentos para a sustentação do encontro que produza a possibilidade de tradução dos gestos corporais, dos silêncios e do tempo das lágrimas (Rovai, 2013). Para que seja possível escutar o outro além das palavras, é necessário silêncio dentro de nós mesmos. Para haver silêncio é necessário cuidado diário e paulatino de rompimento com uma sociedade excessivamente informada... É necessário arte, poesia, tédio e descanso para alcançarmos a atenção contemplativa do/no encontro do outro (Han, 2015).

2.1 História oral: Primeiro passo de uma caminhada já iniciada

*Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.
(Gloria Anzaldúa, 2005, p. 232).*

Mesmo esse trecho sendo direcionado às mulheres de cor e do terceiro mundo, facilmente pode ser pensado para muitas pessoas e populações que tiveram seus direitos históricos negados, anulados e silenciados. Estou falando sobre pessoas LGBT, pessoas racializadas, pessoas pobres, pessoas queer, ou para quem o espaço da escrita parece algo impossível diante das dificuldades dentro de nossa sociedade.

Escrever nem sempre é um exercício fácil e muitas vezes requer grande esforço. Quando digo isso, não me refiro a palavras ou textos simples, mas a uma escrita implicada, uma escrita onde é necessário esforço em colocar suas histórias, entranhas, seus sentimentos,

dores e cicatrizes em textos, uma escrita da carne (Mendonça, 2020). Além, claro, da disponibilidade como um todo para tornar isso possível. Esse poema é uma lembrança de que a escrita pode nos salvar de histórias silenciadas e apagadas, é sobre resistir, ocupar um espaço onde podemos contar a própria história através de nós e dos Nós...

Essa dissertação vem com a proposta de contar sobre nós, não como entidade unificada e ideal, mas em sua potencial diversidade e limites enquanto comunidade atravessada pelas experiências das estruturas normativa de sexo-gênero e outros marcadores, através da sensibilidade e escuta e do exercício da democracia. É um contar de nós para alcançar na escrita a voz que nos foi negada e a possibilidade de *tornar-se* sujeito, tornar possível contar a própria e transformar a própria realidade (Kilomba, 2019).

Sempre que me sinto engessado para escrever, busco neste texto de Anzaldúa, esperança e forças para continuar tentando, me esforçando e pensando que, ao escrever, digo não somente sobre mim, mas sobre muitas outras pessoas que, mesmo antes de mim, possibilitaram aberturas e possibilidades para ocupar o espaço em que estou hoje. Mesmo que sejam meus primeiros passos em direção à voz que nos foi negada, esse caminhar foi iniciado por muitas outras pessoas, mulheres, LGBTQ+, pessoas racializadas, pobres, enfim, pessoas que vivem nos nós da fronteira e que o poder teima em negar e silenciar. Quando digo “nós”, quero dizer que meu corpo também foi marcado e lançado à experiência das fronteiras e me proponho a ouvir a partir de dentro, desta localização (Anzaldúa, 2005; Haraway, 1995).

Mesmo que na infância não tenha tido acesso às referências e representações positivas de performances além do binarismo de gênero, a luta já estava sendo travada por outras pessoas. Indivíduos e coletivos lutando para que fossem ouvidas (os), resistindo ao sistema estrutural para poder contar sua própria história... Histórias que contam sobre nosso sofrimento, mas também nossas histórias de alegrias e resistências, individuais e coletivas. Buscar uma metodologia que possibilite reescrever a própria história é um processo que atua diretamente em relação ao tempo, pois implica dar sentidos próprios a nossas histórias, bem como em relação ao compromisso ético e político de redistribuição do poder. Isso porque, em geral, o poder da palavra, da comunicação, e da história sempre foi condicionada pelas elites midiáticas a contar sobre nós e por nós, ou simplesmente não contar. Por isso, a função dessa pesquisa é alcançar, antes de tudo, uma função transformadora de tornar-se sujeito da própria história, da própria vida:

Analisar criticamente essa memória e tê-la presente no discurso político, no discurso público, no discurso historiográfico não é só uma questão de fazer uma História profissionalmente, academicamente correta. É isso também,

porque o revisionismo histórico não tem nada de científico nem de academicamente respeitável; é, portanto, uma tarefa acadêmica, uma tarefa científica. Porém sua primeira função, sua função mais importante, é uma função política e ética. (Portelli, 2010, p. 12).

Podemos e devemos pensar a redistribuição política e ética da oralidade não só como uma forma de colher informações importantes, mas, mais que isso, como um espaço de exercício da democracia, na medida em que é nosso dever, enquanto humanidade, escutar e reconhecer o saber das pessoas silenciadas:

É porque há uma relação profunda, uma relação muito intensa, entre a oralidade e a democracia. Todos os meios de comunicação, do scanner ao computer, excluem uma parte da humanidade. Há pessoas que não sabem escrever ou ler; há pessoas que não manejam o computador; porém a voz, a oralidade, é um meio de comunicação que todos os seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam. Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público. Buscamos fontes orais porque queremos que essas vozes – que, sim, existem, porém ninguém as escuta, ou poucos as escutam – tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente. Com frequência se diz que, na História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia. (Portelli, 2010, p. 13).

A perspectiva teórico-metodológica adotada é da história oral por ser uma metodologia capaz de oferecer escuta aos sentidos de grupos atravessados por temas específicos, tanto da minha como de muitas outras histórias, como uma linha que tece e entrecruza nós de afetos e memórias coletivas, principalmente como exercício da democracia e compromisso ético e político, podendo oferecer diferentes representações da realidade (Freitas, 2006; Meihy; Holanda, 2007; Portelli, 2010; Rovai, 2013).

A história oral no trabalho com memórias de infâncias de pessoas LGBTQ+ adultas trazem o grande potencial e o desafio de retirar dos escombros da história oficial, a história de pessoas comuns que atravessaram e sobreviveram as estruturas adultocêntricas, racistas, cisnormativas, heteronormativas, patriarcais, classistas, entre outras. Busco investigar mais precisamente sobre os possíveis laços e nós de afetos de corpos que cotidianamente oportunizaram a continuidade dessas vidas e histórias além da história oficial e do poder das

histórias que fazem com que nos tornemos os “outros” da história, num processo de outrização (Kilomba, 2019; Meihy; Holanda, 2015).

Fronteira ou experiência fronteira foi um conceito criado por Anzaldúa (2005). Revela-se como uma metáfora da experiência subjetiva de sua condição de estar no mundo, que ultrapassa as fronteiras geográficas e alcança o corpo e as identidades:

A questão da fronteira sempre esteve presente na vida de Anzaldúa. Como é perceptível em seus escritos, ela não trata apenas da fronteira física entre os territórios mexicano e estado-unidense: Anzaldúa utilizou dessa tensão para se entender como ser humano, para se definir como pessoa, para pensar sua cor, sua sexualidade, sua identidade e seu lugar no mundo (ou o seu não-lugar) (Palmeira, 2020, p. 14-15).

Experiência fronteira é resultado de uma “ferida aberta” na subjetividade do indivíduo ocasionada pelas violências das estruturas de dominação sociais e binárias, causando não só sofrimento, mas, apesar disso, resistência e sobrevivências. Nesse sentido, tal experiência propicia a oportunidade de juntar os fragmentos deixados por essa violência, tomando consciência, hibridizando e misturando.

Anzaldúa e Kilomba reconhecem a língua e a linguagem como espaços de poder estratégicos utilizados para dominar, controlar e silenciar outras populações e culturas. Anzaldúa destaca como a linguagem pode ser uma ferramenta de opressão e colonização, enquanto Kilomba explora o conceito de máscara em *Memórias de Plantação*, evidenciando como o sujeito colonizador, representado pelo homem branco, constrói estruturas binárias para se promover como o ideal, o normal e o dominador. Essas estruturas binárias são essenciais para sustentar a sua condição de poder, dependendo intrinsecamente da subalternidade e do silenciamento do “outro” em diversas formas epistêmicas, simbólicas e concretas (Kilomba, 2019).

A história oral carrega em si a possibilidade subversiva de uma História Outra (Portelli, 2010), uma história “vinda de baixo”, de grupos que não tiveram a possibilidade de narrar a si mesmos, sendo muitas vezes silenciados (Meihy; Holanda, 2015), esquecidos nos escombros da história ou escutados como alegorias, objetos de estudos e/ou estatísticas. Com a história oral não se almeja apenas “dar a voz” às memórias e história de vidas de sobreviventes de estruturas de opressões, mas como pontua Portelli (2010) é oferecer ouvidos, oferecer *escuta e presença* na possibilidade de COM-PAR-TILHAR sensações, dores e alegrias, experiências que potencializam a vida e amplificá-la nos espaços público”.

2.2 História oral de vida tópica, tropeços e desafios...

Quando iniciei o projeto de pesquisa, buscava analisar a violência doméstica de pessoas expulsas de casa por serem LGBTQ+. A história oral já se fazia presente como metodologia da pesquisa. Mesmo com a alteração do tema, mantive a metodologia. A história oral é compreendida como um conjunto de procedimentos científicos que fornecem a possibilidade de pensar a sociedade contemporânea (Meihy; Holanda, 2015). No Brasil, a primeira experiência de história oral tem início em 1971 no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, e vem ampliando seus debates, apesar dos desafios encontrados, principalmente durante o golpe militar de 1964 (Freitas, 2006). De maneira geral os procedimentos em história oral utilizam gravações eletrônicas para o registro de *fontes orais* ou apreensão de narrativas através das entrevistas.

Com o intuito de gerar fontes históricas, a postura mantida na metodologia de história oral pode ser desenvolvida em três gêneros: tradição oral, história de vida e história temática. Em tradição oral pode-se reconhecer como um processo da busca pelo reconhecimento das tradições geracionais numa mesma comunidade, diferente da história oral temática, que tem como foco uma entrevista com um determinado critério de enquadramento (Freitas, 2006). Esta última se diferencia da história oral de vida – que comumente pode ser chamada de “entrevista livre” – por adotar critérios para um questionário com determinado tema (Meihy; Holanda, 2015).

Aprofundando um pouco mais, a história oral de vida:

Na história de vida é feita a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo. Esse relato – que não é necessariamente conduzido pelo pesquisador – pode abranger a totalidade da existência do informante. (Freitas, 2006, p. 21).

Podendo ser entendida como “entrevista livre”, a história de vida pode ser compreendida em seu modelo tradicional e/ou completo e seu modelo tópico:

Ainda do ponto de vista prático, o trabalho de campo pode realizar-se de várias formas, sendo suas principais modalidades: (a) a história de vida completa que recobre todo o conjunto da experiência vivida por uma pessoa, um grupo ou uma instituição; (b) a história de vida tópica que dá ênfase a determinada etapa ou setor da vida pessoal ou de uma organização (Minayo, 1992, p. 160).

Neste trabalho, utilizaremos a história de vida oral tópica, onde dará ênfase nas memórias de infância de adultos LGBTQ+. Portanto, há especificidades de um tópico que

estimula o relato do colaborador da pesquisa mantendo ainda sua abertura e narrativa espontânea.

Além disso, se faz necessário apontar os limites e desafios encontrados no percurso deste trabalho, ou diria melhor, os tropeços ocasionados principalmente no tocante a pandemia de COVID-19 que teve um dos seus períodos mais fortes no mês Março de 2021, início das aulas do mestrado. Fomos tomados pela mudança das aulas presenciais para as aulas à distância, pelo desafio de repensar nossos projetos e entrevistas de história oral, enfrentando além de tudo, um desgoverno que potencializava gradualmente as infecções e luto de muitas pessoas, brasileiros, inclusive algumas próximas, afetando direta e indiretamente a todas as pessoas, pesquisadores e pesquisas.

Diante de todo o cenário de incertezas e mudanças, busquei priorizar as entrevistas no modelo presencial, mesmo que depois de algum tempo, fosse certo que teríamos que fazer de forma online. Buscando refletir um pouco sobre os limites e possibilidades das entrevistas online, minha preocupação girava em torno da riqueza e afetabilidade diante do encontro presencial, sendo possível dividir e compartilhar aspectos que estão para além da voz, como por exemplo, gestos, acolhimento e o próprio toque que podem traduzir coisas ditas de formas outras.

Santhiago & Valéria Magalhaes (2020) refletem as contradições sobre vantagens e desvantagens do processo da história oral à distância, principalmente pela necessidade de isolamento iniciado pela pandemia de COVID-19 em março de 2020. Eles apresentam vários trabalhos com distintas percepções sobre a história oral tendo como base quatro critérios para avaliação da comunicação em história oral: oralidade, dialogicidade, imediatez e situacionalidade. O principal argumento contra o uso de entrevistas à distância seria o da impossibilidade de construção de intimidade e confiança neste modelo. O que os autores sugerem é que apesar de vários desafios e cuidados necessários, além de pesquisas e debates sobre o tema, as entrevistas à distância apresentam limites, mas também, possibilidades outras, onde se apresenta como recurso importante no caminho para o progresso de produção tecnológica e científica. Apesar disso, não aprofundaram em uma crítica sobre as questões econômicas que permitiriam o acesso a estas tecnologias, podendo revelar quais pessoas poderiam ou não participar e colaborar na história oral.

Diante dessas questões, em relação aos limites deste trabalho, a seleção dos participantes, a condução das aulas e a adaptação das entrevistas para o formato online representaram os maiores desafios. Embora o trabalho tenha ressaltado as limitações das entrevistas online, é importante destacar que, nesse momento da pesquisa, elas

proporcionaram a oportunidade de alcançar pessoas que não seriam acessíveis de outra forma. Contudo, é crucial reconhecer a crítica já mencionada acerca do acesso limitado a ferramentas tecnológicas que pode restringir a participação de pessoas socioeconomicamente desfavorecidas.

Referente às escolhas dos participantes, participaram das entrevistas pessoas próximas e conhecidos, assumidamente LGBT e que fossem maiores de 18 anos. Foram feitas 04 entrevistas no total. O primeiro contato foi feito no mês de outubro de 2021 através de mensagens pelo aplicativo WhatsApp para uma pessoa que eu já tinha algum contato.

Inicialmente buscava apenas uma pessoa, com a esperança de que futuramente fosse possível fazer entrevistas presenciais com outras pessoas. Foi explicitado sucintamente o teor central da pesquisa, condições de gravação, sigilo da entrevista, a importância social e as etapas até a devolutiva. As etapas foram desenvolvidas da seguinte forma:

1. Inicialmente, estabeleceu-se contato com os participantes via WhatsApp para apresentar brevemente o projeto e definir uma data para a entrevista.
2. Durante a entrevista, foi realizada uma explicação detalhada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) do projeto, seguida pela leitura conjunta e aceitação. As entrevistas foram conduzidas por meio do Google Meet.
3. Após as entrevistas, uma devolutiva parcial foi fornecida aos participantes. Em seguida, o TCLE foi assinado, e o sujeito colaborador teve a oportunidade de revisar e fazer a edição da transcrição e transcrição das entrevistas. Esse processo ocorreu tanto de forma presencial quanto online, por meio de e-mail ou WhatsApp, conforme a preferência dos participantes.

É importante ressaltar que, embora o contato presencial tenha sido priorizado em todas as etapas, nas primeiras entrevistas, devido a circunstâncias específicas, foi necessário conduzir o processo de forma online. Contudo, após a imunização completa dos entrevistadores e dos participantes com as três doses da vacina, as devolutivas puderam ser realizadas presencialmente, sempre seguindo as medidas de segurança recomendadas, como o uso de máscaras. Na última entrevista, tanto o momento da entrevista quanto os contatos posteriores foram mantidos presencialmente, facilitando uma interação mais próxima e significativa.

Em todas as entrevistas foram considerados gestos corporais e narrativas até depois dos dispositivos serem desligados, levando em conta a construção da devolutiva onde os colaboradores podem decidir sobre a edição do material colhido. No entanto, apenas nas

entrevistas com Pedro e Maria, foram necessárias marcações posteriores por conta de sentir que as narradoras tiveram maior abertura à conversa quando com o aparelho desligado.

2.3 Participantes da pesquisa: Poder, nós e fronteiras

O segundo nível remete à relação entre os historiadores e os narradores orais que entrevistamos. Porque, como eu dizia antes, não são objetos da investigação, mas sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre entrevistado e entrevistador. Um diálogo em que os papéis se modificam, mudam, em que nem sempre é o historiador quem faz as perguntas, há perguntas colocadas pelo entrevistado. Há duas agendas que se encontram: a agenda do historiador, que tem perguntas, algumas coisas que queremos saber; e a agenda do entrevistado, que aproveita a presença do historiador para contar as histórias que quer contar, as quais não são necessariamente as histórias que buscamos. E talvez, amiúde, são mais interessantes do que as histórias que buscamos. (Portelli, 2010, p. 4).

Foram realizadas quatro entrevistas. Os pré-requisitos para a escolha dos entrevistados é que fossem pessoas adultas, maiores de 18 anos, que vivenciem atualmente relacionamentos homoafetivos e/ou não se enquadrem na cisgeneridade e, no período de sua infância, residissem em zonas periféricas afastadas do centro da cidade e/ou com baixa renda familiar. Por conta da pandemia do covid-19, realizamos entrevistas híbridas. Três entrevistas foram feitas no modo online pelo aplicativo Google meets, com tempo máximo de 120 a 180 minutos, e apenas uma entrevista presencial com a mesma duração.

Os entrevistados são pessoas entre 22 e 45 anos, sendo um homem trans heterossexual pardo; uma pessoa negra sem designação de gênero que se relaciona com homens; um homem cisgênero e homossexual branco e uma mulher trans heterossexual negra. Todas as identificações apontadas dessa forma foram feitas por autodeclaração. Todos moram na cidade de Sorocaba e região e nenhum deles se conhece. Foram escolhidos mediante convite e aceite da pesquisa. Dois dos participantes nasceram em Sorocaba, enquanto o terceiro nasceu em cidade próxima a Sorocaba, e a quarta colaboradora, em São Paulo.

O primeiro entrevistado, Pedro, está desempregado; o segundo, Jorge, atua como psicólogo; a (o) terceira (o), Naomi, é estudante de advocacia; e a quarta é costureira/estudante/professora. As entrevistas foram previstas para durar, no máximo, três horas, podendo a entrevistada (o) pedir pausa ou encerramento. Foi feito um roteiro com tópicos de perguntas prévias com base no tema e objetivos do projeto, mas o intuito foi que cada colaborador pudesse sentir-se à vontade para trazer o que mais lhe fizesse sentido,

deixando muitas vezes que pudesse narrar livremente, além do objetivo da pesquisa, compreendendo o processo de escuta, mas também daquilo que lhe pareceu necessário contar. Acredito, na verdade, que além do objetivo da entrevista, devemos ser uma presença que produza afetos potencializadores do encontro, de modo a reconhecer e escutar o que é importante para o narrador e, desse modo, não só buscar fontes, mas afetos que transformem esse compartilhar. (Sawaia *et al.*, 2018).

Por conta da necessidade de isolamento da pandemia, decidi iniciar o contato com uma pessoa já minha conhecida para entrevista em outubro de 2021, com a esperança de que, em breve, pudéssemos realizar entrevistas presenciais com a diminuição da infecção pelo covid-19. Depois de realizada a entrevista de forma online, aguardei um tempo para verificar a possibilidade de realizar entrevistas presenciais, porque essa modalidade possibilita maior riqueza de detalhes, afetos e possibilidade nos encontros.

No entanto, mesmo com a diminuição da infecção, acreditamos que a forma mais segura ainda seria continuar no modelo online. A segunda entrevista foi realizada em março de 2022, de forma online, com uma pessoa conhecida, morador da Zona Norte. A partir desse momento, durante os debates sobre experiências com história oral, percebi alguns desafios como entrevistador, os quais foram se modificando à medida que realizamos as entrevistas e adquirimos experiência através de práticas e discussões em grupos (Freitas, 2006).

Logo depois da segunda entrevista, quis realizar mais duas entrevistas com pessoas que não tinha contato algum. Então, procurei pessoas militantes e conhecidas que pudessem indicar participantes. Depois de algumas recusas e dificuldades provenientes do cotidiano de outros que, inicialmente aceitaram, decidi que faria a última entrevista com uma pessoa conhecida.

Utilizei nomes fictícios para cuidado ético com os participantes da pesquisa. Pedro foi entrevistado no dia 14/10/2021. Nossa conversa durou das 13h00min às 15h28min, apenas um trecho, em áudio, de pouco mais de vinte minutos foi gravado. Durante a entrevista, senti que a gravação deixava Pedro desconfortável, por isso, depois dos vinte primeiros minutos de gravação quando fiz as perguntas do roteiro, continuamos sem gravar, e Pedro ficou mais à vontade e pôde falar mais abertamente sobre si e as demais questões que quisesse trazer. A parte da conversa que não foi gravada, foi anotada em caderno e, posteriormente, solicitei a inclusão do conteúdo no momento da devolutiva. Pedro não se considera nem homem, nem mulher, tem 24 anos e mantém desejo exclusivo por mulheres. Nasceu em Sorocaba, está solteira/o, mora com os pais, se considera parda/o. No momento da entrevista, estava desempregada/o e não tinha filhos.

Jorge foi o segundo entrevistado. Nossa conversa ocorreu no dia 15/03/2022 e durou 01h38min e 57 segundos gravada com áudio e imagem. Jorge tem 45 anos, nasceu próximo a Sorocaba, se considera homem cisgênero, branco, homossexual, casado. Atua como psicólogo clínico e mora com o esposo, não tem filhos.

Naomi foi entrevistada no dia 16/04/2022, durante pouco mais de 01h44min:46. A conversa foi gravada em áudio e imagem. Naomi posicionou-se como pertencente à sigla LGBTQ+ porque era pré-requisito para participação na pesquisa, mas não quis se definir ou não se rotular (sic). A entrevista de Naomi foi a única entrevista em que ocorreu a interferência direta e indireta de uma pessoa, já que estava na casa de uma amiga no momento da entrevista. Tem 22 anos, nasceu em Sorocaba, preta, solteira, estudante de ensino superior, mora apenas com a mãe e não tem filhos.

Maria foi a quarta e última narradora. Sua entrevista foi feita de forma presencial no dia 05/12/2022 e durou cerca de 33 minutos e 01 segundos gravados, mais 30 minutos de conversa anotados no caderno e consentidos pela colaboradora para integração no texto final. Além disso, foram feitas perguntas complementares via WhatsApp para somar à entrevista. Maria exterioriza sua identidade como mulher trans, negra, com desejo exclusivo por homens, ou seja, heterossexual, 37 anos de idade, nasceu em São Paulo, solteira, mora sozinha, costureira, estudante de ensino superior e professora, não tem filhos.

Foi perceptível como nos momentos iniciais, as entrevistas tinham um teor mais truncado e, com o passar da entrevista, isso se dissipava e os participantes ficavam cada vez mais à vontade. Em alguns casos, a presença da gravação não favorecia a intimidade, sendo que Pedro e Maria, puderam falar mais livremente depois de desligado o gravador.

Logo após as entrevistas, realizei o processo de transcrição, que é a passagem da linguagem oral para a escrita de forma literal. Em seguida, transformei esse documento através da transcrição, conceito proposto por Haroldo de Campos:

Tendo-se, portanto, em mente que o código oral e o escrito têm valores diferentes, procura-se corrigir essa desigualdade através da transcrição. Processa-se então uma intensa atividade sobre o texto e a gravação, na qual palavras, frases e parágrafos serão retirados, alterados ou acrescentados, permitindo que o não literalmente dito seja dito. Esse processo está ligado à criação do teatro de linguagem, que é a passagem para o texto da comunicação não-verbal: a emoção insinuada através de uma careta, de um sorriso ou de uma lágrima. Trabalho árduo, verdadeira lapidação da fala, que não poupa a consciência do historiador de dilemas éticos perante cada alteração, adição ou corte. (Meihy; Holanda, 2015, p. 156).

Após a transcrição, ou tradução dos textos, como já havíamos sido vacinados, pedi para que pudéssemos ter encontros presenciais para a devolutiva das entrevistas. Pedro recusou porque tinha conseguido trabalho, mas aceitou as edições na transcrição. Jorge e Naomi aceitaram a devolutiva e assinaram o termo de consentimento. Maria Jorge manteve o contato na devolutiva de forma online, onde fiz mais algumas perguntas para somar à entrevista. Quando encontrei Naomi novamente, pedi para que ela falasse do episódio de racismo que passou, já que na entrevista não nos aprofundamos nesse tema. Além disso, contou que poder falar na entrevista foi muito importante por dar a oportunidade de perceber coisas que ela nunca falou a ninguém, inclusive de não ter o costume de falar de seus sentimentos para outras pessoas.

Já Jorge relatou que, após ler a transcrição, ligou para o amigo mencionado na entrevista, com quem não falava há muito tempo por conta de uma briga entre eles. Percebendo isso, pude compreender que as entrevistas tiveram brechas terapêuticas e possibilidades de ouvir a si mesmo, sendo significativas para esses sujeitos. Já para Pedro, pode-se pensar sobre a possibilidade ou não de transição. No caso da entrevista com Maria, a única em que foi realizada presencialmente, sua participação na transcrição se deu de modo bastante efetivo no aplicativo WhatsApp, podendo negociar inclusive, o significado de suas frequentes risadas na entrevista.

Após as entrevistas e devolutivas, iniciou-se o processo de análise que foi realizado em etapas nas seguintes etapas:

1. Transcrição e leitura de modo completo das entrevistas transcritas.
2. Elaboração da transcrição das entrevistas com base nas entrevistas transcritas. Excluindo momentos em que houve repetição do conteúdo trazido para entrevista, para desse modo, deixar a leitura mais leve, direta e instigante para o leitor.
3. Destaque de partes importantes dos textos transcritos que respondam às questões que dizem respeito ao tema e objetivos da pesquisa.
4. Síntese, em cada transcrição das narrativas de trajetórias de vida, das partes destacadas em palavras que possam expressar o sentido da análise. Tais palavras (ou pequenas frases) constituem categorias iniciais de análise.
5. Em seguida, os destaques e categorias das trajetórias de vida narradas foram confrontadas entre si, refinando a análise e a construção das categorias. Concomitantemente, para aprofundar as análises, estes resultados dialogaram com a perspectiva teórico-metodológica da história oral e dos estudos realizados sobre memórias e infâncias dissidentes das normas de gênero e sexualidade.

3 AS INFÂNCIAS QUE CONTAM

Neste capítulo, apresentamos as narrativas das pessoas entrevistadas seguindo a sequência cronológica das entrevistas realizadas: Pedro, Jorge, Naomi e Maria.

3.1 Na verdade, aqui é minha casa! – Pedro

Escolhi que nessa entrevista utilizarei o nome Pedro. Nasci e moro em Sorocaba tenho vinte e quatro anos, não me vejo nem como mulher nem como homem, mas sinto desejo exclusivo por mulheres. Minha fala transita entre masculino e feminino e acontecerá disso implicar na forma como falo. Tenho ensino médio completo, me considero parda⁶, solteiro e moro com meus pais num bairro da Zona Norte da cidade de Sorocaba. Atualmente estou desempregada e penso na possibilidade de transição, pois me sinto homem trans. No entanto, ainda é um assunto complexo, pois temo que a mudança da voz no processo de transição possa alterar a relação que tenho com meu pai, já que nos aproximamos através da música e das canções que fazemos juntos. Sinto que muitas vezes sou aceita numa posição de lésbica, mas sinto muita dificuldade em ser aceita como homem trans... Estou nervosa sobre o que falar. Sempre fui uma pessoa mais tímida, mais calada.

Não acredito que tenha muito a contribuir com o tema da infância, pois eu fiz tudo o que uma criança poderia ter feito: vivia para rua brincando com os meninos, jogava bola, soltava pipa e brincava de esconde-esconde. Foi muita coisa boa! Foi a melhor fase da minha vida! Hoje parece ser muito diferente, está terrível, algo difícil de ver hoje em dia. Antigamente, ficava tanto tempo na rua que meu pai ficava doido comigo. Eu sumia, ficava na rua e não avisava pra onde ia. Sempre tinha muita gente brincando na rua e eu estava no meio, eram mais ou menos umas vinte crianças, senão mais! Apesar disso, eram raras as meninas no grupo, de vez em quando saía uma menina para brincar, mas era algo muito raro. Eu era a única menina frequente do grupo, mesmo que nunca tenha me sentido “menina”. Era o dia jogando bola e esconde-esconde de noite, e algumas vezes jogávamos videogame na casa de alguém, mas, no final das contas, as maiores partes dos nossos encontros eram na rua. Nessa época, meu pai ficava doido comigo. Eu saía e não avisava para onde ia. Meu pai tinha muito medo de me deixar sair para rua, mas comigo foi diferente! Em casa somos duas filhas, eu sou a caçula. Minha irmã era proibida de sair de casa, meu pai não deixava. Eu já batia de frente com ele! Aos poucos ele foi deixando nós ficarmos mais tempo, as coisas foram

⁶ Nesta transcrição a atribuição de gênero nas palavras ora será no feminino, ora será no masculino, respeitando o modo como Pedro se define.

ficando mais leves... Mas eu sumia e ele ficava doido! Acredito que ele tinha medo, pois naquela época já existia maldade, apesar de hoje estar bem pior!

Na verdade, sempre existiu perigo em uma criança sumir ou ser pega na rua. Praticamente some uma criança todo dia, diferente de antigamente, não tínhamos muito medo de alguém mexer, de criança ser abusada por homem na rua, mas apesar de tudo, minha família sempre foi sossegada e lidou bem com isso.

Também costumava brincar muito na creche, mas foi no ensino médio, acho que na quinta série, que começou a ter um grupinho mais chato, que praticava bullying. Eu não deixava por menos, era terrível também, o bullying nunca funcionou comigo porque eu batia em todo mundo! Eu me impunha: – “Não vem falar comigo não”, eu dizia. Descia a porrada!!! Não que eu quisesse bater em todos, mas logo na primeira série, comecei a perceber que muitos alunos folgavam com outros, alguns que não conseguiam se defender. Eu precisava me defender e defender os outros. Na época, não se falava em bullying, essa palavra nem existia, mas algumas brincadeiras deixavam outras pessoas chateadas. Era muito comum ouvir chamarem outras pessoas de gordo, zoar com o cabelo do outro. Muitas dessas pessoas não se defendiam. Eu e outras pessoas buscávamos defender e fazer com que parassem com essas brincadeiras, mas os meninos eram muito irritantes. Eu apenas chegava e batia, batia mesmo!

Acho que sempre me destaquei das crianças por me defender. Eu não sofria. Nunca fui de ligar muito para o que os outros falavam, escutava por um lado e saía pelo outro. Não deixava nada me abalar tanto. Além disso, sempre me senti diferente porque eu nunca me senti como uma menina, nunca! Desde pequena sentia as coisas de forma diferente, me sentia estranha. Pensava: – “Há alguma coisa errada comigo”! Somente hoje em dia percebo que é normal. Percebo que era normal meu jeito de “moleca” de ser. Ouvia muitas frases se referindo a mim como “Maria Homem” por andar mais com os meninos do que com meninas. Me portava como um menino. Sempre fui assim. Nunca gostei de boneca, eu gostava mesmo era de carrinho e bola! Para mim, nunca existiu e nunca existirá essa rotulação de masculino e feminino. Assim como cor “azul é de menino e rosa para menina”. Essa diferenciação pesou muito mais na escola do que em casa. Senti que até os meninos do bairro me aceitavam muito bem, não ligavam para isso. Até gostavam da minha companhia, estava com eles em todos os momentos. Aqui, na vila, eles me chamavam para tudo: – Ah, vamos não sei aonde? – Vamos! Eu dizia. – Vamos jogar bola? – Vamos! – Eu respondia. Acontecia de seu sempre ser chamado ou estar chamando alguém no portão. Por isso eu digo: – Daqui eu não saio! Não saio! Não saio!

A minha maior infância foi aqui, meus pais nasceram e moram aqui até hoje, sempre estive aqui, na verdade, aqui é minha casa, é o bairro que me acolheu... É até difícil de dizer em palavras, pois sempre me senti seguro aqui, apesar das diferenças. Cresci me sentindo parte das e com as crianças desta comunidade, isso fez toda a diferença!

Infelizmente, hoje, temos alguns prédios abandonados dentro do bairro, mesmo assim, não temos muitos problemas. Há algumas construções e, em breve, teremos novos moradores, alguns parecem ser legais. Apesar de tudo isso, o bairro continua unido e nos sentimos seguros e tranquilos. Desde muito cedo senti muita liberdade morando aqui. Teve uma vez, quando criança, que jogamos barro no corpo em dia de chuva, esperávamos secar e ia se lavar. Repetíamos o processo várias vezes e várias vezes... Nos sentíamos livres. Hoje eu sinto que as crianças não têm a mesma oportunidade de sentir livre como antigamente. Na verdade, sinto muita falta desse tempo. Sinto falta dos amigos. Vejo alguns casados, outros namorando... Às vezes, nos reunimos e uma sensação forte de carinho e união se faz presente novamente. Me lembro com facilidade de todos aqueles momentos de infância... Se eu pudesse eu voltaria lá atrás. Gostaria de ser criança eternamente! Até pouco tempo, com dezoito anos mesmo estávamos relembando as lembranças das brincadeiras e voltamos a brincar! Como era bom brincar de esconde-esconde, ficar conversando na calçada ou jogar bola na rua ou na quadra de esportes do quarteirão. Muitas vezes só de sentar na calçada de casa e ficar conversando, já era suficiente. Sentir a liberdade da rua... Isso foi essencial!

Tivemos uma oportunidade que a nova geração nunca sentirá. Me assusto quando percebo que não há criança nenhuma brincando na rua hoje em dia. Não existe mais, não existe mais isso! A infância atual brinca de computador, celular, tablete. Ficam o dia inteiro em Tiktok e Youtube, não vão saber o significado de “brincar na rua”. Não irão ter essa oportunidade por questão de segurança. Por outro lado, hoje em dia, tem muita criança que já sabe que não tem rótulo, que família é família, independente de quem é a família ou da orientação sexual. Eu mesmo tive a oportunidade de me reconhecer enquanto homens trans, acessando e visualizando a rede social de outras pessoas trans nas redes sociais. Reconheci que tudo isso era normal e hoje sigo alguns perfis até hoje.

Apesar de não ter tido esse tipo de informação na época, não senti muito preconceito durante a infância, na família. Sempre tive uma boa relação com minha irmã mais velha, conto todos meus segredos para ela. Na verdade, nunca tive esse tipo de preconceito. Em casa, moramos eu, meus pais e minha irmã mais velha. Quando me assumi, na verdade, fui expulsa “do armário” pela primeira vez pela escola. Não tive a oportunidade de falar. Foi muito triste! Minha mãe entrou em choque, ficou um bom tempo sem falar comigo, mas isso foi passando

conforme os dias. Ocorre que, com quatorze ou quinze anos, a diretora chamou meus pais para uma reunião para falar sobre o relacionamento que eu tinha com outra menina dentro da escola. A forma como aconteceu piorou tudo, pois ainda não tinha exteriorizado ou até mesmo reconhecido meus desejos, não tinha aceitado completamente. Talvez eu precisasse de um tempo maior para elaborar meus sentimentos e tivesse mais condições de contar aos meus pais... Poderia ter sido diferente, ainda estava me descobrindo, me senti expulso, obrigado a exteriorizar algo que estava experienciando.

Acredito que minha mãe, atualmente, evoluiu muito, diferente do meu pai, que nunca demonstrou grandes problemas em relação a isso. Mas sou uma pessoa forte, é muito difícil ficar triste com alguma coisa, difícil algo me abalar, pois sempre tento manter a mente positiva ao máximo possível. Tento não ficar pensando nessas coisas. Eu tento manter minha cabeça forte. Me sinto uma pessoa mais combativa para enfrentar os problemas da vida e me afasto das pessoas quando ouço piadas ou em relacionamentos que não estão dispostos a me assumir.

3.2 É tudo que eu tive ali! – Jorge

Nesta narrativa eu escolho pelo nome de Jorge. Tenho 45 anos e sou nascido em Franco. Vivi boa parte da minha vida lá, mas moro na Zona Norte de Sorocaba há dezesseis anos. Me autodeclaro cisgênero branco, sou formado em psicologia, me considero homossexual e estou casado há doze anos em união estável, não oficial, mas por consideração... Indo para treze anos esse ano. Trabalhei minha vida toda em comércio e, em 2015, iniciei a faculdade de psicologia, que hoje é o trabalho em que estou tentando me estabelecer. Atuo na clínica há quase dois anos. Minha família sempre morou próximo a Sorocaba. Passei minha infância e adolescência nesta cidade até os vinte quatro anos. Após isso, fiquei até 2006 em Portugal, quando me mudei para Sorocaba, onde estou até hoje.

Minha infância foi toda na cidade onde nasci. Inclusive visito meu irmão duas vezes por ano na mesma residência em que vivi. Passei muitas férias numa cidade próxima de lá com a família da minha mãe que me é muito próxima, especialmente minhas tias. Perdi minha mãe muito cedo, com nove anos de idade e, por conta disso, sempre passei as férias na casa dessa tia que ainda é viva e reside lá. Ainda temos um contato muito forte, uma relação quase de mãe. Durante toda etapa escolar foi deste modo, estudava e quando chegavam as férias em julho e dezembro ia para a cidade das minhas tias. Essa dinâmica só parou de acontecer quando me tornei adolescente e comecei a trabalhar com quinze para dezesseis anos. Neste momento fiquei mais na cidade que eu nasci mesmo. Venho de uma época em que a gente não

tinha muito esse grito de falar “eu sou gay”. Confesso que ainda tenho um pouco dessa dificuldade de falar sobre a minha sexualidade, porque eu busquei olhar para as pessoas com igualdade e hoje compreendi que não é “opção” e sim uma orientação. Mesmo assim, ainda hoje tenho um pouco dessa dificuldade... por conta da maneira como fui criado na infância, como eu percebia, nunca vi uma pessoa por “ser gay”, ser diferente da outra, por “ser lésbica”, ser diferente da outra. Ainda na minha época de infância, não me lembro dos assexuados, não binário também, esse tipo de gênero, de orientação, eram mais os gays e as lésbicas.

No entanto, a sexualidade se demonstrou muito cedo nas brincadeiras sexuais com os próprios amigos de infância. Com sete anos, creio eu, que se iniciou [sic] as brincadeiras sexuais, geralmente entre mim e meus amigos. Brincadeiras que nunca deixaram de acontecer, se estendendo até a adolescência, quando ficávamos sozinhos. Sinto vergonha e um pouco de culpa ao falar... Lembrar disso me remete ao sentimento ambíguo, uma sensação de que estávamos fazendo algo errado e quando penso, logo penso em quem poderia ter iniciado tudo isso, tentando achar o culpado... A sensação vem a memória quando recordo essas brincadeiras. Um desses episódios, o mais importante talvez, ocorreu em um espaço onde nossa turma brincava e chamávamos de “lote”. Era um espaço que alocava materiais para construção, como pedra e areia, por exemplo... Lembro de estarmos todos brincando e o menino mais velho da turma ter iniciado as brincadeiras sexuais. Todo mundo participou. Eu não! Eu não quis participar, eu fiquei de fora. Talvez isso possa ter gerado revolta neles. Lançaram meu nome como participante da atividade sexual na época. Essa notícia vazou e todos os pais e mães ficaram sabendo. Meu pai veio falar comigo: – Por que você estava participando da brincadeira? – Eu não estava! Eu dizia. Mas não sei se ele acreditou em mim ou não. Eu chorava e dizia: – Eles estavam, mas eu não estava! Estava lá, mas não estava participando! Tornava a dizer. Eu lembro que foi um dia muito fatídico porque eu me sentia julgado. Mesmo não tendo participado, senti que o episódio recaiu de forma diferente em mim do que para meus colegas. Para mim, eles saíram da melhor maneira possível, todos eles continuavam sair brincar na rua, e para mim era difícil voltar a frequentar a rua, mesmo não participando da brincadeira que eles participaram! Eu não conseguia ir até eles, fiquei um tempo afastado de tudo. Falei para meu pai que iria me afastar porque eles colocaram o meu nome numa situação não qual não participei e aquilo me deixou muito triste.

Até hoje é difícil falar sobre isso, mas algum tempo depois voltou tudo ao normal e retornamos as brincadeiras na rua. Mesmo depois desse episódio, ninguém ficava cobrando nada dentro das amizades de infância, ninguém questionava ou falava sobre isso. Aconteciam

as brincadeiras e tudo era normal, ninguém falava, apenas acontecia... Só acontecia. Depois que crescemos nunca mais tocamos no assunto, sobre quem decidiu “o quê”. Cada um seguiu sua vida e tudo foi levado como um processo normal da infância, das coisas que aconteceram.

Embora tenha acontecido isso e mesmo sendo uma cidade pequena, aproximadamente vinte mil habitantes, tive muitas amizades! Tinha um, dois, três, quatro, cinco, seis... Uns oito amigos mais ou menos na mesma idade. Eram todos meninos. A gente estudava praticamente na mesma escola. Meu melhor amigo morava na frente da minha casa. Começou a trabalhar muito cedo. Nós estudávamos na mesma classe, até a quarta série, depois que eu mudei de escola. Até então, tomava café da tarde e já ia para rua. Todo mundo ia para a rua! Ficávamos até nove, dez horas na rua ou até nossos pais nos chamaram para entrar. A gente brincava de taco, bolinha de gude, figurinhas, peão e nas férias empinávamos pipa. Julho era pipa por conta que tinha vento e nos organizávamos por conta das férias. Dezembro e janeiro era pião e pipa de tarde, além das outras brincadeiras. De Futebol eu nunca gostei muito. Na verdade, isso tem a ver com o comportamento do meu pai. Analisando por agora, o ocorrido pode ter influenciado na época. Lembro de um local onde jogávamos futebol, onde meus amigos estavam sem camisa e como eu era gordinho, eu não queria ficar sem camisa. Meu pai fala: – Tira essa camisa. – Não, vou ficar com a camisa. Eu respondia. Chegou um momento em que ele foi estúpido comigo e me obrigou a tirar a camisa. Aquilo me marcou muito, pois eu não queria tirar a camisa, eu tinha o corpo bem gordinho mesmo, era barrigudinho, peitudinho, não queria que os outros ficassem olhando meu corpo daquela forma. Talvez isso tenha me afastado do futebol, de um jeito que eu não queria participar. Fugia desse sofrimento. Mas brincávamos muito, eram brincadeiras saudáveis, não existia celular, computador, as brincadeiras eram na rua.

Minha mãe tinha amizade com toda vizinhança. Nós éramos muito unidos na rua de casa. Amizades que duram até hoje. Duas dessas amizades faleceram muito novos: um faleceu no ano 2000, com vinte anos, e o outro faleceu agora, de covid-19, com quarenta e cinco anos, minha idade. Nós éramos unidos. Alguns ainda estão em Franco, outros já saíram de lá, mas há também alguns que não vejo faz muito tempo. Sempre perguntamos uns dos outros quando vemos alguém da família, até deixamos recados com as mães. É uma relação que perdura até hoje, de uma forma ou outra a gente ainda sabe de cada uma. Um desses amigos falecidos se chamava Carlos, era um amigo do meu irmão desde a época da escola, no final do ensino médio. Carlos e meu irmão fizeram magistério juntos e frequentava minha casa todos os dias. Fazia parte da família... Me viu crescer. Enquanto eles eram adolescentes, eu era criança. Ele ria de mim até pouco tempo antes de falecer: – Eu já sabia que você era gay, porque você

usava aquele shortinho apertado e saía rebolando daquele jeito! Sua bicha, eu tinha a perna torta, você sabe disso. Eu dizia. Como sinto falta disso! Ele falava pro Neto que é meu irmão: - Ih Neto, Jorge não tem jeito! Neto me repreendia, ficava louco comigo. Eu não lembrava, era muito pequeno, mas Neto me lembrou disso. Então a gente pegou uma amizade muito forte. Meu irmão logo deixou de sair de casa, até hoje não entendi o motivo. Já minha amizade com Carlos se fortaleceu. Já Mario, meu primo, fui saber que éramos primos na sétima série, quando estudamos juntos, inicialmente não nos gostávamos. Eu dizia: – Nossa, você é muito chato e metido! E de fato ele era. Eu recebia os mesmos comentários dele. Então a gente foi saber que o pai dele era primo-irmão da minha mãe, depois de um tempo que estávamos estudando. Aos poucos foram as amizades que fui me aproximando na infância e que somaram com a percepção da sexualidade.

Foi ainda quando criança, que começou o bullying relacionado à nossa forma de ser. O momento de maior dificuldade foi na escola, acredito que na quinta série, quando eu conheci dois amigos meus: Ricardo e Nino. O Ricardo já sabia da orientação dele, porque ele sempre se achou diferente. Já o Nininho, nunca falou nada sobre esse assunto, tinha uma atitude mais próxima da minha. Eu me achava uma pessoa que... Não me prendia a sexualidade. Eu não tinha essa visão de sexualidade, mesmo porque não era falado. A gente foi cobrado em relação à nossa maneira de ser nessa época. Eu participava da banda musical e um dos caras que fazia bullying também participava. Ele levou essa questão para banda. Na banda ninguém falou nada, mas, às vezes, eu me sentia desejado, quase como um “objeto”. Em algumas situações com colegas dessa banda em que estávamos conversando, era comum ter um tipo de brincadeira: – “Ai, olha os dois namoradinhos”! E no final das contas era só amizade mesmo. Me sinto um pouco pretensioso de falar isso, não faz parte da minha maneira de ser, mas acontecia de alguns garotos se aproximarem para poder ficar comigo. Mas em outros momentos, também éramos cobrados por se portar de determinada maneira, sobre nosso jeito de ser mesmo. Sobre a gente demonstrar que era LGBT. De uma maneira ou de outra, a gente já era gay, estava no processo de descoberta nessa época, mas fomos muito cobrados por isso.

Penso que a pressão chegava muito mais no Ricardo. Era muito diferente. O Ricardo foi sempre “muito despachado”. Logo que começamos a gostar de Madonna ele foi pintar o cabelo de loiro. Eu não, sempre fui da minha maneira de ser mesmo, dessa maneira como sou hoje, sempre fui assim. Eu não tinha roupas extravagantes, que chamassem a atenção, mas gostava de me vestir bem. Nessa época, eu e meu primo éramos conhecidos por sermos os mais cheirosos e bem vestidos. Todos diziam isso e ainda sou conhecido como uma pessoa muito cheirosa. Tenho essa ficção por perfumes, eu coleciono perfumes. Sou muito ligado a

essa fase da minha vida com cheiros, mas minha maneira de ser sempre foi essa. Sem dar abertura para o outro, só quem eu queria que chegasse até mim, chegava! Foi nessa época que senti que o tempo todo havia uma pressão para que eu não andasse com Ricardo e Nino. Me questionavam muito: – Viu, você vai continuar andando com eles? – Você também vai virar gay! Eles diziam. Nessa época, as pessoas “viravam gay”. E hoje eu vejo quanta hipocrisia havia. Claro que sou teimoso, acabei por assumir a bronca quando senti injustiça na escola. Eu falei: – Eu não vou perder amizade com eles! E isso me aproximou mais das questões LGBT. Eu queria estar com as minorias, eu cresci assim, do lado da esquerda, dos animais, do bem-estar. Eu jamais ia deixar de ter amizade com eles por questão do que eram ou não... Eu mesmo não sabia ao certo o que eu era e não achava que tínhamos que ser cobrado por conta disso. Apesar desse sofrimento e do medo no episódio da escola, apesar de sentir que não tinha ninguém para me defender, precisava fazer alguma coisa. Eu não podia deixar as pessoas pisassem em cima da gente da maneira com que pisavam. Eu trazia a marca da visão da professora da segunda série de falar que “eu tinha que andar rebolando menos e balançar menos os braços”.

Ela não quis saber o porquê eu tinha aquilo. Ela não percebia que minha perna era torta, minha perna é torta até hoje. A perna do meu irmão é torta, a perna do meu irmão mais novo é mais torta, que ele tem problema na coluna. A minha tia não está conseguindo andar direito, ela está com oitenta anos e a perna dela está praticamente encostada uma na outra, por conta dessa genética que a gente tem. E talvez isso fizesse com que eu me posicionasse. Comecei a perceber essa necessidade de posicionamento logo na segunda série... Nessas questões da escola.

Sempre fui gordinho e na minha família tem uma genética que todos nós temos a perna torta, e isso fez com que todos nós andássemos de jeito um pouquinho diferente, como se andasse rebolando. Essa era a palavra que a professora me chamou uma vez na sala dos professores e disse em tom de orientação: – Percebo a forma como você anda – rebolando – aconselho a tentar andar sem mexer os braços, sem mexer muito, vai ser melhor para você... Sabe?! Eu fiquei pensando nisso, mas nunca tive coragem de contar para ninguém, até mesmo porque tinha um grande apreço por ela, gostava muito dela, mas aquilo me machucou muito!

Tive a sensação que era uma pessoa diferente, que tinha algum defeito. Eu tinha que andar com os braços sem balançar! Fiquei com aquilo na cabeça, cada vez que eu andava... Tinha que lembrar em não balançar os braços! Além disso sempre tive problemas com peso, sempre fui gordinho por conta de meu pai se preocupar com magreza e nos dar biotônico para ganho de peso, aí, engordávamos. Até então, nunca tinha sido cobrado por amigos da sala, até

tinha muitos, vários... Inclusive tenho amizade até hoje! Foi então, na quinta série que mudei de escola no ensino fundamental dois, onde terminei o ensino médio. Na quinta série eu conheci esses dois grandes amigos, um deles ao qual eu tenho amizade até hoje e outro amigo que eu não tenho mais contato, há muitos anos. Eles eram bastante cobrados pela maneira de ser, esse meu amigo era bem afeminado na época. Hoje a gente ri sobre isso, a gente fala que ele foi a “primeira travesti da nossa cidade”, por conta do modo como na adolescência ele começou a se vestir, a se mostrar. Eu nunca deixei de estar junto com ele e a gente toda vida se deu muito bem, tivemos uma amizade muito grande, confidencial mesmo e na quinta série esses dois amigos eles foram segregados dentro desta escola, por todos.

Eles saíam no recreio e ficavam sozinhos isolados num canto, muitas pessoas ficavam apontando. Eu fiz amizade com eles e fiz questão de estar com eles. Foi uma amizade que se fortaleceu, mas aquilo me incomodou, de estar sempre sendo apontados como os “gayzinhos da escola”. As pessoas vinham para mim e tinham uma visão diferente das que tinham deles. Eles falavam que eles eram “gayzinhos” e eu não. Me falavam que eu ia me tornar gay também por conta da amizade com eles e eu sempre bati muito de frente com isso. As pessoas eram mais velhas, tínhamos onze anos na época, eles tinham de quinze para dezesseis anos e eles praticavam esse bullying com a gente.

Teve um dia de revolta onde levantei guerra com todos na escola, acabei levando todos para a diretoria, acabou formando uma fila imensa na diretoria, no corredor, aonde o diretor chamou cada um que eu citei o nome pra falar na minha frente para eu confirmar. Não sei se foi um ato seguro da parte dele, não sei se ele pensou nas possíveis consequências, mas ele fez isso e eu também tomei partido e assumi tudo o que eu tinha falado, de toda a repressão que nós estávamos passando. Fui ameaçado, tive que chamar meu cunhado para me buscar na escola, porque eles estavam me esperando no portão para me bater, era muita gente. Nunca fui muito de briga, sempre fui de paz, mais tranquilo, minha vida foi pautada no diálogo, desde a perda da minha mãe talvez, eu adquiri essa maneira de ser. Me lembro que eles estavam me esperando, meu cunhado foi me buscar na escola e eu tive de contar o que estava acontecendo. Aquilo para mim foi um sofrimento muito grande, porque tive que abrir para minha irmã o que eu estava passando, aquele sofrimento todo, eu não queria falar sobre isso, não me sentia bem de falar sobre isso, e eu tive que... Fui obrigado a falar!

Esse foi o momento em que as coisas se complicaram! Eu não queria, eu jamais ia deixar de ser amigo deles. Em casa também, nunca ninguém falou nada! O Ricardo ia em casa, passava o Natal com a gente, toda vida foi sempre muito bem recebido, diferente das pessoas que o apontavam na rua. Meu pai o tratava como filho, até hoje quando o encontra.

Ele tem essa gratidão pelo meu pai. Ele falou uma vez para mim, chorando: “que se sentia muito bem-querido em casa”. Quando ele chegava e tratávamos como da família, isso o tocava, porque ele sabia que era “diferente”. Já em relação a mim, nunca passei por um bullying tão forte a não ser na escola, logo no começo.

Depois disso, nunca fui desrespeitado, alguém olhando de maneira estranha ou algum tipo de desrespeito, até mesmo porque tenho minha maneira de se [sic] impor. Eu me imponho como ser humano, sou seguro de quem sou e tenho plena convicção de que posso ser o que sou, ter minha própria maneira, não precisar agradar a todos, sendo que o mais importante tem que ser sempre eu. Eu busquei talvez lidar com tudo isso que acontecia quando conheci a Madonna, eu sou um grande até hoje! Ela me ensinou naquela maneira dela ser, que eu podia ser quem eu quisesse! Que eu ia pagar um preço por isso, mas que ia valer a pena. Eu trouxe a segurança dela dentro de mim, isso me ajudou bastante! Meu amigo também é um grande fã dela. Inclusive ele se identificou muito com ela em todas as formas e gêneros possíveis. Na época, ele pintava o cabelo de loiro, ele era conhecido como “João Madonna”. Nós aprendemos com ela a ser uma pessoa mais forte, porque a gente não tinha isso dentro de casa. O meu pai sabe hoje que sou casado. Tenho uma relação de treze anos praticamente, mas nunca cheguei e falei para o meu pai: “ele é meu companheiro, meu esposo”, nunca precisei fazer isso para ninguém, todos sabem...

Foi na adolescência quando começou essa cobrança pelo gênero, talvez. Na época, pela opção sexual: “você está decidindo ser gay porque está andando com pessoas que são gays, que optaram por ser gays”. Era mais ou menos isso o problema. E foi realmente na quinta série que foi acontecendo essa cobrança. Uma cobrança que foi amenizando depois de eu ter levantado essa questão na escola. Foi amenizando e eu fui fortalecendo minhas amizades e eu me sentia protegido com os meus amigos. Eles sempre foram mais velhos do que eu. Meu primo é cinco anos mais velho. Outro amigo meu, que infelizmente já veio a falecer há dois anos e meio atrás, hoje ele seria, quase vinte anos mais velho do que eu. Também havia um amigo, que inclusive foi muito importante na minha vida nessa época e eu o perdi agora em 22 de fevereiro, dez... Onze... Doze anos mais velho do que eu, acho que treze anos mais velho do que eu. Então eles eram mais velhos e eu me sentia protegido e querido naquele círculo, onde todo mundo estava. A gente começou a lutar com esses problemas: “a gente era o que era e estava tudo bem”. Mas na adolescência não nos sentíamos cobrados. Talvez a gente não permitisse essa cobrança. Chegava perto da gente quem a gente queria. A gente sempre foi muito respeitado. Depois de tudo o que aconteceu lá atrás, do bullying, não teve uma dificuldade.

O momento de maior dificuldade foi na escola, acredito que foi na quinta série, quando eu conheci esses dois amigos meus: o Ricardo e o Nino. Eu tinha os meus amigos da rua na época. Diferente disso, na época da escola senti que o tempo todo havia uma pressão para que eu não andasse com Ricardo e Nino. O questionamento que eles usavam era “Viu, você vai continuar andando com eles?”. “Você também vai virar gay”. Eu venho de uma época onde as pessoas “viravam gay”. Rio ao lembrar disso! “Ninguém era gay”, as pessoas “viravam gay”. E hoje eu vejo quanto hipocrisia tinha. As coisas não mudaram, o que mudou hoje é que as coisas estão mais abertas, os adolescentes estão podendo se expressar mais, falar mais. Hoje a questão LGBT está tendo uma importância muito grande. Nós estamos defendendo pessoas que estão morrendo por serem o que se é, para lutar para poder ser o que se é. A gente está protegendo, isso é muito importante e antes não se falava nisso. Mas o bullying, o preconceito acontecia de uma maneira que trazia bastante sofrimento.

Gostaria de falar da época da AIDS. Foi uma fase muito dura, muito difícil, porque era uma visão mundial “onde os gays eram proliferadores da AIDS”. Minha cidade era muito pequena, então a gente não sofreu tanto esse preconceito na pele, como se fossemos os responsáveis da AIDS. Mas cada um carregava dentro de si aquele sentimento medo e insegurança. Arrisco a dizer que muito próximo daquele dizer da centopeia de duas cabeças “quando se começa a falar tanto de uma coisa, as pessoas começam a acreditar realmente que pode ser aquilo “que a AIDS era realmente uma responsabilidade dos gays, da comunidade LGBT”. Nunca foi dessa maneira. Ninguém sabe. Talvez a comunidade tenha sido bombardeada por ser mais “fraca”, por ser “minoría”, talvez não, com toda certeza! Acabou levando essa responsabilidade grande nas costas.

Na minha cidade não se fala de AIDS, nunca se falou. O medo era mais interno. Eu me lembro, quando comecei a sair de casa, eu falei “meu deus, como que vai ser, essa cidade pequena desse jeito?”. Eu queria comprar preservativo. E pensava: “Putz, vou lá na farmácia comprar preservativo, o carinha que trabalha lá me conhece, ele vai querer questionar o porquê eu estar querendo comprar preservativo”. Tinha esse medo. Olhava na farmácia, olhava se não tinha ninguém antes de entrar para comprar. Olhava para os lados, não tinha ninguém. Eu tinha essa atitude, entrava para comprar. Marquinho era o nome do carinha: – “Marquinho me vê um preservativo”. Ele ia com a maior naturalidade, pegava o preservativo, colocava em cima, eu já pegava e rapidamente escondia:– Quanto? – Tanto. Eu pagava e rapidamente dizia: – Tá, tchau!

Era como se fosse uma coisa escondida, coisa assim “não pode”. Tive a informação que uma amiga estava com AIDS. Ela assumiu que estava com AIDS. Era uma mulher

heterossexual, sempre foi. Estava casada e teve um filhinho, teve uma alergia muito forte e morreu. Ficou com uma alergia estranha e foi fazer os exames e descobriu que estava com AIDS. A criança nasceu e morreu por conta do vírus da AIDS por não saber que tinha esse vírus HIV. Essa amiga assumiu para a cidade inteira e ela ia à minha casa. Ela nunca deixou de ir à minha casa porque nunca permitimos que ela se afastasse da gente! Ela era muito amiga do meu irmão, amicíssima. Ela gostava muito de mim, eu era criança na época, eu estava com onze, doze anos, por aí, quatorze anos. Ela ia, meu irmão fazia janta, chamava ela, porque era o único lugar que ela ia era em casa. Ela descia na rua, “as pessoas desviavam na rua”. Ela falou isso para mim “que ela vinha e as pessoas mudavam de calçada”. Ela chegava em casa eu corria dar um beijo nela. Ela tinha aquele receio: – não, você não pode me beijar. Um dia eu chorei e falei para ela: – Eu posso te beijar, porque a AIDS não passa pelo beijo, não passa pelo abraço, é só por fluidos sexuais, por sangue, por agulha injetável, fora isso não tem perigo! – Não se preocupe com isso, é o meu direito de te dar carinho! Eu disse. Ela chorou muito, ela se preocupa: – Que deus o livre se acontecesse alguma coisa!

A AIDS era um tabu muito grande, aonde as pessoas não sabiam muito bem como se infectava. Ela veio a falecer. Eu me lembro que, quando ela foi jantar lá em casa, ela tirava da bolsa dela um prato e os talheres que ela usava, que ela levava da casa dela. Aquilo deixava meu irmão muito bravo: – você não precisa trazer seus talheres aqui em casa, você sempre será bem-vinda!” Então aquilo também “entrava de mim”. Tinha medo de contrair o vírus na vida que eu estava “levando na adolescência”.

Então a cobrança da AIDS vinha muito forte. Quando alguém começava a emagrecer muito rápido, eu mesmo, eu era bem gordo nessa época e comecei a fazer uma dieta, usava fórmula para emagrecer, fazia academia, comecei a emagrecer, tive que falar pra todo mundo que eu estava fazendo dieta, que estava emagrecendo. Tinha que falar para todo mundo que eu estava emagrecendo, porque as pessoas já ficavam olhando daquele jeito: “ixi, o Jorge está emagrecendo, está muito magro!”. Cheguei a perder, na época, vinte e cinco quilos: “Nossa! O que você aconteceu que você está magro”? – “Não, estou fazendo dieta, estou tomando remédio, estou tomando fórmula, faço academia, não é AIDS!”. Falava de cara: – “Não é AIDS, não tenho AIDS, eu estou fazendo dieta”. Foi muito difícil essa época, muito pesado, de não poder ter a corporeidade, olhar nosso corpo com desejo desejar o outro corpo pra gente também sem ter essa culpa, esse medo. “Nossa, não podia rolar beijo”. As relações aconteciam e não tinha toque, não tinha beijo, não aconteciam de uma maneira espontânea. Me faz lembrar e perceber essa frieza, de toque só com o preservativo, do sexo com o preservativo, quase sem toque, sem beijo, sem contato, sem beijo e carinho. Então a gente

passou por esse peso que a AIDS trouxe na época. Uma época onde estava morrendo Cazuzá, Lauro Corona, Sandra Bréa. Nossa! Thales Pan Chacon, vários atores e atrizes. Fred Mercury!!! Aquilo foi um boom muito grande, nos cobravam mais. Fazia com que a gente passasse a ter medo de se relacionar. Quem a gente olhava e tinha medo meio que a gente esquivava. Foi bastante difícil.

Já na adolescência eu comecei a ter muitas amizades, sendo maioria LGBT. Eu não tinha uma divisão de amizades. Eu tinha amizade com todo o tipo de gente, todo mundo que chegava eu tinha amizade, eu tenho até hoje, não tenho problema nenhum com isso. A minha turma toda! Fomos nos descobrindo dessa maneira e a gente sempre buscou respeito da nossa maneira de ser. Em relação à minha sexualidade não aconteceu uma descoberta, foi acontecendo natural e eu nunca falei sobre. Com os meus amigos eu me sentia mais livre, eu podia ser o que eu era, livre, sem cobranças. Já para com as outras pessoas eu não deixava ninguém chegar próximo de mim com essas questões, então nunca abri minha vida pra ninguém, sempre teve um mistério sobre mim: “o que eu fazia e deixava de fazer?” Isso, para mim, talvez tenha trazido um olhar muito mais curioso na época, despertado um prazer. Eu era um adolescente e as pessoas falavam pelo menos: “bastante bonito”, “chamava atenção”. Não era o modo como eu me sentia, mas era o modo como as pessoas falavam.

Essas amizades foram muito importantes na minha vida! Eu não tinha uma conversa muito aberta com meu irmão. Minha relação com ele foi sempre muito fechada e complicada. Com a minha irmã, eu quase nem lembro de passagens da minha infância. Por conta dela ter saído muito cedo de casa. Meu irmão mais novo também não, porque não fazia parte da minha vida naquela idade, e eu não tinha muita afinidade, a gente brigava muito, isso eu lembro! Eu tive meus amigos! Talvez eu tenha transferido tudo isso para meus amigos e eles são muito importantes na minha vida. Esses amigos dos quais eu falo são muito mais que amigos, mais que meus irmãos, porque eu tenho um carinho, uma amizade, um amor muito grande. Os meus amigos sabiam tudo sobre minha vida, meus sentimentos, com quem eu saía ou deixava de sair. Minha família não sabia nada sobre minha vida. Foi bem dessa maneira. Os amigos que estiveram comigo em todas as etapas da minha vida, me dando força: “É tudo que eu tive ali”.

Me sentia muito seguro com eles e, mesmo pequeno, eles me chamavam. Tudo o que faziam eu tinha que estar junto também. Mesmo não acreditando, talvez eu também fosse uma proteção para eles. Éramos muito unidos, uma amizade que eu não vejo hoje, infelizmente, nas pessoas. Essa a minha maneira de ser, talvez eu me conhecesse por eles, quando os escuto. Hoje dos cinco, ficou mais próximo meu primo, ele é o mais próximo de mim hoje. Os

outros dois, que formavam o quarteto: era eu, meu primo e mais esses dois amigos... Eles faleceram. Inclusive foi uma situação que eu passei, muito difícil. Ainda estou tentando digerir esse processo de luto, que não tem tempo para acabar, porque eu nem tinha saído do luto daquele meu amigo que era muito importante na minha vida e aconteceu desse. Me sinto triste falando e lembrando disso. A proximidade muito forte está entre mim e meu primo. Inclusive a gente está combinando de se ver mais, de se encontrar mais. Eu quero que ele venha aqui em casa, me sinto protegido quando estou com ele e tenho certeza de que ele se sente protegido quando está comigo. Vivenciar tudo isso faz com que nos aproximemos.

Hoje em dia nós somos aceitos, todo mundo sabe da gente hoje. No entanto nossa forma de construir intimidade é singular. As brincadeiras de um para com o outro, eram sempre fechadas, dentro do nosso grupo. Pessoas de fora não tinham liberdade de chegar e ter as brincadeiras que a gente tinha, então era sempre assim: “ô, bicha, você vai fazer o quê hoje?”, “A sua gay, falei para você sua gay”. Era sempre assim. Era entre nós. É muito bom lembrar de como nos sentíamos livres e íntimos dentro desse grupo e como isso nos fortalecia para colocarmos limites. Pessoas de fora não chegavam e falavam “e aí, bicha?”. Não, Jamais! Nunca ninguém me chamou assim, se referiu a mim dessa maneira, “e aí, gay”, não, jamais! Eu era o Jorge, sempre fui, mas entre mim e o Mario, o Mario com o Carlos... O Mario pegava muito no pé do Ca e era sempre assim: O Ca falava “Ah hoje não vou sair, estou cansado”. – “Ah, sua bicha velha”. “Ah bicha está velha, falei para você”. – “Ah! cala boca sua bicha, você é insuportável”. Era desse jeito. Como sinto falta disso, me dá um nó na garganta ao contar tudo isso. Dentro do nosso grupo tinha uma brincadeira que era muito saudável, talvez ali a gente se expressasse de verdade. Ali podíamos ser bicha. Logo na minha adolescência, na transição da infância para adolescência talvez, mais na adolescência mesmo, eu comecei a ter muito contato com esse público – não sei se diria “público” não sei se é certo isso – enfim, pessoas com quem eu também me identificava e queria lutar para ter um espaço, por ser respeitado como a gente era, mas não por ser gay ou ser lésbica, mas por ser humano.

Eu ainda trago essa visão dentro de mim de que: o que a pessoa é, o jeito dela ser tem de ser aceita de qualquer maneira, a gente precisa entender. Para mim, a visão de “ser gay” é a visão de “ser hetero”, como a visão de “ser bi”, eu não trago uma diferença muito grande dentro de mim, tanto que é um processo que me faz estudar bastante nessa questão, na área que estou atuando hoje. Eu leio muito para saber e lembro também a minha forma de vivência, o que eu posso contribuir, ou que possa ajudar de alguma maneira as pessoas serem menos ansiosas para se mostrar uma importância. Eu acho que um pouquinho mais segura de si, para poder ser quem se é de qualquer maneira. Nunca ninguém me cobrou sobre isso,

principalmente na minha família: o que eu era ou deixava de ser, com quem eu saía ou deixava de sair, nunca, nunca.

Esses dois amigos, que eu tenho amizade até hoje, logo se assumiram, não quiseram saber de nada e estava tudo bem pra eles, mas eu nunca me “rotulei”, porque eu achava que isso era um rótulo, eu não sou nenhuma “garrafa de vinho” que vou por um rótulo em mim, que sou homossexual, que sou bissexual, que sou hétero, não... Eu sou um ser humano e é assim que quero ser, e eu fui levando isso na minha vida dessa maneira. Eu trago um resquício na minha vida até hoje, de olhar o outro como ele é, na maneira como ele é e deixar o outro ser o que ele é, talvez seja esse o meu ponto de vista. Às vezes, conhecia alguma pessoa e acontecia alguma coisa, mas não tinha relacionamento, difícil assim ter um relacionamento.

Até achei engraçado, essa semana, encontrei com meu primo e ele disse sobre mim: “você foi sempre foi uma pessoa muito discreta”. Eu ri: – “como assim?”. – “A gente não sabia com quem você saía, com quem você estava, quando a gente via você já estava indo embora, para algum lugar... você era sempre muito discreto, não falava muito dessa parte da sua vida”. Ele já era mais aberto. Eu trabalhei, sempre fui muito respeitado no meu trabalho. Eu era conhecido na cidade inteira. Hoje não mais, porque já faz dezesseis anos que eu não moro lá, mas algumas pessoas ainda me conhecem. Mas não tive uma dificuldade, a gente foi tendo uma vida que a gente levava normal, de encontros.

O Ricardo era mais aberto, era mais fácil, a vida era mais cor-de-rosa. Uma vez ele falou para mim assim: – Sabe o que a gente precisa fazer? Eu falei:– O quê?. – “A gente precisa ir para a parada gay em São Paulo”. Eu falei: – “Por quê?” – “Pra gente levantar uma bandeira gay.” – O que isso vai mudar na minha vida, eu disse. – “Você é muito careta”, ele me dizia. – “A gente precisa ir lá, é gostoso e a gente é gay.” – “Você fala como se a gente você uma garrafa de vinho...”, eu dizia. Essa foi a nossa conversa na época. Eu falei: – “não precisa levantar uma bandeira, falar para todo mundo que eu sou gay, não quero que as pessoas me vejam como gay, eu quero que elas me vejam como ser humano, como Jorge... Só vai me ver como gay quem tiver algum desejo por mim!”

Era assim que eu pensava e, talvez, eu pense assim um pouco, até hoje. Ser gay, ser bi, está muito ligado dentro da sexualidade, talvez a sexualidade para mim seja algo mais restrito, “dentro de quatro paredes”, “dentro do meu mundo”, quem eu quero, quem eu não quero. E fora disso, eu sou uma pessoa comum, sou uma pessoa como outra qualquer. A sexualidade não me define: “não faço coisas porque sou gay, não vou a lugares porque sou gay, eu faço porque sou eu e eu gosto”. Essa é a visão que eu tenho de mim, talvez essa minha visão tenha me feito levar a vida de uma maneira mais fácil: “eu preciso me mostrar porque sou gay”.

Não! Para mim não tem essa questão “do ser gay, do não ser”. As pessoas que eu olho, também, quando chega... Não nos sentíamos à vontade para falar sobre sexualidade.

Nunca tivemos espaços para falar sobre isso, principalmente em casa. Certo dia ele falou “preciso passear com você”. Falei “Vamos”. “Eu preciso contar uma coisa para você”. Eu falei “tá!”. “Uma coisa muito importante que pode mexer na nossa amizade, pode mudar nossa amizade”. Eu falei: “Nossa! O que tão importante é isso”? “Nós vamos andar e a hora que tivermos na rua eu estiver pronto, eu vou falar para você”. Na caminhada, ele começou a contar a história da vida dele: “não sei o que, não sei o quê”. Ele também perdeu a mãe muito cedo, foi criado pelo pai e pela irmã mais velha.

A história dele é muito parecida com a minha, chega a se confundir com a minha em certos pontos. Aí ele falou assim: – Daí, eu sou gay! – Aham... Tá! Eu falei para ele. Ele: – Então.? Eu ali, esperando que ele falasse “o que era tão importante e que mudaria nossa relação”. – “Então, eu sou gay”, ele disse. Eu falei: – “Tá, tudo bem, mas vamos ao ponto que você estava me falando que o que você contar vai mudar nossa vida, as coisas.” – “Como está tudo bem?! Eu estou falando que sou gay!”, ele disse. – “Tá, tudo bem, você é gay e isso não vai mudar nada na minha vida, continuo te amando da mesma maneira, mas eu preciso saber, estou ansioso para saber o que você tem para me contar.” Aí ele começou a rir: – “Era isso”. Eu falei:– “Não acredito que você fez todo esse circo para me contar que era gay!” Foi uma situação até desconfortável para mim, pois era uma situação muito importante para ele, para mim não tinha importância alguma “se ele era gay ou não era”.

Sempre bati na tecla de que “nunca foi diferente, ele só tinha a maneira dele ser”. E diferente todo mundo eu cresci dessa maneira. Eu vejo a diferença em cada um, e talvez seja isso “eu busco essa essência de cada um, a pessoa poder ser o que se é de qualquer maneira”. Eu não tinha essa visão “o Ricardo é diferente”. Isso me fez lembrar um assunto, uma parte importante. Em um episódio de final de ano senti raiva e revolta.

Estava no bar uma vez: eu, Carlos, Mario, Julia, Jamile e mais um monte de gente na mesa e o Ricardo não estava com a gente. Ele estava numa época todo extravagante: usando calça de pantalon, camisa sem ombro, cabelo todo enroladinho e o apelido dele era “Leia Menzenga” por conta da Leia da novela. Ele era parecido com a Leia mesmo, bem do jeito que ele estava. Um pouco antes do ano novo, os meus amigos falaram para mim assim: “Olha, é o seguinte, o Ricardo apareceu “desse jeito” aqui antes do Natal e já disse pra gente que vamos ter uma surpresa no ano novo”.

Eles continuaram: “É o seguinte, eu não vou ficar com o Ricardo se ele chegar com um vestido vermelho aqui girando”. Nunca vou esquecer disso!!! Eu falei: – O quê?... –

Jamais, eu não vou! Eles disseram. Carlos falou a mesma coisa: – “Ah, não! Pelo amor de deus, morro de vergonha! Não, você que se vire!”, ele falou para mim. Eu falei: – “Pelo amor de deus, não acredito que vocês estão falando isso para mim... Se ele aparecer de vestido vermelho, salto alto, se ele aparecer aqui de pomba gira ele vai ficar na mesa que eu estiver, ele vai ficar com a gente e não importa a maneira com que ele aparecer aqui, ele vai ser recebido da mesma maneira que ele sempre foi, e eu não admito que vocês façam isso, porque se vocês fizerem isso vão estar fazendo para mim também”. Vocês são todos gays! Vocês são duas sapatonas! Eu disse a todos. Falei olhando para a Julia e Jamille: – “Vocês são lésbicas!” – Era o termo que a gente usava na época – “quem vocês acham que são para cobrar isso dele, eu não vou admitir?!”

Eu não admiti isso e, nesse mesmo dia, o Ca e o Mario falaram: – “Desculpa, realmente a gente foi ridículo.” Eles disseram: – “Não interessa o modo como ele vai chegar aqui, nós vamos ser apontados, mas está tudo bem! Eles disseram. – “Mas está tudo bem, ele vai ficar com a gente! Vai ficar sim!” A gente paga um preço por ser quem a gente e eu estou disposto a pagar. Eu disse. – Eu não admito isso, não podemos pensar dessa maneira. Eu encerrei. Então eu já tinha um pensamento mais à frente de não se importar realmente com o que os outros iam pensar e poder ser a gente mesmo, mesmo tendo um pouco de vergonha, isso não fez com que deixássemos de aceitar a forma de ser do Ricardo.

Chegou o ano novo e a surpresa era: “Ai, meu deus, como é que Ricardo vai aparecer aqui?”. Ricardo me ligou: – “Viu, vocês vão se encontrar aonde?” – “Lá, no Ca.” – “Então está bem, vou chegar lá no Ju!” – “Tá bom.” – “Como você vai vir vestido?” Perguntei para ele. Talvez para me “preparar” também, continuar com a “minha coragem” de enfrentar todo mundo. – “Você vai ter uma surpresa!”, ele disse. Ele tinha o cabelo crespo, bem loiro, aquelas roupas espalhafatosas. – “Tá bom, Ricardo” Venha, de qualquer maneira, você vai ser muito bem-vindo”, eu disse. – “Tá bom, a gente se encontra lá.” Nós estávamos todos reunidos e ele não foi lá. Pensamos que ele ia furar com a gente. Subimos para o bar. A gente estava lá no barzinho, bebendo e conversando, esperando a passagem de ano e pensando passar na danceteria após a “virada”. Daqui um pouco chega o Ricardo, ele parou na porta e falou com um grande sorriso aberto: – Oiee!

Todo mundo olhou para ele! Todos curiosos para saber de que forma seria a surpresa que Ricardo apresentaria. Ricardo estava com uma calça marrom, uma camisa branca por dentro da calça, um colete marrom por cima da camisa, o cabelo todo raspado na máquina um, bem curtinho, moreno o cabelo, – porque ele tem o cabelo castanho – um sapato preto muito bonito, um cinto bonito na calça, a pessoa mais charmosa da mesa e mais “masculina” de todo

mundo que estava ali. Todo mundo olhou, cada um olhou para o outro sorrindo e dissemos: – “Pelo amor de deus.” O Ricardo sempre teve essa maneira de surpreender. Ele, mais uma vez, surpreendeu, onde todo mundo o esperava “chegando de vestido, chegando, fazendo” ... Não, ele chegou ali de “homenzinho”, vamos dizer assim. Foi muito elogiado pela roupa, foi realmente muito bonito.

Mas ele sabia disso, ele também transcendia, ele também provocava e sabia como provocar. Ele vestia muitas roupas rasgadas, cortadas, roupas mais “femininas mesmo”. Passava na avó: – “Onde já se viu? Você está vestido que nem um trapo, essa roupa, essa camisa aí é feminina!” A avó falava. Ele não estava nem aí: – “Ai, tá bom, vó!” Mas, no fundo, ele sofria. Ele ia muito para minha casa. Lá, ele era aceito e muito bem-vindo e era assim que as coisas aconteciam. Ele surpreendeu, mas surpreendeu de uma maneira que ninguém esperava. Nós sempre tivemos que pagar um preço alto por ser quem nós éramos, principalmente, Ricardo. Valeu muito a pena. Vale muito a pena ser quem se é e isso que eu levo, talvez, no meu trabalho sobre sexualidade, sobre esse tabu que as pessoas pintam sobre o sexo, sobre a necessidade de “você é gay, você tem que se expor dessa maneira”. Não! Para mim, a pessoa tem que se expor da maneira que ela deve se expor, da maneira que ela tem possibilidades para isso, porque eu não sei se está muito intrínseca a identidade.

Acho que nós podemos ser muitas pessoas dentro de nós mesmos, eu tenho essa convicção, porque foi assim que eu fui. Eu sou homossexual, mas já fui bissexual, já fui heterossexual no olhar das outras pessoas. É uma coisa que hoje não me traz esse sofrimento, me traz um incômodo nessa obrigatoriedade de me posicionar, mostrar pra pessoa que eu sou homossexual. Traz-me um incômodo na seguinte questão: “porque eu preciso me posicionar sobre isso pra pessoa?”. “O que isso vai interferir?”. Se for para o bem, se for para aproximação: ótimo! Agora se for por curiosidade, por quê? Porque precisamos ser tão curiosos na vida do outro, o que a gente faz em quatro paredes, com quem?

Curiosamente meu companheiro também é assim: nós somos bastante discretos. Da mesma maneira que eu não gosto de estar com um casal hétero se beijando na minha frente, a gente também não fica se beijando na frente de todo o mundo. Sempre fomos muito discretos. Muitas vezes, as pessoas acham que nós não nos relacionamos, que não temos um relacionamento, por conta de não expressarmos carinho e abraços publicamente, de ficar se tocando o tempo todo, para mostrar pro outro que a gente é um casal?! Não! Eu não consigo ser assim, ele também não. Diferente do Ricardo com o companheiro dele que sai de mãos dadas, troca selinho no shopping, mas é a maneira deles serem, também não critico cada um é da maneira que é.

3.3 Eu me adaptei a isso! – Naomi

Sou Naomi tenho vinte e dois anos, sou estudante, um tanto quanto “fudido”, pensando em viver minha vida e não tenho muita coisa a falar. Moro com minha mamãe e tenho uma irmã que vive próxima de nós, junto de meus sobrinhos. Esse é o meu núcleo. Eu nasci em Sorocaba, morei no bairro Laranjeiras durante toda minha vida, mas, recentemente, me mudei para Altos do Ipanema e ainda estou me adaptando à nova experiência de mudança. Descrevo Sorocaba como uma cidade pequena. Não tenho muitas opções, tenho que me adaptar em tudo. Estou meio que “cancelado”, me sinto pequeno aqui. Às vezes, não quero contato, não quero nada, porque eu sinto que todo mundo está julgando alguma coisa, pegando e cuidando da sua vida. É complicado.

Apesar de ser minha cidade natal, cidade onde estão meus familiares, os meus amigos, o meu pessoal, o meu núcleo, às vezes, penso que não quero mais morar aqui, penso que “já deu”. O bairro que eu cresci e nasci é Laranjeiras. Classifico como bairro tranquilo, mesmo tendo seus problemas: vizinhos fofoqueiros, parentes e pessoas que querem cuidar muito da sua vida. Eu acho meio conturbado, às vezes, você pega muito barulho, muita coisa. Eu acho tranquilo, mas incomodado, às vezes.

As minhas relações familiares... Sempre tive mais conexão com minha mãe. Meu pai foi muito ausente na minha vida porque sempre trabalhou fora. Tive uma conexão muito grande com minha avó e com minhas tias também. Sempre fui “fechado, no meu mundinho”, mas sempre tive muita presença da parte familiar do meu pai, mas, de um tempo para cá, eu meio que comecei a “cancelar”. Porque, assim, dos familiares da minha mãe eu não tinha muita proximidade, eu os via mais nos finais de semana, quando íamos almoçar. Conto isso um pouco envergonhado, mas, de uns tempos pra cá, percebi que a família da minha mãe é muito unida do que eu sempre considerei que havia na parte da família do meu pai. Depois que a minha família do meu pai perdeu a minha avó e minhas duas outras tias, meio que deu uma “desmoronada”, meio que viraram a cara, começaram a se mostrar o que realmente são, começaram a se demonstrar, sabe?!

Criou uma instabilidade de um povo fofoqueiro, um espaço onde a fofoca prevalece, onde se fala mal e tenta diminuir as pessoas. O seu ego inflar e querer ser algo maior que elas são. Houve outras mudanças importantes, principalmente a partir de 2012. Meus pais se separaram de corpos em 2012, mas continuaram casados até 2017. Meu pai tinha um relacionamento extraconjugal. A gente descobriu em 2011. Já tínhamos a desconfiança, mas foi se confirmado depois, em 2013 ou 2014. Minha mãe e meu pai continuavam casados para manter a “família”, a “aparência”. Foi uma coisa que foi muito ruim para mim, porque eu já

era muito distante do meu pai por conta do trabalho. Isso me afetou de fato, mas eu não o julgo, meu pai nunca deixou faltar nada para ninguém, nem para mim, nem para minha mãe ou para minha irmã, mesmo ela não sendo filha dele, ela é do outro relacionamento da minha mãe. Eu sempre tive a impressão que minha irmã era favorita dele, mesmo eu sendo o filho, o filho único, até onde eu sei. Às vezes, me machucou isso, às vezes, não. A gente começou a descobrir as coisas, veio a doença da minha avó, aí foi aparecendo, aparecendo... Depois que minha avó faleceu, meu pai pegou e mostrou as caras: demonstrou uma pessoa horrível. Eu o culpo por algumas coisas, mas nem tanto. Não sei se esse era o foco, mas eu estou falando sobre minha história.

Eu julgo que meu pai fez muito mal para minha mãe. Minha mãe pegou e acobertou certas coisas por causa da minha avó, para manter, como falei, “aparências”, tanto que ficaram casados até 2017. Enfim, para manter uma família “feliz”.

A minha infância, até eu não entender nada do que acontecia, do que se passava, foi muito tranquila. Eu era uma criança bem “mimadinha” pela minha avó. Minha avó era uma pessoa debochada... Nossa! Assim como eu... Nossa! O deboche ficou da minha avó! Minha avó, tirando isso, era uma pessoa maravilhosa, esteve muito presente na minha vida. Sinto falta dela. A minha tia também, que faleceu. Nunca me faltou nada porque, essa parte, meu pai “tinha um pouco de senso”, sabia que estava fazendo errado. Como falei, no momento em que minha avó morreu, ele começou as “mostrar as asas”. Eu escutava piadinhas, coisas dos parentes, mas eu sempre pegava e ignorava as coisas. Ia acumulando, guardando pra mim!

As piadinhas eram diversas, mas eram principalmente relacionadas à minha voz. Eu escutava muita piadinha, principalmente por me relacionar com mais proximidade das minhas primas e ter pouco contato com os meninos. Eu escutava, sabe?! Piadinha de mau gosto: “é viadinho, é gay, é afeminado”. Mas eu nunca refutei, guardei para mim e tentava me manter sereno, muitas vezes me escondendo e silenciando. Eles não aceitavam essa forma de ser, queriam que eu fosse outra pessoa. Parece que eu tinha um peso, sabe?! Eles aceitavam muitas outras coisas “que eram piores”. Às vezes eu me sentia desconexo por conta disso. Cheguei a escutar: “nossa, você não vai brincar com Naomi por conta do jeito dela”, ou “muito afeminado, porque ele tem um trejeito”.

Sempre lidei com isso tentando ignorar. Eu fingia assim: “ah, não está acontecendo”, “finjo que não era comigo”, tento me manter no controle, “fazer o que eles querem”. Tipo “aceitar uma coisa, aceitar uma palavra, aceitar uma coisa que estão te colocando a fazer”. Cresci assim. Foi ruim, mas tentei me moldar ao que eles queriam de mim. Eu me adaptei a isso.

Eu sempre cresci com minha mãe e com minha irmã na maior parte do tempo. Em alguns momentos, tive a presença dos meus tios, mas a presença paterna era extremamente ausente. Eram meses sem vê-lo. Em alguns momentos, cheguei a ficar dois ou três meses. Mesmo quando vinha, mal ficava um final de semana e voltava a trabalhar. Então, a minha presença na infância sempre foi feminina, minha mãe, minha irmã, minha avó e minhas tias. Minha madrinha foi muito presente, tinha a filha dela. Meio que eu digo que é “minha segunda mãe”. Crescer rodeado de mulheres sempre teve seus pontos positivos e negativos, mas sempre estive muito próximo de afazeres domésticos, algumas atividades das quais eu não gostava, às vezes, acho que nem deveria estar fazendo. Fico confuso ao pensar isso, pois acho que não deveria fazer essas coisas, mas, por outro lado, fez com que eu aprendesse a cozinhar ou arrumar e organizar a casa. Não sei se foi algo que fui obrigado a focar, mas hoje cozinho muito bem. Pode perguntar a minha amiga Rosângela,⁷ ela pode falar muito bem da minha comida! Aprendi a cozinhar muito cedo e fazia diversas receitas. As pessoas se surpreendiam quando percebiam a forma como cozinho. Já o serviço doméstico, meio que eu dominei a área. Aprendi a fazer, aprendi a lidar. Talvez, agora, eu não ache isso um coisa ruim por conta da independência de poder fazer a própria comida e cuidar das suas próprias coisas. Hoje, eu mesmo faço o que tenho vontade de comer e organizo e limpo minhas coisas, no meu tempo. Afinal de contas, sempre tive um tempinho para brincar.

Na minha infância, brinquei muito com minha prima Raissa, quando ia para a casa da minha avó. O meu tio tinha certo preconceito por ficar muito junto com ela. Às vezes, me julgava. Quando pequeno, algo que marcou foi quando eu brincava com a minha prima Julia, ela tem 16 anos hoje. Ela era bem pequenininha na época e morava perto de mim. Sempre estava em casa. Eu sempre surgia com uma brincadeira diferente, sempre inovava nas brincadeiras. Eu lembro até hoje, chegava animado para brincar e falava: “vamos voar igual borboletinha?” Mal terminava a pergunta, não tinha a pretensão de respostas, e já ia mexendo minhas mãos, buscando imitar as asas de uma borboleta. E minha prima, “uma machona”, “bem machona”, bem julgadora, sempre falava: “nossa, isso não é brincadeira para você brincar”.

Mesmo que meus primos quisessem brincar comigo, aos poucos, foram me proibindo que brincasse com eles. Eu sempre fui uma criança que queria brincar de escolinha, dar aula, fazer um negócio assim. Com o tempo, fui ficando sozinho. Eu assumi certas atividades, desde muito cedo. Dominava a cozinha. Nossa! A cozinha era meu forte. Todo mundo se

⁷ A amiga Rosângela esteve presente durante a entrevista e faz algumas intervenções.

orgulhava, menos minha avó, porque quando comecei a cozinhar, ela já estava mal do Alzheimer, então ela não tinha muita memória. Tive outra tia, irmã da minha avó, que também estava muito presente na minha vida. Ela adorava provar minhas receitas! Quando eu fazia uma comida, ela era uma das primeiras a experimentar e comer. Se eu fizesse e não mandasse para ela, ela ficava brava. Sempre estava lá, sempre estava comigo, comendo e me escutando. A minha mãe, a minha irmã e a minha outra tia também. Acho que já comentei com você “eu perdi três pessoas na minha vida que estavam no meu cotidiano”. Foi embora, perdi, não tenho mais. Foi uma atrás da outra!

Minha avó morreu em 2015, mas ficaram minhas tias. Tempos depois, duas outras perdas: uma das minhas tias morreu em 2017 e outra tia morreu em 2018. Era minha base familiar. Pessoas que eu convivia diariamente e tinha um afeto muito grande por mim... E eu perdi.

Estou um pouco ansioso e fico refletindo sobre o que você gostaria de ouvir. Isso me faz refletir sobre mim mesmo, em como lido com meus sentimentos em situações delicadas. Apesar das perdas recorrentes, eu sempre busquei construir uma imagem de uma pessoa durona, que “aceitava numa boa”, “nossa, aconteceu”. Acredito ser uma pessoa muito durona, sou uma pessoa muito tranquila com a morte, porque é uma coisa muito natural, vai chegar uma hora para todos, se é repentina ou não, eu aceito muito bem isso. Mas, no fundo, sinto que isso não é tão verdadeiro, às vezes, eu pego e ressinto, sinto a falta e os sentimentos reprimidos. Criei uma casca dura de tudo que eu vim pegando. Eu falo: “não, eu não posso me deixar vulnerável”. Pareço voltar-me ao que preciso ser para que seja aceito pelo outro, talvez esteja fazendo isso neste exato momento, na entrevista.

Eu fui muito duro em relação a essa questão de morte, porque eu não queria demonstrar que estava sofrendo. Eu sou assim, muito fechado. Para eu demonstrar alguma coisa, não é para qualquer um. Eu aprendi a me fechar, porque foi necessário, escutava coisas que eu não queria, ouvia palavras, via coisas, não era confortável para mim. Eu criei essa casca dura para mim, sei lá, fui vivendo. Acho que, como um adulto, quando eu ainda não estava preparado para pegar a responsabilidade de coisas, pegar e ficar responsável. Fui sempre observando o que as pessoas esperavam e tentava me moldar àquilo.

Já no quesito escola, quando tento recordar, a primeira coisa que me vem à cabeça, eu penso sobre escutar as piadinhas dos meninos por causa da minha VOZ. Muito! Escutava muito! Eu tentava não levar para o lado pessoal, porque eu sempre fui uma pessoa muito sociável e eu tinha amizade com praticamente todo mundo. Tinha meus amigos preferidos, mas eu escutava sabe?! “bichinha, viadinho, não sei o que”, piadinha. Sinto tristeza, pois era

algo muito frequente, mas estou me distraíndo com a minha amiga Rosângela está ali me julgando ali do lado para não entrar em contato com esse sentimento.

Ao mesmo tempo, eu fiz muitas amizades com um grupinho mais próximo. Posso dizer tive, pois uma dessas amizades, uma amiga chamada Monique, e eu protagonizamos um conflito e ficamos um tempinho sem se falar, mas foi uma amiga que sempre estudou comigo. Lembro-me do Wesley, ele era muito meu amigo, mas hoje eu não tenho mais contato. Tinha o Gustavo também, ele era muito meu amigo, hoje é tipo – nossa! – um “oi” na rua, no máximo. Tinha outra escola próxima de casa, mas eu estudava em outra, um pouco mais longe. Tinha uma garota também, ela era... Tive um episódio com ela meio que de “racismo”. A minha mãe nunca aceitou isso, nunca aceitou nada. Minha mãe foi brigar com ela, mas teve um desfecho tranquilo. Falando ainda da minha amizade que peguei e levei foi a da Monique, que durou um tempão, até que tivemos um conflito e paramos de se falar por um tempo, um bom tempo, mas voltamos a se falar e estamos de boa. Ela teve uma importância e presença muito grande na minha vida, apesar de agora estarmos mais distante, ela sempre esteve presente na minha vida, desde o primário, da educação infantil, até uma continuidade, até agora. Penso que ficamos quase dois anos sem se falar e foi um tempão perdido por coisa boba.

A maioria das pessoas era tranquila, principalmente as meninas, como falei. Sempre tive maior aproximação com as meninas, inclusive no círculo de amizade mais íntimo na escola. Havia momentos em que eu meio que me desaproximava, porque me sentia meio excluído. Não me enquadrava em certos espaços da escola, não me enquadrava no futebol, não me enquadrava numa briga. Eu era um tanto quanto diferente, mais “afeminado” do povo, tanto em relação com meus primos, eu meio que ficava de fora, por conta dessa situação de ser julgado naquilo que eles queriam. Tentavam me impor uma coisa. Estava ali, sabia que eu era diferente, sabiam que eu tinha o diferencial, mas eles não aceitavam e queriam tentar me mudar de qualquer forma: “Você vai fazer isso, você vai tentar jogar, vai mudar, vai fazer uma coisa mais machista, mais ‘coisa de menino’.” E eu falava: “sempre fui meio desengonçado” e eu era muito gordinho também na infância. Além das diferenças de meu corpo, eu também me comportava diferente. Eu era muito agitado... Ah! Eu fazia terapia quando era criança porque eu era muito hiperativo na escola, era uma pessoa assim “fazia o que tinha que fazer, mas não deixava as pessoas pegar e fazer as atividades delas”. Fiquei por um tempo, fui aconselhado pela escola a procurar um tratamento. Eu era muito inquieto, mexia muito com as pessoas, conversava muito, falava muito, eu sou muito comunicativo. Às

vezes, fico nervoso e não sei como expressar certos sentimentos. Por isso, observo e tento entender o que os outros estão querendo. Apesar disso, eu praticava muitas atividades.

Eu jogava muito vôlei, jogava muita queimada, handball, então eu estava mais com as meninas. Eu nunca gostei de futebol, eu gostava de uma coisa diferente, carrinho de controle remoto, eu preferia um jogo complexo: Jogo da vida, Banco imobiliário, tabuleiro. Gostava muito de xadrez também, uma coisa que envolvesse raciocínio. Ganhar sempre! Estar “em cima”, estar em liderança, gostava muito! Eu gostava de arte na sala, gostava de estar em cima, auxiliar as professoras, “nossa! Eu vou pegar e vou fazer isso, vou estar em cima, dar ordem”. Havia um pouco de liderança e poder, sempre fui assim. Vencer sempre foi importante para mim.

Penso assim: “nossa! Eu sou para liderar”. Eu recebia muita opinião. Hoje, nem tanto. Um tempinho atrás eu pensava assim: “Naomi está no comando, Naomi resolve os problemas, resolve as coisas, resolve os ‘B.O.’.” Eu tive que amadurecer muito rápido, para eu pegar e tomar conta de coisas que era pra um adulto estar fazendo, mas, devido à necessidade e à cumplicidade, eu era meio que um adulto da casa.

Eu sou muito fechado, muito na minha, fiquei muito tempo falando sozinho e eu aprendi a criar uma casca, aprendi a criar uma armadura para ficar fechado. Talvez ter esse vínculo deixe as coisas mais fáceis. Eu acho que é bom para mim, porque são coisas que eu guardei por muito tempo e não adianta eu continuar sendo “essa pessoa durona, me escondendo por problema alheio”. Não é para mim, estou cansado de tudo isso. Portanto, apesar desse incômodo, prefiro falar.

Recordo que, mesmo estando sempre com meninas, a gente brigava da mesma forma. Às vezes, se pegava no braço com a minha prima Raissa, mesmo ela sendo maior que eu. Eu ficava puto, mas a gente sempre pedia desculpa no final e ficava numa boa. Meu tio, pai dela, é uma pessoa que não considero mais, por causa de circunstâncias. Tomei algumas atitudes no decorrer do tempo, expus algumas coisas para a família que não deveria, que não eram da minha conta, mas eram pessoas que me traziam um choque, traziam um trauma, traziam alguma coisa e causavam mal a mim, à minha mãe, à minha tia e até à minha avó. Eu me sentia puto por isso. Hoje eu tenho contato com minha prima, não tanto quanto eu tinha antes. Também ela é casada e tem uma filha agora, tem o marido, tem o trabalho, tem sua vida.

Eu sofri uma carga que não era para ter passado, porque era para eu estar tranquilo, aprender, estudando, fazer um curso. Eu sempre fui muito focado nas coisas, no estudo, nas coisas que eu queria saber. Sempre tive vontade assim: “eu quero saber mais, eu quero aprender mais, eu quero ter um conhecimento a mais do que as pessoas”. Sempre queria um

diferencial a mais para me destacar, porque eu queria compensar naquilo que eles não queriam que eu fosse. De alguma forma, eu pegava e falava assim: “não, eu vou fazer tal coisa, vou aprender tal coisa, eu vou tentar tal coisa”. Tudo para que pudessem falar: “nossa! ele não é aquilo que a gente esperava”. Eu sempre soube. Eu tentei me mudar por causa das pessoas, mas, no fim, estava lá. Tentava muito compensar. Sou uma pessoa que gosta demais de interagir. Sempre terminava o que tinha que fazer na escola e isso era um incômodo, eu fazia minha parte, pegava, fazia minhas coisas rápido, correndo, depois queria me comunicar, queria conversar. Acabava atrapalhando outras pessoas, porque ficava inquieto. Eu sou inquieto. Porém, me demonstrava outra pessoa, interação foi ficando escassa. Eu passei tempos despercebidos para não ser atingido. Eu me comportava demais, porque eu me sinto uma pessoa muito analisada, buscando ser o que as pessoas querem que eu seja e me moldar àquilo que eles me julgam.

Só que, assim, de um tempo para cá, eu comecei a quebrar as regras: eu estou assim: “Foda-se”. Tacando o foda-se mesmo. Eu não vou me moldar por pessoas, eu não vou mudar meu jeito mais! Eu estou cansado! O meu jeito é de uma pessoa que gosta de dar risadas, debochada muita das vezes. Animado! Muitas vezes, eu peguei e me fechei por causa de pessoas. Não vivi o que era para viver, fiquei no mundinho deles, me moldei no que eles “tentaram achar que eu era”.

De tanto a minha terapeuta pegar e falar: “viva você, seja você, fale”. Foi um tempinho para poder falar certas coisas, mas eu já comecei. Na frente dos meus amigos, das pessoas que eu me sentia confortável, sempre foi mais possível. Na frente dos outros eu pegava e pensava: “tenho que viver numa bolha?”. Não posso falar algo, não posso falar uma palavra diferente, não posso soltar algo porque não era o que eles queriam? Eu era muito próximo da parte da família do meu pai e era o pessoal que mais me cobrava, mas eu não aceitava! Querem julgar o tempo todo, sempre falavam: “nossa! Tem que fazer isso, tem que fazer aquilo”. Eu acabei descobrindo que o pessoal da minha mãe, que eu não tinha uma convivência muito grande, não estava ligando para essas coisas que meus outros familiares me reprimiam. Eu me vestia assim, usava algo diferente, pintava minha unha... E são assim: “cada um cuidando da sua vida”. De início, fiquei espantado, mas me senti acolhido.

Da parte paterna, meu contato era maior com a minha avó, mas também havia contato com a questão dos meus tios, que, sempre que estavam presentes lá, eu buscava “me esconder”. A minha avó era uma pessoa muito boa, mas era uma pessoa ruim aos olhos de alguns. Tinha meu círculo que era minha tia – irmã da minha avó – e minha tia, irmã do meu pai, que era uma pessoa muito próxima. A minha avó considerava mais minha mãe do que o

próprio filho dela. Minha avó considerava minha mãe como filha dela. Era uma conectividade muito grande entre as duas. E por mais que tivessem suas diferenças, minha avó e minha mãe eram muito próximas, tinham muita cumplicidade entre elas.

Havia essa cobrança que vinha na maioria das vezes dos tios. Eles cobravam muito a questão da masculinidade: “coisas de menino, coisas de homem”. Às vezes, eu queria focar outras coisas, pensar e fazer outras coisas, pensar diferente: “porque você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo.” Eu não quero fazer isso. Meu pai tinha certa obsessão: “você tem que cursar tal coisa, você tem que fazer tal coisa”. Eu falei: “não é minha vibe”. Meu pai ficava muito fora e, quando voltava, queria me cobrar. Só que eu não dava certa importância mesmo e, até hoje, continuo na mesma. Minha dependência por parte do meu pai, hoje, é a faculdade que ele arca. Hoje em dia ele me ajuda, mas não tanto como antes. Eu prefiro não pegar a ajuda dele em nada, mas, às vezes, não posso recusar, porque não quero cobrança no futuro.

Voltando a falar da minha relação na escola, foi um espaço muito importante para minha sociabilidade por eu ser mais fechado e não sair muito de casa. Minha mãe não me permitia sair muito de casa. Ela é uma pessoa fechada, nunca gostou muito de receber visitas. Ela achava um incômodo, e acha até hoje, receber pessoas em casa. Aprendi com ela que visitar as pessoas em suas casas cria incômodos, por isso não fazemos visitas sem motivos. Às vezes, eu ia na casa das minhas tias por parte de pai até um certo tempo, depois eu comecei a ser ignorada, a não ser chamado. Mudaram o relacionamento comigo e eu fiquei muito nervoso. É até difícil de relatar. Relembrar isso me traz um “pesadelo que passei”. Parece que eu passei uma raiva, um ódio que não era para ter sentido. Tentei muitas vezes me encaixar com esse povo e tentar me moldar para ser aceito. Hoje, sinto raiva porque percebi que esse esforço não fez diferença, tento não me importar, mas, de qualquer forma, eu me afastei deles. Eles aceitam tantas coisas erradas e eu, que não estava fazendo nada, apenas estava sendo quem sou, alguém diferente da maioria, alguém que não segue o projeto de “homem” que esperavam de mim. Querem decidir sua vida, querem determinar a forma como você deve viver. Estou cansado disso, chega! Não vou fazer o que não tenho vontade!

Mesmo sendo pessoas boas, às vezes, o certo para eles não é certo para mim. Sempre pensei “fora da caixa”, diferente, pensei muito alto. Sempre acharam que era loucura as coisas que pensavam, que eram coisas para além do que eu poderia. Muitas das vezes eu deixei de fazer coisas, que eu poderia, gostaria e era para ter feito, por conta de opiniões que atrasaram minha vida. Perdi muitas oportunidades por causa de pessoas, para tentar ser aquilo que elas queriam. Parece que tenho que fazer o dobro de coisas que eu poderia ter conseguido muito fácil por causa de opiniões, por causa de julgamentos, por causa de algumas pessoas. Coisas

que eu poderia ter feito, mas que, hoje, fazem falta para mim e me faz refletir sobre ser diferente.

Eu sempre quis fazer algo diferente. Eu não jogava bola, nunca joguei. Jogava vôlei, queimada, handball, às vezes, sempre era excluído do grupo de “meninos” e do futebol. Os amigos que eu tinha conexão, que eram “diferentes”, eu acabei perdendo por conta de mudança de sala. Aí tinha que me adaptar a novas pessoas e perspectivas. Houve também questões para além das diferenças com os meninos.

Lembro de, na segunda série, ter problemas com uma professora. Ela me cobrava muito, parecia um enroscado no meu pé, como “bolas de prisioneiro que ficam presas no seu pé”, bem coisa de desenho animado, lembrei do “pica-pau”. Segundo ano foi um ano difícil para mim por causa dessa professora que pegava no meu pé, foi o tempo daquela “gripe suína”. Teve um tempo, nessa época, em que me ausentei por estar doente. Fiquei alguns dias de atestado. Eu não faltava, eu ia todo dia pra escola. Tinha faltado alguns dias e tinha gente que tinha faltado e ficado a semana de atestado e ela não cobrava atividades deles. Ela queria que eu entregasse dois dias de lição. Eu me recusei a fazer. Pensei comigo: “ela não está me cobrando”, ela foi muito incoerente. Queria me repetir na segunda série por causa de dois dias de lição! Eu senti que ela tinha uma implicância comigo.

Minha mãe sempre foi uma pessoa presente nas coisas escolares, ela não aceitava que a gente fizesse bagunça, conversa, nada! E, no fim, eu não seguia muito as regras, eu era o contrário. Ela pegava muito “no pé” da gente e minha irmã também. Minha mãe sempre fez o papel dela de mãe e de pai. Eu recebia informes dessa professora sobre bagunças de outros alunos da escola, dizia que eu tinha “mau comportamento”, coisas que eu não fazia! Ela pegou muito no “meu pé”.

Já a educação infantil foi tranquila. Estava lembrando da minha primeira professora, porque ela pegou o ônibus comigo e me deu vontade de falar com ela, mas tive vergonha. É diferente, mas ainda lembro o nome dela, é Simone. Queria muito pegar e dar um “oi” para ela e poder dizer o quanto ela foi importante. Eu não sinto falta dela, mas acho que foi uma pessoa essencial. Eu sempre fui muito ligado às coisas, muito adiante. Eu aprendi a ler não estava nem na primeira série, estava na terceira fase. Eu lembro até hoje da minha professora Adriana. Eu era muito “à frente”. Hoje, sinto que perdi um pouco dessa “vontade”, fui perdendo durante um tempo do meu estudo técnico, tive um tempo conturbado. Acredito que a pré-escola foi um dos melhores momentos na escola para mim. Foi muito bom! Tinha muitas amizades, tive ótimos professores e ótimos incentivos! Foi maravilhoso. Sempre gostava de estar à frente. Um dia eu acordei e lembrei: “nossa! Estou escrevendo”. Foi

maravilhoso. Eu lembro até hoje! Acordei e falei: “nossa, mãe! Estou escrevendo!”. Eram sete horas da manhã! Eu estava animado!

Minha vida foi tranquila até os doze anos, não tinha que resolver preocupação, vivia aquela “ilusão de família perfeita”. Nada “caia sobre mim”. Depois de 2012, começou a questão dos meus pais. Depois de um ano e pouco minha avó começou a apresentar os sintomas de Alzheimer, começou a ficar ruim, tendo que ter cuidados intensivos. Minha mãe teve que se ausentar das coisas que ela fazia, deu uma ausentada da gente. Eu tive que tomar decisões. Tinha tarefas que não eram pra mim. Eu fazia porque estava todo mundo “foda-se”. Fingiam que não tinham obrigações e teve um desleixo, meio, com a gente porque ela se dedicou muito à minha avó. Tivemos que parar de fazer algumas coisas. Eu fazia inglês, eu ia duas vezes por semana e tinha dia que tinha que faltar porque minha mãe não podia fazer tal coisa pra tomar conta da minha avó e eu tinha que correr atrás. Foi passando o tempo e minha avó foi piorando cada vez mais. Eu tinha que fazer muita coisa e deixar de fazer outras. Minha cabeça chegava até ficar quente, porque eram coisas que eram para meus tios estarem fazendo, minhas tias. Eu tinha um carinho muito grande pela minha avó, pensava assim: “vou me sacrificar, vou deixar de fazer tal coisa porque é minha avó”, mas também sentia que não era nossa responsabilidade. Deixei de fazer muita coisa, de verdade. Tinha muita cobrança no estudo e fui ficando meio “surtado”. Nesse tempo, não tinha pensado sobre as diferenças, sobre quem ou o que eu era.

Eu não sabia que eu era. Eu pensava: “não sou”, eu fazia coisas diferentes, mas não passava na minha cabeça. Fui pensar nisso tempos depois, quando eu estava mais tranquilo, quando comecei a sair e conheci minha amiga Rosangela, ou melhor, a Rô. Quando estamos juntas, falamos tudo no feminino, é uma graça nossa, falando afeminado assim, toda hora que for “ele” a gente usa “ela”. Fora disso, eu falo todo normativo, tudo normal, todo numa coisa. Já se conhecíamos, porém não tínhamos tamanha intimidade até logo começamos a sair. Foi uma coisa muito rápida: “Vamos sair?”. Nós saímos para dar um rolê no carnaval e aí começou, tanto que meu primeiro beijo foi nele.

A Rosangela me chamou de surpresa. Literalmente assim! Nós não estávamos limitadas financeiramente, pois eu estava com o cartão da minha mãe! Uma semana depois fomos em mais uma festa, só que agora no Parque das Águas! Fomos! Foi uma loucura, eu nunca tinha bebido e ela me enfiou álcool! Colocou! Na próxima semana foi a vez da praça do Campolim. Eu falei: “Ai, Rosangela, não sei...”. Ela já estava meio desvirtuada, começando a expressar meus desejos. Aí pensei comigo: “quero dar um beijo, vai ser você”. Foi meu

primeiro beijo... Foi onde começou a perdição. Começamos a sair, toda sexta e sábado nós saíamos.

Minha mãe me estranhou muito, tentou me prender demais, mas eu já estava com meus dezessete anos. Aí saía eu, ele e a Audrey que era uma sapatona gente fina. Saíamos nós três e nos divertíamos. A minha mãe ficou muito puta no começo e dizia: “você está saindo com a pessoa errada”. Depois que eu comecei a sair, um tempo depois, eu fiquei sem celular e eu deixei meu Facebook aberto no computador de casa e minha mãe pegou umas conversas, eu tinha começado a conversar com meninos.

Eu tinha uma ideia de uma coisa na internet, de pesquisar e me espantar com conteúdo gay e pensava: “nossa! Diferente.” Depois eu me sentia sujo, eu passei um bom tempo me sentindo sujo por olhar pornô, mas queria entender como funcionava a coisa. “Nossa! Credo! Estou vendo isso?!” Tinha até certa cobrança pelos meus primos por parte de mãe, onde eles mostravam as pornografias de mulheres, mas era diferente.

Em questão de educação de drogas, minha mãe sempre pegou muito pesado, ela ficava muito preocupada com isso. Mas ela viu que era uma coisa mais tranquila. Eu saía e bebia algo... E, com o tempo, ela foi ficando mais tranquila. No começo, ela me reprimia muito, até o terceiro ano, depois ela foi ficando mais liberal, fiz 18 também. Fiquei um bom tempo saindo sem falar aonde ia, pois, se falasse, ela não ia deixar sair, não ia me dar dinheiro e nem o cartão. Mas, hoje em dia, está sendo diferente do que foi anos atrás, eu falo aonde vou, estou me mostrando mais, estou me mostrando diferente. Está sendo bom, mas ainda é difícil em algumas partes, me sinto fechado em falar, mas estou tentando naturalizar: “aí! vou sair com um menino hoje, vou ver tal pessoa hoje, vou ver a Rô”. Mostro fotos da minha sobrinha, do meu sobrinho, mostro todo mundo para as pessoas que saio, está mais leve.

Estou conseguindo dar uma perspectiva e estou muito feliz por isso. Minha mãe era muito “cabeça fechada”. Quando ela viu as mensagens no Facebook, eu conversando com o menino: “me chama, passa o contato”. Eu tinha ficado um tempinho sem celular no terceiro ano e todo mundo usava o computador de casa. Muitas vezes eu esquecia e ela via. Minha irmã tirou sessenta e quatro prints de conversas e fotos, lembro até hoje. Peguei o celular dela e apaguei escondido todas as conversas relacionadas a mim, invadiu minha privacidade! Eu questionava: se estaria fazendo algo errado, matando alguém? Me dava muita raiva! Hoje em dia é uma coisa mais “foda-se”. Está mais tranquila, mas ainda há um pouco de ressentimento, mas está muito mais leve do que aquilo que elas fizeram no passado, que fizeram me fechar. Eu consigo me abrir, estou gostando, apesar de ainda ser uma pessoa muito reservada. Estou

falando muito no feminino porque eu já estou familiarizado com você. Agora que estou mais relaxado vou falar no feminino.

Acho que amizade vem disso: companheirismo, lealdade, fidelidade, conversar, trocar momentos, trocar expressões, um rolê, uma viagem, estar animado, estar nos piores momentos quando a pessoa precisa. Talvez lembrar a minha infância traga recordações de muito trauma, porque o excluído era predestinado a fazer tal coisa que eu não queria fazer, mas eu fazia e recebia outros apoios e influências, como minha tia, por exemplo. Uma irmã do meu pai. Ela me apoiava nas coisas que eu queria fazer. Ela nunca falou “não” para mim, sempre embarcava na minha loucura, sempre fazia meus gostos. Eu também sempre fazia companhia a ela. Ela foi uma pessoa “dez” e foi uma pessoa que sumiu da minha luz. Tive que ser forte, pois, além dela, tive outras duas perdas. O nome dela era Maria, mas eu chamava ela de Fa!, de Fatinha ou Fátima ou Még.

Me recordando de algumas coisas, penso em te mostrar um anel da minha tia que ela me deixou, mas quebrou, que era o anel de coco que ela usava. Um anelzinho de coco. Eu usava o anelzinho e ela me julgava. Eu tinha um afeto, um carinho por aquele anel. Quando ela morreu eu tirei do dedo dela e fiquei usando uns dois anos, até o anel quebrar. Tenho memórias, momentos bons, fotos. Eu estava olhando esses dias a última foto que tirei com minha avó, mas não me sinto confortável em compartilhar, pois estava meio gordo. Foi um dia assim, minha avó estava saindo mesmo no deboche. Ela tirou uma foto, um pouco antes de ela brigar com uma velha, amiga da minha tia. Jogou água na mulher e disse: “o que essa velha está fazendo deitada aqui?”. Ela tinha Alzheimer, não reconhecia aquela mulher e ela estava deitada na cama dela, estava doente, mas estava num momento bom, estava sem sonda de alimentação, estava animada, foi uma das últimas vezes que ela estava sendo minha avó. Não estava num momento triste e acamada, ela tinha parado um tempo ruim e nesse momento ela deu uma melhorada.

A lembrança que eu tenho da minha avó é de ir toda semana tomar água de coco e minha avó gostava muito de comer o miolinho do coco verde. Toda semana era um ritual: “Vó, quero um sorvete, quero comer isso”. Ela me chamava escondidinho e falava pra minha mãe: “estou saindo com Naomi”. Aí veio o vazio, ela ficou doente e começamos a parar de sair. Eu passava na frente de onde a gente tomava água de coco. A mulher perguntava: “e sua avó?”. “Está em casa ainda, está fazendo isso”, eu dizia. Eu amava esse hobbie, era um momento de desestressar. Momentos que não voltam mais... Era como se fosse ontem. Fiquei uns três anos passando na frente do local, até que a mulher mudou de lugar. Passo por lá, não é exatamente igual, mas ainda vejo minha avó sentadinha lá, tomando a aguinha de coco da

mulher e falando que queria comer a casca do coco verde. Esse era meu hobbie, meu e dela, ela não queria que ninguém mais fosse, era coisa minha e dela.

Tinha minha outra tia que também era muito presente, desde pequeno. Essa minha tia que era irmã da minha avó era muito próxima, eu limpava o ranho, quando era bebezinho, no cabelo dela, e ela sempre jogava na cara: “aí você chegava e limpava o ranho no meu cabelo”. Aí, hoje, é a Julia, minha sobrinha, que vem fazer o mesmo comigo, ela vem limpar e eu fico “ahhhhhhh, sua nojenta!”

Ela ficava muito brava, pois eu limpava o ranho nela. Ela tinha um cabelão muito grande, era todo branco e eu chegava e assuava e limpava meu nariz. A Julia faz a mesma coisa, só que na roupa. Ultimamente ela está melhor, não limpa mais tanto quanto antes, mas a Rô a chama de “cabelo de fogo”. Para mim, as pessoas mais marcantes para mim são essas três pessoas que saíram gerando um impacto forte na minha vida, tipo... Um declínio na minha vida: minha avó e minhas tias. Minha avó se chamava Justina Maria, a minha outra tia se chama Adalgiza Maria também, e a minha tia se chama Maria de Fátima. A Julia é Julia Maria, cheias de Maria em casa! Eram pessoas que você tinha vontade de colocar num potinho e ficar. Marcaram muito, veio a solidão, veio um tempinho que fiquei sozinho todo esse tempo, que fiquei na minha. No começo foi difícil, mas a gente supera, a gente engole essa dor engole esse vazio porque, como eu falei, “criei essa cascona, durona como eu sou”. São memórias que me marcaram, de pessoas que fizeram diferença!

3.4 Por isso estou sempre rindo! Vou chorar para quê?! – Maria

Me chamo Maria, tenho 37 anos, nasci em 15/09/1985, em São Paulo. Vivi minha infância em Mauá, ABC Paulista, até os quatorze anos, me mudando, apenas em 1999 para Salto de Pirapora. Sou uma mulher trans, heterossexual, me autodeclaro negra, estou cursando o ensino superior, estou solteira, moro sozinha, não tenho filhos e minhas ocupações são de costureira, estudante e professora. Em minha infância sempre tive de tudo, até os quatorze anos, momento em que a empresa Eletropaulo, onde meu pai trabalhava, foi privatizada e acabou por perder o emprego. Nesse momento tivemos que começar a batalhar muito para conquistar as coisas, e isso me estimula a querer lutar nos estudos para trabalhar com a população mais próxima de minha realidade. Hahahahahahaha⁸.

⁸ Em negociação com a narradora Maria, ficou acordado que suas risadas ficariam de forma literal. No entanto, para deixar o texto mais claro e limpo, deixaremos suas risadas apenas no primeiro parágrafo, reconhecendo que elas sempre ficam no final das frases, possivelmente com o intento deixar a narração mais leve diante das histórias que trazem algum teor de sofrimento.

A princípio minha infância foi normal. Em termos. Eu vivia numa família onde tinha que me esconder do meu pai, da minha mãe, não! Ela liberava roupa, brincadeira, tudo normal! Agora a parte do meu pai já era escondido! Quando ele saía era o momento em que me vestia com a roupa da minha mãe, maquiagem, brincava de boneca, fazia roupinha para meus Power rangers, coisas desse tipo. Não tinha boneca, mas tinha os Power ranger. Perto dele tinha que brincar apenas de “coisas” de menino: tinha que brincar de carrinho, jogar bola. Essas coisas! E eu não gostava! Eu preferia brincar com livro, com boneca, maquiagem. Que não eram “normais”... Para minha mãe sempre foi tranquilo! Sempre foi, até hoje é a coisa mais normal do mundo!

Mesmo assim, para mim foi uma fase tranquila... Eu nunca liguei para a opinião dele. Ele tinha muitos problemas com minha mãe, a discussão com ela era frequente... Em casa vivíamos nós quatro: meus pais, eu e um irmão mais novo. Somos de São Paulo, do ABC, Mauá! Morei lá até 1999, com quatorze anos, quando me mudei para cá! Era tranquilo, não tinha nenhum problema. Nada grave. Nada sério. O único problema era o relacionamento com meu pai que era meio estranho. Eu era a excluída, por parte dele, por essas coisas. Mas também nunca fez diferença. Para mim sempre foi tranquilo, normal. Com meu irmão sempre foi numa boa. Com minha mãe também. Apenas com meu pai que não... Tive um bom relacionamento com meu pai até os oito ou dez anos, depois disso não. É que depois dos dez anos ficou mais nítido! Assim, minha condição. Aí ele começou a ficar pior e eu comecei a me afastar. Vi que aquilo não me fazia bem e o que não me faz bem: eu me isolo! Ele não aceitava a forma como me expressava! Meu pai trabalhava na Eletropaulo, passava a maior parte do tempo no serviço, mas quando ele estava em casa eu procurava fazer alguma coisa fora de casa. Ia fazer um curso, ia para academia... Alguma coisa do tipo.

Não temos uma boa relação até hoje! Não nos falamos atualmente! Não tenho contato. Tem época que ele está de bom humor, a gente se fala. Tem hora que ele começa a ficar insuportável: aí, me isolo! Ele é o tipo de pessoa que, vamos dizer assim... Pratica inversão de valores: meu irmão é o bom, hétero... O perfeito! Entendeu?! Eu trans, corro atrás das minhas coisas... Não presto! É desse jeito! Eu prefiro rir a chorar... Apesar disso, para mim, é tranquilo porque eu não esperava outra coisa dele, nunca esperei! Então, para mim é normal, não me abalou em nada!

Vimos para esta cidade onde moro quando eu tinha quatorze anos, em 1999. Até então morava em Itu. A gente morava mais para frente do que moramos atualmente... Eles moram lá ainda. Agora que eu me mudei para cá por causa da faculdade que fica mais próximo. Acredito que a família é uma base, alicerce psicológico, financeiro, enfim, um

conjunto de pessoas com quem possamos contar. Minha família, na realidade é imensa, tanto a família de sangue como a família religiosa, amizade também se inclui em família, tudo engloba uma coisa só. Um vínculo afetivo, alguém com quem possa contar... Para mim tudo isso é família! Uma das pessoas que me acompanham desde a infância é minha prima, sempre foi uma pela outra. Ela é minha amiga, família, confidente... Sempre estamos uma pela outra!

Já na infância a brincadeira que eu mais gostava de fazer era costurar... Minha mãe é costureira, fazia cortinas, essas coisas, para fora. Para ter um tempo na máquina, eu fazia almoço para ela: um ovo mexido com farinha, um copo de café, mandava ela comer. Nesse momento, era o tempo que ela saía da máquina para comer. Eu me sentava na máquina e costurava, era muito gostoso. Fazia as roupinhas do meu jeito! Para os meus bonequinhos, para os Power rangers, aqueles bonequinhos da época... Mas na hora que ela voltava, a máquina estava destruída! Mas foram nessas brincadeiras de infância que eu desenvolvi minha profissão de hoje!

Eu sempre fui uma pessoa mais caseira! Na rua era difícil eu sair, eu só saía para rua quando minha mãe brigava mesmo! Desligava tudo, televisão, escondia livro, brinquedo e falava: – Vai brincar na rua! – Eu tinha que ir. Quando ia para a rua, não me dava bem! Brigava com todo mundo e entrava para casa. Em relação a aceitação do meu irmão com a minha identidade, é até tranquila. Na condição do meu gênero ele aceita, é tranquilíssimo! Meu problema com ele é mais pessoal mesmo, que ele tem um ritmo de vida que não aceito. Fora isso é normal nossa convivência.

Já na escola sempre foi tranquilo. Nunca tive problema! Porque eu sempre fui grande, maior que o pessoal! Eu tenho 1,82 e sempre fui a mais alta da turma, maior que todos os alunos da escola. Quando alguém se atrevia a mexer, apanhava! Então não tinha problema. Resolvia na mão! Sempre foi assim! Então não tinha, quase, problemas na escola!

Até os dezoito anos as pessoas liam meu gênero como masculino! Não digo que tenha tido uma descoberta... Sempre fui assim, sempre me senti mulher.... Comecei a me posicionar quando meu pai queria que eu fizesse a reposição hormonal masculina. E eu não aceitei... Ele chegou e falou: – Tem alguma coisa estranha: começou a crescer peito e bunda! – Ele dizia: – Esse menino tem alguma coisa esquisita! – Me levou no médico e ele explicou, falou que seria possível reverter fazendo reposição hormonal. Eu falei: – Não, deixa assim! Eu já sabia o que queria... Para mim era ótimo! Perfeito! Adorava a sensação do aumento dos peitos e bunda. Neste momento decidi começar toda a transição mesmo! A mudança drástica! Então, até começar a crescer os peitos eu era um menino. Então, depois que os peitos cresceram, aí era sapatão! O povo achava que era uma sapatão! Peito grande e camiseta larga:

– Ah! É uma sapatão! – Eles diziam, mas eu não sou sapatão. Eu estava sendo apenas eu. Para mim era tranquilo essas mudanças. Não tinha um problema assim... Há pouco tempo que descobri a condição de intersexualidade. Descobri com exames que há ovários em mim.

Desde sempre os professores também entendiam... Tanto que desde cedo era perceptível, os meninos iam com caderno de super-herói. Eu não gostava dessas coisas. Meu caderno era de florzinha, adesivo das meninas superpoderosas... Essas coisas! Isso acontecia em todos os sentidos! Não, não tive ou que tenha sido nítido para mim. A única coisa que me influenciou na parte de racismo, de preconceito, essas coisas... Tipo assim, eu não vivenciei, porém eu sabia que existia. Procurei um caminho onde fosse independente até na profissão! Então assim: eu não trabalho para os outros! Tanto que até hoje nunca tive minha carteira assinada! Sempre trabalhei como autônoma para mim mesma. Nunca trabalhei para fora! Para eu não passar por certas situações que via outras pessoas passando: preconceito por cor, tipo não ser admitida numa empresa por ser preta ou não ser admitida numa empresa por ser gay... Esse tipo de coisa! Então para não passar por esses constrangimentos, eu decidi procurar outro rumo. Sim! Porque é uma profissão que tem poucos profissionais, então praticamente as empresas precisam de mim, não sou eu quem precisa deles!

No trabalho acho que implica, sim! Antes da graduação que eu faço hoje, eu fiz uma de ciências contábeis. Tanto que acabei desistindo por diversos motivos: uma única vaga de estágio que eu tentei na Prefeitura de São Paulo, eu não fui admitida pelo fato de ser assim, porque eu estava terminando o terceiro ano e tinha curso de auxiliar financeiro, informática e não fui admitida. Outra menina, uma mulher cis foi admitida no primeiro semestre do curso. Eu pensei: – Não, não tem outra explicação! Entendeu? Eles deixam de contratar a pessoa mais qualificada: qual motivo?! Porque é preta, porque é trans, certeza que foi isso! Mas, meu posicionamento foi continuar no meu ramo!

No entanto, eu fui uma criança feliz! Tanto as coisas boas quanto as ruins fizeram o ser humano que sou hoje: determinada, batalhadora, gosto de correr atrás do meu, sem atrasar o lado de ninguém. Agradeço por tudo que ocorreu e me fez quem sou hoje!

Mas uma das melhores partes da infância eram nossas viagens para o Nordeste! Todo ano nós íamos! Minha família veio de lá. Minha parte de mãe, Pernambuco; parte de pai, da Bahia. Então, um ano a gente ia para Pernambuco, um ano para Bahia. Praia, amo! E a família do meu pai é de Itabuna, perto de Ilhéus, litoral. A parte da minha mãe já é sertão de Pernambuco, só que tinha bastante parente que morava em Alagoas, Maceió, então eu amava! Maceió e Ilhéus, para mim, é tudo! Era perfeito!

De amizade eu tive sempre bastante! Hoje, não ligo mais para amizade, mas antigamente, sim! Hoje, não mais! Tipo assim: eu penso mais em mim. Algumas situações da vida me deixou uma pessoa mais egoísta, mais individualista! Hoje penso mais em mim, pouco nos outros! Me priorizei, e vida que segue! Sabe quando você começa a enxergar algumas amizades que estão próximo de você por benefício próprio? Você vê a falsidade da pessoa, ela só está ali enquanto convém a ela? Dessas pessoas eu me afastei! Tanto que hoje, meu círculo de amigos é bem pouco, não era igual antigamente que eu tinha muitos amigos. Tinha muita amizade, muita balada, muitas coisas assim e vi que para mim não valia a pena. Hoje estou melhor com poucos, os de qualidade, do que antigamente que eu tinha muitos e não tinha qualidade nenhuma. Meus amigos de infância eram meus amores, estes eu tenho contato até hoje! Por conta das redes sociais, facilita a aproximação, com Facebook é tranquilo! Pega os grupos da escola, essas coisas assim... Tenho contato sempre!

Em relação às atividades da escola a gente gostava muito de se juntar e fazer clubinho do livro. Éramos os *nerds* da escola... Então a gente fazia tipo essas coisas: Jogar RPG, essas coisas. Na época eu jogava, hoje não sei nem como que joga, mas a gente jogava muito! Isso. Mas eu gostava de ficar em casa. Não gostava de ficar em rua não! Até mesmo porque na época da infância. A gente mudou muito! Até os sete... Oito anos, a gente mudou bastante, cada ano era num lugar! Aí, depois dos oito anos, foi quando meus pais conseguiram comprar a casa, então a gente fixou lá em Itu. Sempre na mesma região, ali! Hoje eles estão velhinhos! Não tenho paciência mais com aquela agitação de lá, não! O interior, Sorocaba está sendo ótimo para mim... Eu gosto. Está sendo benéfico para mim. Tanto que já comecei a pegar aulas por fora. Essas coisas, para mim, estão fazendo bem!

A criançada hoje cresce sem saber o que é uma pessoa trans... Eles não sabem! Então, eles tendo uma referência, sabendo o que é. Porque todo mundo acha que uma pessoa trans é puta! A visão do mundo! Você não pode ser uma professora, não pode ser uma médica, não pode ser nada! Só pode trabalhar na rua! Então, acho que a gente correndo atrás de uma educação melhor, a gente consegue até mudar isso! E isso está na mão da gente. Porque assim: a sociedade é preconceituosa? – Sim! Ela é preconceituosa. Só que, eu por exemplo, que pretendo me formar como professora, o que eu posso fazer? Conhecimento! Tendo conhecimento eu presto um concurso como professora: estou lá dentro, ninguém me tira! Não vou ser definida pelo arquétipo que eles acham que eu sou e, sim, pelo conhecimento que eu adquiri! Então a melhor arma que a gente tem é isso: a educação, o conhecimento e correr atrás do prejuízo! A violência ou preconceito não vão me definir.

Até mesmo porque sempre tive o apoio da minha mãe. Minha mãe sempre foi a pessoa que me dava as roupas! Ela, até hoje, desde que comecei a transição, é o tipo de pessoa que, assim: passa numa loja, vê uma roupa bonita: “olha, para você!” Sempre foi desse jeito! Maquiagem, tudo ela me deu! Então, tive total apoio dela! Única coisa que ela falou: – Quero que você seja feliz! Só isso! – Como? – Aí é problema seu! Por isso sempre estou rindo! Vou chorar para quê?! Para mim, o apoio da minha vó é tudo! Foi tudo tão tranquilo assim para mim, não tem o que eu exaltar... Para mim, o apoio dela me bastava! Os outros não influenciaram em nada! Foi tranquilo! Nunca tive esse tipo de problema, não... Nem mesmo na escola ou nos bairros onde morei! Eram sempre bairros pequenos e sossegados! Não tive problemas não! O povo se assustou mesmo, quando eu voltei para São Paulo. Foi tipo um choque! Mas também nada demais! Tipo: – Hã... Sério?! Mas foi tranquilo! Hoje eu corro atrás do prejuízo, do meu lugar na sociedade. É isso. A gente tem que batalhar... A vida já não é fácil e para gente é pior ainda, então a gente tem que correr atrás, não pode desanimar! E uma coisa que minha mãe sempre me falou desde o começo: – Por você ser preta, você tem que ser melhor do que os outros e, por você ser trans, tem que ser dez vezes melhor para você ter seu lugar! Eu sempre cresci com isso na cabeça. É isso: sempre procuro mais, buscar mais, não aceito menos! Como se diz?! Como posso dizer? Estímulo! Temos que continuar!

Vou ser sincera, agora! Às vezes, minha risada é sincera, entendeu?! Estou rindo de felicidade! Mas, muitas vezes, é uma maquiagem, muitas vezes eu estou destruída, acabada por dentro, só que eu não posso transmitir isso para o outro, entendeu?! Porque se eu transmitir tristeza a outra pessoa vai receber aquilo e eu prefiro transmitir alegria, mesmo que não seja verdadeira, entendeu?! Por isso eu estou sempre rindo, estou sempre alegre, mas só deus e eu sabemos como estou por dentro, só eu sei das minhas mágoas e angústias, meus anseios, mas eu não preciso demonstrar isso para o mundo! O mundo já está ruim demais para estarmos demonstrando tristeza e passando isso para os outros, então acho que o mínimo que temos que demonstrar é alegria, fingir que está bem... Ninguém precisa saber que estou mal! Quem tem que saber se estou bem ou mal sou eu e meu travesseiro... Me fecho no meu mundo e desabo... Assim a gente segue a vida!

Tanto que chego na universidade e falo: – Ainda não vi nenhuma trans! Gente, esse povo está onde? O povo acha mais fácil ir para a rua, entendeu? Não tem cabeça... Me espanta... É difícil entrar numa empresa?! É difícil, mas eu tenho tantos caminhos, mas preferem o mais fácil! O que não é tão fácil assim! Está tudo ótimo! Continue assim! Até um bom tempo atrás eu achava minha história pesada, só que depois... Eu tinha a visão da minha história, para mim era pesado. Só que depois que comecei a conhecer pessoas com problemas

bem maiores, aqui na cidade mesmo tem um rapaz homossexual que ele é desse jeito, no caso dele... Ela não nasceu assim, ficou assim, pelo fato de que ele era tratado como “mulher” pelo pai dele, ele era abusado pelo pai, entendeu? Tinha que cuidar da casa... Era a esposa do pai! Tem coisas pesadíssimas que a gente vê dos outros, por isso eu falo: – Gente, eu tive uma infância perfeita, minha vida foi perfeita. Então não tem por que eu me vitimizar. Porque tem histórias que você fala: – Não gente, isso não é possível. Não... Tipo assim: eu pegar e falar: – Ah, porque eu fui uma criança sofrida... Não, não fui! Tem tantos casos que a gente realmente vê “o que é sofrimento” ... Que não é! É que assim: quando a gente está na nossa redoma, tem uma visão... Quando a gente começa a conhecer o mundo, muda! Percebemos que nosso comparado ao do outro não era nada! Também houve muitas alegrias: de estar em reuniões de família que era todo mundo unido... Até hoje é! Final de ano toda a família se junta. Vem um ônibus de São Paulo para a casa da minha mãe. As viagens para o Nordeste eu amava! Convivência com minha mãe sempre foi perfeita! A gente pega o sofrimento, deixa de lado e pega só as coisas boas! Absorve só o bom!

4 NÓS FRONTEIRIÇOS DAS INFÂNCIAS CONTADAS

Nós, pronome coletivo

Que só quem é sabe

Pronome coletivo

Que só quem é sabe

Só quem é sabe

Só quem é

(Trecho da música “Diamante”,

de Daniel Weksler / Drik / Priscilla Novaes Leone).

A cultura branca dominante está nos matando devagar com sua ignorância.

Ao nos destituir de qualquer autodeterminação, deixou-nos fracas/os e vazias/os. Como um povo temos resistido e ocupado posições cômodas, mas nunca foi permitido sermos nós mesmas/os completamente. Os brancos no poder querem que nós, povos de cor, construamos barricadas atrás dos muros separados de nossas tribos, de maneira que possam nos apanhar um de cada vez com suas armas escondidas; de maneira que possam criar e distorcer a história. A ignorância divide as pessoas, cria preconceitos. Um povo mal-informado é um povo subjugado. Antes que as/os chicanos e as/os trabalhadoras/es ilegais e as/os mexicanas/os do outro lado possam se unir, antes que as/os chicanas/os possam se unir a americanas/os nativos e de outros grupos, precisamos conhecer a história de suas lutas e elas/es precisam conhecer a nossa. Nossas mães, nossas irmãs e irmãos, os rapazes que ficam nas esquinas, as crianças nos parques, cada um de nós devemos conhecer a nossa linhagem indígena, nossa mestisaje-afro, nossa história de resistência.

(Gloria Anzaldúa, 2005, p. 713-714).

Para análise das entrevistas e de acordo com os objetivos da pesquisa, foram investigadas categorias relacionadas aos assuntos e tópicos que as pessoas entrevistadas trouxeram em sua narrativa, tais como: infância, armário, AIDS, relações afetivas, violências e resistências, entre outros. Essas categorias e destaques foram confrontados entre si para aprimorar a análise, e dialogaram com a perspectiva teórico-metodológica da história oral e estudos sobre memórias e infâncias dissidentes das normas de gênero e sexualidade.

Inicialmente, busquei responder à pergunta: “como os corpos fora das normas de sexo/gênero inventam e constroem estratégias e encontros de sobrevivências e resistências através dos afetos na infância?”. Foi possível perceber que, mesmo com todas as dificuldades impostas pelas normas da cisgeneridade, da heteronormatividade, do racismo, de classe, entre outros, todas as pessoas entrevistadas trouxeram uma perspectiva da infância como um momento importante de sua vida, apesar das violências e dificuldades encontradas.

No entanto, logo aviso, é importante ressaltar novamente. Este trabalho é voltado para a pluralidade de crianças brasileiras. Este encontro foi feito na fronteira dos corpos, de muitos

corpos, inclusive do meu, o corpo de uma bicha criança. Terá também as crianças Maria homem, que convidou as crianças gordas que andam e rebolam, as crianças com vozes finas e anasaladas. Ah, não nos esqueçamos de convidar as crianças que gargalham sem parar, que utilizam o riso como estratégia de sobrevivência! O convite é feito apenas para crianças, para toda criança com olhar e subjetividade acriançada, aquelas que escapam dos livros e manuais de estudos sobre infância, tomam percepções inaugurais das coisas e tornam tudo um grande enigma (Larrosa, 2003). Os adultos estão proibidos, pois o mundo já é deles.

Os adultos classificam e demarcam o que sabem sobre ser criança. O adulto sempre “aproveita que é impossível para uma criança se rebelar politicamente contra o discurso dos adultos: a criança é sempre um corpo ao qual não se reconhece o direito de governar.” (Preciado, 2013, p. 1). As crianças que contam as histórias aqui são crianças que fogem da norma cisnormativa e heteronormativa, algumas delas brancas, outras pardas e negras. Corpos e crianças que sobreviveram e resistiram às normas através de seus corpos lançados às fronteiras.

No entanto, essas regras e leis não chegam às fronteiras. Os corpos nos entrelugares da fronteira, corpos criança com feridas abertas em suas psiques, são corpos erráticos na produção das normas da branquitude, cisnormatividade e heteronormatividade. Em suas incursões, erros e olhares para as coisas, as crianças são potências, subvertem e inventam novos mundos, novas possibilidades e novos futuros. Neste encontro fronteiro, o convite é aberto aos corpos lidos como diferentes pelas normas e sistemas de poderes que a produzem a diferença distribuindo identidades através das categorias interseccionais (Preciado, 2018).

Não digo que as outras crianças não possam estar participando de algum modo deste trabalho. Mas é necessário abriremos espaços para as crianças que não são reconhecidas e protegidas dentro da norma. Isso porque, a concepção de criança e infância estão baseadas em valores capitalistas através das lógicas de progresso e desenvolvimento que, através de teorias explicativas, produzem um ideal branco, assexuado, burguês e heteronormativo e cisnormativo de criança (Rodrigues; Brasileiro; Zamboni; 2020).

Esses padrões enquadram os corpos lidos como normais tornando-os modelos de infância ideal e universal. Para as infâncias lidas como “anormais” socialmente, que Rodrigues, Brasileiro e Zamboni (2020) chamaram de infâncias contrabandeadas – aquelas infâncias de crianças “pretas, pobres, malditas, maldivas, travestidas, fedidas, odiosas, faveladas, fugidias” –, para qualquer marcação fora da universalidade e do ideal, opressões, preconceitos e violências e nomeações com intencionalidade pejorativa aguardam esse corpo. Pedro foi um desses corpos lidos como anormais:

Ouvia muitas frases se referindo a mim como “Maria Homem” por andar mais com os meninos do que com meninas. Me portava como um menino. Sempre fui assim. Nunca gostei de boneca, eu gostava mesmo era de carrinho e bola! Para mim nunca existiu e nunca existirá essa rotulação de masculino e feminino. Assim como cor “azul é de menino e rosa para menina”. Essa diferenciação pesou muito mais na escola do que em casa. (Pedro, 22 anos).

Pedro está evidenciando em sua fala é que as normas cisnormativas e heteronormativas, influenciadas pelo patriarcado, circunscrevem e prescrevem comportamentos direcionados a meninos e meninas, e qualquer criança fora dessa norma sofrerá imposições, violências e isolamentos para que se adequem à norma, como, neste trecho da entrevista, impelindo tentativas de insultos a ele como “Maria homem”. O corpo e a expressão de Pedro borraram a norma, não era esperado que se comportasse dessa forma, as expectativas para sua infância era que brincasse com meninas, brincasse de boneca e gostasse de rosa.

Seja pelo poder que o adulto tem de enquadrar o que é infância, o que é ser criança, e/ou pela definição da ordem patriarcal, cisnormativa e heteronormativa, que torna possível a condição humana desses corpos serem projetadas para as fronteiras corporais como espaço identitário. Assim como as outras crianças narradoras de suas histórias, Pedro, ao viver a experiência de não pertencimento, experiência de não assimilação da norma, numa sociedade adultrocentrica, cisnormativa e heteronormativa, ao sentir que era diferente por conta da forma como seu corpo comportava e de sua condição de criança, sofreu com as violências e imposições pela cultura, criando fissuras psicológicas ou nepantlismo⁹ mental que é lançado(a) para as fronteiras.

Entretanto, a experiência fronteira não é um espaço que se finda numa guerra interior de subalternização, mas, antes de tudo, um processo de resistência e transgressão das fronteiras:

não se deve pensar a fronteira somente em termos de segregação, uma barreira intransponível que separa o eu e o outro. Não são nesses termos que Anzaldúa pensa. A autora postula a ideia da fronteira como um lócus de resistência, de ruptura, de implosão e explosão também; onde a mistura encontra um local propício, nas oportunidades de juntar os fragmentos e criar um novo conjunto. Lá, a possibilidade de transgredir as definições

⁹ Nepantla é um conceito utilizado por Anzaldúa (2005). Nepantla é uma palavra em Náuatle que significa “no meio disso” ou “meio”. No uso contemporâneo, Nepantla frequentemente se refere a estar entre duas culturas, especialmente a cultura de origem e a dominante. Geralmente, se refere a uma posição de perspectiva, poder ou potencial, mas às vezes é usado para designar um estado de dor ou perda.

rígidas de cultura, nação, sexo ou gênero é real e concreto. (Palmeira, 2020, p. 16).

Ao renunciar a rotulação de masculino e feminino, Pedro cria resistências ao tomar um tipo de consciência da fronteira que Anzaldúa (2007) denomina de *mestiza*, que, ao invés de escolher um lado, se hibridiza, faz uma mistura, movendo-se para além das fronteiras e da rigidez da binariedade e age na construção e imaginação de um terceiro mundo. Essa possibilidade de analisar o mundo a partir da fronteira, a partir de inventividades das formas de ser e estar no mundo, além de curar as feridas internas de nossas psiques, pode:

Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta que poderá, com o melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência e da guerra. (Anzaldúa, 2005, p. 707).

É justamente na direção coletiva, nos encontros dos corpos fronteiriços que meu corpo sentiu, aprendeu a respirar e a sentir na carne. Relato a partir do “nós”, pois meu corpo, na infância, também sofreu e resistiu nas fronteiras. Nos encontros com outros corpos, através do acolhimento, do tornar-se e pertencer nas fronteiras, a potência de meu corpo encontrou a consciência do processo coletivo inscrito na esperança para transformar, resistir e respirar. Os NÓS FRONTEIRIÇOS, no início deste capítulo e como título da dissertação, evoca uma coletividade de crianças que experienciam e habitam as fronteiras, resistindo, subvertendo e imaginando mundos outros nesses encontros: uma nova forma de viver um mundo plural e sem violências.

O que nos une enquanto coletividade, o “Nós”, que pode ser entendido como primeira pessoa do plural ou um grupo de pessoas, ou “Nós”, como plural de nó, emerge da e na fronteira nesses dois sentidos, de coletividade e conexão. Não quero que nos apoiemos e focalizemos o sofrimento e violência como produção de paralisia nas histórias contadas ou nos traumas coletivos relatados neste trabalho, pois, geralmente, essas se tornam *histórias únicas* e podem estereotipar e representar uma perspectiva unidimensional a partir de quem tem o poder (Adichie, 2009). A intenção não é reproduzir história do sofrimento coletivo de crianças LGBTQ+. No entanto, não podemos cair no extremo oposto de esquecimento e negação de nossas histórias, onde o sofrimento pode existir e é presente nesses relatos. Como aponta Conejo (2010), esse processo de esquecimento se torna conhecido como amnésia coletiva que naturaliza e invisibiliza uma importante parte da história:

Como sabemos, el liberalismo no nos niega (aparentemente) este derecho, pero por reparación entiende amnesia colectiva. Desde sectores “progresistas” se nos pide (casi demanda) que vivamos orgullosamente el ser

gays, lesbianas, trans o bissexuais (o lo que seamos). Nos dicen “pero no eres marica, eres gay” o “no te pongas en la posición de víctima”. Esta clase de políticas pueden tener resultados contraproducentes para los movimientos críticos de la heteronormatividad. Ese pedido liberal nos dice “renuncien a sus historias”, a historias que están marcadas por exclusiones violentas, sí, pero que son nuestras historias. “Renuncien; todos los sujetos tenemos la misma historia”. Este discurso naturaliza e invisibiliza la dominación. Construye una subjetividad autosuficiente que niega la historicidad de su propia posición. (Conejo, 2010, p. 92).

Olhar apenas para as histórias negativas de experiência de uma pessoa ou de um grupo, pode construir não relatos de mentiras, mas relatos parciais constituintes das histórias únicas. Esquecer a parte da história que contém violência invisibiliza e naturaliza a dominação. O que apontamos aqui é o limite do que cada pessoa entrevistada acreditou ser importante contar com perguntas direcionadas ao tópico da infância, fossem momentos de tristeza e/ou alegria. As histórias contadas aqui contêm vidas e existências muito mais complexas que estes relatos. Diante disto, é importante apontar para as memórias e afetos das/nas fronteiras presentes histórias narradas.

4.1 Crianças, infâncias e corpos: memórias e afetos das/nas fronteiras

Vivendo na infância sem ter a sensação de um lar, encontrei um refúgio na “teorização”, em entender o que estava acontecendo. Encontrei um lugar onde eu podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente.
(hooks, 2017 p. 85).

De qué me servía ser un niño si mi infancia era pensada como una transición a un espacio y a un nombre (hombre) que me parecían inhabitables? ¿Por qué ese niño no podía tener otros futuros?
(Conejo, 2010, p. 87).

Para que serve ser criança e a infância? É com esta pergunta de Giancarlo Conejo (2010) que inicio as reflexões sobre as histórias narradas por adultos de suas infâncias que escapam aos modelos ideias e universais. A pergunta-denúncia colocada pelo autor nos incita a reconhecer o poder das normas em organizar e lançar corpos de crianças e infâncias indesejados para as zonas de experiências fronteiriças inabitáveis e sufocantes. As crianças e as infâncias serviriam como um projeto capitalista de fabricação de corpos para a sua repetição, de um futuro já planejado e orquestrado pelos adultos, para produzir futuros adultos à sua medida (Larossa, 2003); ou seja, haveria assim uma forma “normal” e “natural” de viver os gêneros, conjuntamente com a representação do conceito de família, a qual, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual: a heterossexualidade. (Louro, 2004, p. 88).

As histórias narradas aqui, como já dito, são das memórias de adultos sobre as formas de ser criança e suas infâncias. Pessoas que resistiram, borraram e escaparam à assimilação das normas e violências impostas pelo projeto compulsoriamente pautado na heterossexualidade. Tais crianças inventaram, criaram e confrontaram algumas vezes sozinhas e, em outros momentos, em bandos, as normas prescritas para seus corpos. Apesar e por conta disso, as crianças narradoras deste trabalho, em esforço coletivo, esbarram na pergunta e refazem outra: para quem serve o corpo das crianças e as infâncias?

Apesar da guerra velada e direta instaurada contra esses corpos, a maioria das pessoas entrevistadas significaram sua infância como ótima e/ou positiva. Mais especificamente e respectivamente, Pedro sente que foi a “melhor fase de sua vida”; Jorge não adjetiva a infância, mas relata a “importância do apoio dos amigos em detrimento da ausência do apoio da família”. Naomi acredita que teve uma “infância tranquila” com presença massiva de mulheres – em sua maioria, mulheres negras – no cuidado e apoio que a influenciaram em sua infância, ajudando na superação dessas recordações que lhe suscitam traumas. Maria foi “uma criança feliz, teve uma infância normal e perfeita”, teve de “tudo” na infância e, apesar das violências e exclusões na família e escola, afirma não se vitimizar ao não enfatizar tais violências em sua vida, se comparadas às de outras pessoas.

A partir da memória, essas adultas (os) que sobreviveram e sobrevivem as marcas da diferença durante suas infâncias, tomam consciência das inúmeras estratégias de resistência criadas neste processo. Narram, enquanto significam seus movimentos singulares, seus corpos posicionados na e da fronteira, se movimentam entre os afetos das crianças que foram, que são e que serão: não ganham vozes, mas ouvidos que as (os) escutem. Pedro conta sua história e como fragiliza e desestabiliza as expectativas de enquadramento das normas através de seu corpo:

Além disso, sempre me senti diferente porque eu nunca me senti como uma menina, nunca! Desde pequena sentia as coisas de forma diferente, me sentia estranha. Pensava: – “Há alguma coisa errada comigo”! Somente hoje em dia percebo que é normal. Percebo que era normal meu jeito de “moleca” de ser. Ouvia muitas frases se referindo a mim como “Maria Homem” por andar mais com os meninos do que com meninas. Me portava como um menino. Sempre fui assim. Nunca gostei de boneca, eu gostava mesmo era de carrinho e bola! Para mim nunca existiu e nunca existirá essa rotulação de masculino e feminino. Assim como cor “azul é de menino e rosa para menina”. Essa diferenciação pesou muito mais na escola do que em casa. (Pedro, 24 anos).

Pedro escapou à norma da cisgeneridade em sua infância. A ditadura dos corpos imposta pela heteronormatividade nunca lhe fez sentido. As expectativas para seu corpo

designada menina ao nascer era de que se comportasse e performasse papéis sociais de contornos bem definidos, como fragilidade, delicadeza, que brincasse com boneca e gostasse de rosa e se direcionasse a grupos exclusivos de meninas, além de compor um futuro do papel social de “mãe” e/ou um corpo reprodutor. Pedro escapou da subserviência da norma e escolheu viver seu corpo e seus desejos da forma que mais lhe fizesse sentido. A sensação de sentir-se diferente que Pedro relata, faz parte do processo de imposição de uma infância normal e universal, cisnormativa e heteronormativa que busca corrigir e punir através das mais variadas tentativas e formas de violência – neste caso, a violência psicológica – quando nomeavam Pedro de “Maria Homem”. Pedro tornou-se um transgressor das fronteiras das normas de gênero, segundo Guacira Lopes Louro (2004, p. 87):

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção. Possivelmente experimentarão o desprezo ou subordinação. Provavelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias”.

A tentativa de nomeação “pejorativa” com “Maria homem” pode ser o início das tentativas de correção e punição, através da construção social de normal/anormal, que geralmente pode se iniciar na concretude do seio familiar, escolar e social. Como aponta Conejo (2010), é através dos discursos que a nomeação baseada no modelo universal de criança e infância busca ferir, aniquilar e marcar o corpo, assim como em sua própria experiência, quando foi chamado de “marica” ou “bicha”. Segundo o autor, “a injuria marca el cuerpo y define identidades. En este caso la injuria marca un cuerpo mucho antes de que este cuerpo tome conciencia de dicha marca. La injuria “marica” me interpeló antes de darme cuenta que yo era una.” (Conejo, 2010, p. 82).

É através da linguagem e do discurso, da performatividade de gênero,¹⁰ da nomeação que os corpos e sujeitos produzem e são produzidos por ela, ao produzir a diferença, o normal

¹⁰ Butler (2003) destaca que o gênero não é algo que simplesmente “somos” ou “temos”, mas sim algo que “fazemos”. Ela enfatiza que as identidades de gênero são produzidas por meio de comportamentos, gestos, roupas, linguagem e outras expressões que repetimos de maneira contínua e consistente. O conceito de performatividade de gênero desafia a noção tradicional de que o gênero é determinado pela biologia ou por características inatas. Em vez disso, Butler argumenta que o gênero é uma construção discursiva e performática, que pode ser desconstruída e transformada por meio de novas práticas e expressões de gênero.

é coproduzido, estabelecendo para si, o centro como espaço de privilégios de produção de vida e/ou corpos que importam e a margem como único local possível de abjeção e precariedade (Oliveira, 2017). Nomear é uma das estratégias discursivas para qualificar quais vidas são reconhecidas como legítimas de cuidado e proteção e quais vidas podem ser humilhadas, violentadas e entristecidas. Ou seja, o ato de nomear produz condições de humanidade: vida e morte. Desse modo, ao produzir o discurso de “Maria Homem”, o agressor também produz sua normalidade. Assim, como analisa Junqueira (2013) as “brincadeiras” homofóbicas e heterossexistas, nomear o “outro” de sua “abjeção”, pode conferir ao nomeador, uma posição de privilégio e manutenção de sua dominância, fortalecendo e firmando uma posição de normalidade através da demarcação do anormal. Como se dizer quem o “outro” é, pudesse isentar o agressor e formar um “nós, normais”.

No entanto, a violência da nomeação e a busca por transformar o corpo de Pedro em abjeto não foram suficientes para sua normalização. Pedro transgrediu e borrou a norma, fez da colisão de seus sentimentos e do mundo uma *mestiçagem*, tomou a consciência do que lhe fazia sentido e atravessou e desafiou as marcas do poder do adulto e da heteronormatividade (Anzaldúa, 2005). Com o passar do tempo, Pedro transformou a forma como era nomeado – Maria Homem – em um espaço habitável, contraditório e de transição. Pedro internalizou a ambiguidade de reconhecimento tanto de “menino/homem” como “menina/mulher”, fazendo com que, hoje, possa ser reconhecido em ambos os gêneros, a partir de como o outro o vê e quer chamar. Para ele, pode ser chamado, apontado e reconhecido tanto como homem quanto mulher. O que inicialmente foi uma tentativa de normalizar seu corpo, agora, parece ter sido subvertido e superado em sua dualidade binária: *ou* “isso” *ou* “aquilo”, em “tanto isso” *e/ou* *como* “tanto aquilo”.

Apesar de transgredida, as normas têm diversas estratégias para manutenção do seu controle. Para Junqueira (2012; 2013) o processo heteronormalizador da nomeação e vigilância de si e dos outros é denominado de “pedagogias do insulto e do armário”:

A força da pedagogia do armário parece residir inclusive na sua capacidade de garantir a não nomeação de suas violências, o silenciamento de seus alvos e o apagamento de seus rastros. Não por acaso, nos relatos coletados, foi infrequente o uso dos termos homofobia e heterossexismo. Mencionar sujeitos e violações a que estão submetidos poderia implicar processos de reconhecimento não só de suas existências sociais, mas de sua condição como sujeitos de direitos – passo importante para se enfrentarem as hierarquias, os privilégios e os processos de invisibilização que o “armário” nutre ou produz. (Junqueira, 2013, p. 493).

Além de vigiar, controlar e punir as pessoas que transgridem as normas dentro do ambiente escolar, uma das formas de manutenção e força desta violência, está justamente em camuflar-se e invisibilizar-se dentro dos discursos e práticas escolares e cotidianas. Isto aparece no relato de dois dos participantes, ao trazer o conceito de bullying:

Também costumava brincar muito na creche, mas foi no ensino médio, acho que na quinta série, que começou a ter um grupinho mais chato, que praticava bullying. Eu não deixava por menos, era terrível também, o bullying nunca funcionou comigo porque eu batia em todo mundo! [...] Na época não se falava em bullying, essa palavra nem existia, mas algumas brincadeiras deixavam outras pessoas chateadas. Era muito comum ouvir chamarem outras pessoas de gordo, zoar com o cabelo do outro. (Pedro, 24 anos).

Foi ainda quando criança, que começou o bullying relacionado à nossa forma de ser. O momento de maior dificuldade foi na escola, acredito que na quinta série, quando eu conheci dois amigos meus: Ricardo e Nino [...] Mas o bullying, o preconceito acontecia de uma maneira que trazia bastante sofrimento. (Jorge, 45 anos).

Tanto Jorge quanto Pedro relatam o início do bullying ou da violência no âmbito escolar, mais especificamente na quinta série, quando os alunos, em geral, têm uma idade de 11 anos. Estas falas corroboram os estudos que apontam a prevalência das violências entre alunos e crianças de 11 a 14 anos nas escolas (Grizorti, 2021). Na fala de Pedro, o conceito “bullying” não funcionava com ele, por conta de ele saber se defender, porém, concomitantemente, revela que antes deste tipo de nomeação, as violências pareciam assumir um tom naturalizante, já que sequer era nomeada: “não existia”. Grizorti (2021) afirma que, mesmo com grande repercussão no âmbito acadêmico e na mídia, o Brasil estaria quinze anos atrasados em relação aos estudos de tratamento aos tipos de violência nas escolas, revelando que as violências sempre aconteceram, mas atrasados se comparados aos estudos europeus.

Bullying é definido como “todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas adotadas por uma pessoa ou um grupo contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento” (Terêncio & Albino, 2012, p. 1). O termo foi popularizado após estudos do professor Dan Olweus, da universidade de Bergen, na Noruega, em 1970, motivados após o suicídio de três crianças expostas às violências de seus colegas na escola (Grizorti, 2021). A questão é que as violências sempre existiram, inclusive no ambiente escolar, mas só se tornou fenômeno social a ser considerado, quando se começou a perceber que crianças estavam chegando ao limite do suicídio, ou seja, num sofrimento extremo ao ponto de decidirem tirar a própria vida.

É justamente através do tom de “zoação” e “brincadeiras”, narrado por Pedro, que as estratégias normativas e corretivas “ora camuflam, ora explicitam injúrias e insultos, jogos de

poder que marcam a consciência, inscrevem-se no corpo e na memória da vítima e moldam pedagogicamente suas relações com o mundo.” (Junqueira, 2013).

O bullying ou os diferentes tipos de violência que ocorrem nas escolas ou também nas redes sociais tem vários efeitos físicos e psicológicos, além dos sociais. Nas vítimas, é muito comum baixo rendimento escolar, ansiedade, depressão, stress, baixa autoestima, insegurança, isolamento de si e dos outros além do absentismo (Grizorti, 2021). Um estudo realizado na cidade de Sorocaba-SP, realizado em 2015, na parada LGBT, mostra que a escola é um dos principais espaços para a reprodução das violências LGBTfóbicas, sendo que entre as formas de agressão, a mais recorrentes é a verbal, correspondendo a 64,5% (Garcia; Medonça; Leite, 2015).

É através das estratégias de heteroterrorismo que as crianças que escapam às normas serão atacadas e impelidas à expulsão desses ambientes através das múltiplas violências que chegam a esses corpos, fabricando corpos tristes, emudecidos e isolados por serem reiteradamente colocados numa posição de subalternidade, de acordo com Berenice Bento, (2011, p. 555):

A escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil, é limitador falarmos em “evasão”.

Os frequentes ataques às subjetividades dessas crianças através do heteroterrorismo, ou seja, de insultos, humilhações e ostracismo, operam de forma contínua uma expulsão velada e concedida, tornando-se impossível manter-se nesse ambiente, o que é geralmente lido pela escola como evasão escolar, mas, na realidade, é um processo hostil, violento e silencioso contra as crianças que escapam às normas, causando um sofrimento que chamaremos de sofrimento ético-político:

Em síntese, o sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. (Sawaia, 2006, p. 104).

Falamos de uma estratégia de expulsão pelo sofrimento ético-político nos corpos dessas crianças, de nossas crianças fugidias. Tanto Pedro quanto Jorge apontam para como

essas “brincadeiras” traziam sofrimento, não só para pessoas que escapam da norma cisnormativa e heteronormativa, mas para corpos de pessoas gordas, negras ou com algum tipo de deficiência:

Nessas questões da escola. Sempre fui gordinho e na minha família tem uma genética que todos nós temos a perna torta, e isso fez com que todos nós andássemos de jeito um pouquinho diferente, como se andasse rebolando. Essa era a palavra que a professora me chamou uma vez na sala dos professores e disse em tom de orientação: – Percebo a forma como você anda – rebolando – aconselho a tentar andar sem mexer os braços, sem mexer muito, vai ser melhor para você... Sabe?! Eu fiquei pensando nisso, mas nunca tive coragem de contar para ninguém, até mesmo porque tinha um grande apreço por ela, gostava muito dela, mas aquilo me machucou muito! (Jorge, 45 anos).

A intersecção destas marcas poderia acentuar ainda mais, tal sofrimento, em outras palavras, quer dizer que “ser bicha era um problema para quem estava próximo. Ser bicha e preta era um problema ainda maior.” (Oliveira, 2017, p. 107). As violências chegam diferentes para cada corpo, para cada marca, inclusive porque a marca do desvio da heterossexualidade na infância parece ter a ver muito mais com uma performance de gênero, do que propriamente a sexualidade.

Para os vigilantes do binarismo de gênero, qualquer indício de desvio é punido, mas é punida e vigiada ainda mais aquela criança na qual abre mão do “privilégio” da masculinidade hegemônica, isto é, a criança designada como menino e que se aproxima de uma performance considerada mais feminina ou expressa uma forma mais afeminada; assim como a criança designada menina, que não expressa a feminilidade esperada e performa masculinidade. Oliveira (2017) diferencia a conduta da bicha/veado que resiste, um sujeito que transgride radicalmente as normas, expressando feminilidade, diferente do gay higienizado/homossexual, conduta que ajusta as regras heteronormativas num sentido de assimilação. Não é só e necessariamente com a sexualidade de que os defensores do binarismo têm tanto medo, mas com os “primeiros sinais” de transgressão da expressão de gênero hegemônica que as crianças mantêm.

Desta forma, por mais que as crianças não tenham definido sua sexualidade ou estejam apenas no início de sua compreensão, é a transgressão através dos estereótipos de gênero que serão pistas para um desvio do projeto de heterossexualidade compulsória:

Penso que a pressão chegava muito mais no Ricardo. Era muito diferente. O Ricardo foi sempre “muito despachado” [...] Eles eram bastante cobrados pela maneira de ser, esse meu amigo era bem afeminado na época. Hoje a gente ri sobre isso, a gente fala que ele foi a “primeira travesti da nossa

cidade”, por conta do modo como na adolescência ele começou a se vestir, a se mostrar [...] Foi nessa época que senti que o tempo todo havia uma pressão para que eu não andasse com Ricardo e Nino. Me questionavam muito: – Viu, você vai continuar andando com eles? – Você também vai virar gay! Eles diziam. Nessa época as pessoas “viravam gay”. E hoje eu vejo quanta hipocrisia havia. (Jorge, 45 anos).

As crianças que escapam das normas não têm o direito de expressar, sentir e experimentar seu corpo, suas sexualidades e gêneros, pois é vista como objeto de transição para o projeto de adulto heterossexual (Preciado, 2013). Mas são as crianças afeminadas/masculinizadas, em geral, não brancas, que estão no foco e na mira das violências, pois elas existem na contramão do projeto de um futuro heterossexual/cisgênero branco. Viver no centro da mira da violência é também viver na margem da produção de vida: borram e destroem as expectativas para o projeto que lhe é imposto. (Oliveira, 2017).

Ricardo, amigo de Jorge, com seu jeito “despachado” era um dos mais cobrados de seu grupo, justamente por talvez não conseguir ou não querer assimilar-se as condutas de ajustamento heteronormativas, ou seja, por ser afeminado e abraçar a feminilidade em seu jeito de ser. Jorge era cobrado o tempo para isolar e se afastar de seu colega como se a feminilidade fosse “uma doença contagiosa” que pudesse transformar quem estivesse perto em homossexual, gay ou bicha. A transgressão das fronteiras de gênero é estreitamente ligada dessa forma ao patriarcado e a misoginia, que fomentam ódio e subalternidade a tudo que lhe é considerado do “universo feminino” ou as mulheres. As crianças designadas meninos sofrem por transgredir as normas sexuais, mas é na expressão de gênero, na sua forma afeminada de ser e estar, que mais encontrarão obstáculos, justamente por renunciar a seu “privilégio” de “ser homem” e habitar a fronteira que borra as normas de gênero.

Isto ocorre, pois para as normas binárias, as crianças designadas meninos tem que obrigatoriamente performar uma masculinidade que rejeite e expulse qualquer grau de feminilidade, construindo dessa forma uma masculinidade hegemônica pautada na misoginia e homofobia (Junqueira, 2012).

A criança de Ricardo resistia e ria da norma. Era a representação viva de uma metáfora ambulante da falha de um projeto de criança universal, sua existência era um risco. A tentativa de isolamento de Ricardo de seus amigos, era a ilusão de que: isolando o “outro”, que não é considerado sujeito, pudessem esconder e aniquilar a existência do próprio fracasso da norma, não servindo deste modo, de exemplo para os outros, das artificialidades que suas invenções normativas propagam: seu limite em reconhecer a existência do corpo e da vida através da binaridade. As normas são poderosas, mas também frágeis. A criança de Ricardo

descobriu formas de desafiar e romper com o poder, mas o custo da transgressão é diário e sufocante, faz sofrer. É um projeto de sufocamento:

Todas as formas de opressão são modos de sufocamento de políticas de vida e de morte. São políticas que dizem quem merece viver e quem merece morrer. Essas políticas agem diretamente sobre nossos corpos e afetos, sobre nossa subjetividade... Mas, enfim, temos que respirar. (Mendonça, 2020, p. 156).

Esse projeto político de sufocamento, de sofrimento ético-político no contexto brasileiro tenta paralisar e fazer da experiência um espaço de passividade, submissão e reação das condições precárias de vida através da heteronomia, servidão e injustiças aos quais esses corpos são submetidos, oferecendo a visão única de sobrevivencialismo (Sawaia, 2009;). Por desigualdade social, compreendemos uma perspectiva ampliada a questão de classe e/ou econômica, atravessada por ela, mas como uma ameaça permanente a existência e experiência que escapam as normas hegemônicas que causam grande sofrimento e tristeza (Sawaia, 2009).

É do sofrimento ético-político sufocante dos quais Jorge e Pedro estão narrando como as violências, e os (hetero)terrorismos¹¹ contra seus corpos e de seus colegas, crianças, gordos (as), negros (as), afeminados, entre outros, impelem sua normatização, expulsão ou sobrevivência permanentemente no cotidiano. São as relações dos encontros com outros corpos, as formas como afetamos e somos afetados que essa estratégia de sofrimento estabelece condições de existência: de reação ou ação, passividade ou potencialidade, estagnação ou transformação. Jorge narra uma história de revolta e resistência, mesmo quando seu grupo foi ameaçado, mesmo sofrendo ética-politicamente, reagiu e fez uma revolta na escola:

Apesar desse sofrimento e do medo no episódio da escola, apesar de sentir que não tinha ninguém para me defender, precisava fazer alguma coisa. Eu não podia deixar as pessoas pisassem em cima da gente da maneira com que pisavam [...] Teve um dia de revolta onde levantei guerra com todos na escola, acabei levando todos para a diretoria, acabou formando uma fila imensa na diretoria, no corredor, aonde o diretor chamou cada um que eu citei o nome pra falar na minha frente para eu confirmar. Não sei se foi um ato seguro da parte dele, não sei se ele pensou nas possíveis consequências, mas ele fez isso e eu também tomei partido e assumi tudo o que eu tinha falado, de toda a repressão que nós estávamos passando. Fui ameaçado, tive que chamar meu cunhado para me buscar na escola, porque eles estavam me esperando no portão para me bater, era muita gente. Nunca fui muito de briga, sempre fui de paz, mais tranquilo, minha vida foi pautada no

¹¹ “heteroterrorismo” é um termo utilizado por Berenice Bento (2011) que se refere às violências contra as dissidências de gênero e sexual a partir do ponto de vista da experiência vivida daqueles que as sofrem.

diálogo, desde a perda da minha mãe talvez, eu adquiri essa maneira de ser. Me lembro que eles estavam me esperando, meu cunhado foi me buscar na escola e eu tive de contar o que estava acontecendo. Aquilo pra mim foi um sofrimento muito grande, porque tive que abrir para minha irmã o que eu estava passando, aquele sofrimento todo, eu não queria falar sobre isso, não me sentia bem de falar sobre isso, e eu tive que... Fui obrigado a falar! (Jorge, 45 anos).

Apesar de o sofrimento e tentativa de fazer corpos paralisados, passivos, tristes e submissos diante de uma verdadeira guerra para sobreviver, diante das experiências de heteroterrorismo, de não poderem respirar, de serem humilhados, Jorge se revoltou. Foi obrigado a intervir e se impor, pois o silenciamento das violências impedia que alguém pudesse perceber, intervir e apoiar. Impedia de que seu grupo pudesse sair da condição de serem reconhecidos como os “outros”, os seres abjetos da escola. Não era mais capaz de sofrer calado. Quem os escutaria? Por que a violência que o grupo de Jorge sofria deveria ser mantida em segredo?

A questão não é remetida apenas ao ato de fala, mas como nos lembra Grada:

Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando a voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aqueles que “pertencem”. E aqueles que não são ouvidas/os se tornam aqueles que “não pertencem”. (Kilomba, 2019, p. 42).

As crianças do grupo de Jorge não eram pertencentes ao grupo hegemônico heteronormativo, não são sequer considerados sujeitos. Sentiam que por não serem ouvidos, por não serem considerado crianças, ninguém os defenderia e por isso não conseguiam respirar. As crianças defendidas são as crianças dentro do modelo universal.

Dessa forma, para serem ouvidas, tiveram que não só falar, mas gritar e mover todos os alunos para a sala do diretor, a figura de maior poder na escola, para que pudessem ser ouvidos. Para serem ouvidos, essas crianças tiveram que gritar!!! Quais ouvidos podem ouvir crianças afeminadas, que rebolam e fala em tom anasalado? O que um corpo precisa fazer para ser ouvido, defendido, respeitado e não-violado nesta sociedade adultocêntrica e heteronormativa?

Além de gritar/denunciar o sofrimento, sofreu ameaças e precisou de ajuda da presença de adultos de sua família na saída da escola. Mas no final, Jorge compreende que travou uma guerra e saiu vitorioso. Depois desse episódio, ainda precisou se impor para continuar não sofrendo, mas deixou claro que as coisas nunca mais seriam as mesmas. A revolta fez Jorge conquistar a escuta em meio a surdez heteroterrorista. Pensamos surdez, não no sentido capacitista de pessoas surdas, mas na incapacidade que as pessoas pertencentes aos

grupos hegemônicos têm em ouvir, escutar e perceber as violências que produzem. Isso se dá, justamente, para proteger o sujeito dominante de entrar em contato com o sentimento desagradável da responsabilidade e reconhecimento do sofrimento que causa na relação com o sujeito subalternizado (Kilomba, 2019).

Esse sofrimento ético-político e ausência de apoio e ouvidos e cuidados para as crianças que escapam se dá justamente pela escola ser uma das instituições e guardiãs das normas de gênero e sexualidade (Bento, 2011). Jorge sentiu revolta e transgrediu a surdez heteroterrorista, precisou lutar para sair da subalternidade e desta forma tornar-se sujeito através da fala, do grito:

Tornar-se sujeito é a singularização dos aspectos mais amplos da sociedade que tem a linguagem, a palavra, como ação política no mundo. Há uma violência epistêmica presente no processo de silenciamento da pessoa subalternizada, e é a consciência de sua subalternidade e das determinações provocadas por esta violência que a palavra própria é enunciada e, assim, a condição de subalternização é superada, e ela deixa de ser definida pelos outros, reconciliando-se com a humanidade e com a potência de agir e pensar. Pode-se falar. (Mendonça, 2020, p. 70).

No entanto, outras estratégias foram inventadas e criadas no calor da infância. Podemos compreender o mesmo sentimento no relato: “Não que eu quisesse bater em todos, mas logo na primeira série, comecei a perceber que muitos alunos folgavam com outros, alguns que não conseguiam se defender. Eu precisava me defender e defender os outros.” (Pedro, 22 anos).

Na inexistência de pessoas por ouvirem ou intervirem nestas violências – que chamamos de surdez heteroterrorista – algumas dessas crianças não aceitam passivamente as humilhações e criam estratégias, e significam e ressignificam a violência através também da memorização, do narrar. Jorge, quando pode se defender, se revoltou. Já Pedro e Maria tomaram consciência que precisavam se impor para sobreviver a esse ambiente:

Eu não deixava por menos, era terrível também, o bullying nunca funcionou comigo porque eu batia em todo mundo! (Pedro, 24 anos).

Já na escola sempre foi tranquilo. Nunca tive problema! Porque eu sempre fui grande, maior que o pessoal! Eu tenho 1,82 e sempre fui a mais alta da turma, maior que todos os alunos da escola. Quando alguém se atrevia a mexer, apanhava! Então não tinha problema! Hahahahahahahahha. Resolvia na mão! Hahahahahahahahha. Sempre foi assim! Então não tinha, quase, problemas na escola! (Maria, 37 anos).

Talvez Maria não tenha utilizado o termo “bullying” no seu relato, justamente por conta de não ter se sentido vítima, já que se impunha pela altura e pela imposição através das

investidas físicas, desde sempre. Na narrativa de Pedro, sentir-se “terrível” por se impor nas relações sociais, pode se associar com a não percepção da violência e das consequências em torno do fenômeno, pois sentia que ninguém os defenderia, e que algo precisava ser feito. Outro ponto a se considerar é de na época as violências serem naturalizadas, invisibilizadas e sequer nomeadas. As investidas físicas que essas crianças protagonizaram parecem ser uma reação, uma forma de se impor e se defender, quando conseguem, da pedagogia do insulto e ao heteroterrorismo diante do combate diário contra suas as formas de existirem.

Por mais que esses atos de reação possam não ser considerados uma “solução”, visto como “terríveis” ou ainda possa ser problematizado por estar no âmbito da violência, ainda assim, parecem ser respostas bem diferentes quando comparadas a radicalidade das respostas de crianças designados meninos.

Mas não é somente na escola que essas crianças resistiram, se revoltaram ou se impuseram. Vemos isso ao analisarmos a temática das “brincadeiras de rua e gênero”, trazida por 2 entrevistados, Pedro e Jorge. Enquanto Naomi não trouxe a temática por não sair muito de casa por conta da educação de sua mãe. Já Maria narra sobre um comportamento mais “caseiro” na infância, mas quando saía para brincar não mantinha uma boa relação com os colegas e acabava brigando.

São nas brincadeiras de ruas que as crianças que escapam as normas narram suas memórias de rotas de fuga e resistências. As questões levantadas por ambos entrevistados têm como parâmetro central três pontos levantados: 1º) Jorge e, mais especificamente, Pedro, relatam a ausência ou raridade da participação de crianças designadas meninas nas brincadeiras de rua; 2º) Pedro rompe com os estereótipos de gênero e cria brechas para poder brincar na rua mesmo com as pressões do pai, inscritas num corpo do sexo feminino. 3º) Jorge narra o ponto de desconforto do corpo gordo nas brincadeiras de futebol na infância.

Em primeira análise, compreenderemos o atravessamento do gênero como espaço de construção social nas brincadeiras de rua, reconhecendo que em ambos os locais, bairros onde Jorge e Pedro moram, podem ser considerados periféricos e/ou populares. Consideramos a rua, espaço onde acontecem as brincadeiras, um importante espaço público para sociabilização, onde as trocas de experiências e conhecimentos são transmitidas e construídas pelas culturas infantis, ou seja, refletem a possibilidade de tradução e compreensão da realidade social (Pinto; Lopes, 2009). Nesse sentido, pode nos oferecer a possibilidade de reconhecimento dos sentidos da produção de corpos, gêneros, classe, entre outros.

Como nos mostram Pinto e Lopes (2009) onde muitas das brincadeiras de rua podem reforçar os papéis sociais através de sentimentos de competição, autoridade e dominação em

torno de uma masculinidade para crianças designado meninos e ausência das brincadeiras de rua ou brincadeiras de imitação e reprodução de atividades domésticas para crianças atribuída como meninas. Esse estudo corrobora com o que é narrado por Pedro:

Antigamente ficava tanto tempo na rua, que meu pai ficava doido comigo. Eu sumia, ficava na rua e não avisava pra onde ia. Sempre tinha muita gente brincando na rua e eu estava no meio, eram mais ou menos umas vinte crianças, se não mais! Apesar disso, eram raras as meninas no grupo, de vez em quando saía uma menina para brincar, mas era algo muito raro. Eu era a única menina frequente do grupo, mesmo que nunca tenha me sentido “menina”. Era o dia jogando bola e esconde-esconde de noite, e algumas vezes jogávamos vídeo game na casa de alguém, mas no final das contas, as maiores partes dos nossos encontros eram na rua. Nessa época meu pai ficava doido comigo. Eu saía e não avisava para onde ia. Meu pai tinha muito medo de me deixar sair para rua, mas comigo foi diferente! Em casa somos duas filhas, eu sou a caçula. Minha irmã era proibida de sair de casa, meu pai não deixava. Eu já batia de frente com ele! Aos poucos ele foi deixando nós ficarmos mais tempo, as coisas foram ficando mais leves... Mas eu sumia e ele ficava doido! Acredito que ele tinha medo, pois naquela época já existia maldade, apesar de hoje estar bem pior! Na verdade sempre existiu perigo em uma criança sumir ou ser pega na rua. Praticamente some uma criança todo dia, diferente de antigamente, não tínhamos muito medo de alguém mexer, de criança ser abusada por homem na rua, mas apesar de tudo, minha família sempre foi sossegada e lidou bem com isso. (Pedro, 24 anos).

Tinha um, dois, três, quatro, cinco, seis... Uns oito amigos mais ou menos na mesma idade. Eram todos meninos. Até então, tomava café da tarde e já ia para rua. Todo mundo ia para a rua! Ficávamos até nove, dez horas na rua ou até nossos pais nos chamaram para entrar. (Jorge, 45 anos).

A ausência de crianças designadas meninas na rua em zonas urbanas pode ser explicada e atribuída fortemente à questão de classe, gênero e raça. A grande frequência de criança designada menino ao nascer (CDO) nas brincadeiras de rua nos diferentes horários do dia e a ausência de Crianças designada menina ao nascer (CDA) nas mesmas brincadeiras são comuns em estudos recentes em diferentes regiões da periferia brasileira (Pinto; Lopes, 2009; Silva, Pontesa, Silva, Magalhães, Bichara, 2006). Em geral, a maioria da frequência nas brincadeiras de rua em todas as idades é dirigida aos CDO, mas na faixa de até 14 anos, os CDO têm 100% de participação nas brincadeiras de rua, enquanto as CDA têm 91%, o que poderia indicar a não permissão dos pais para suas atividades fora de casa (Silva *et al.*, 2006). Ainda Silva *et al.* (2006) aponta para uma presença absoluta dos CDO nessas brincadeiras em todas as idades, bem como maior segregação e rigidez relacionados aos estereótipos de gênero, enquanto as CDA apontam uma tendência ao “recolhimento” entre 13 e 15 anos e maior flexibilidade grupal. Os CDO brincam mais e por mais tempo durante a infância, além

de revelar uma tendência à segregação e manter brincadeiras para reafirmação de uma masculinidade hegemônica.

Assim como a escola, o espaço das brincadeiras de rua é fortemente marcado pelas representações dos papéis sociais marcados pela binariedade de gênero, influenciada pelo patriarcado, impondo formas de construção de uma pretensa masculinidade e feminilidade. A maternidade foi concebida, portanto, como a atividade principal da mulher na sociedade em grandes partes das culturas e das sociedades, e o território doméstico, do privado e da intimidade e da família, o seu lugar necessariamente. Enquanto isso, o território público ou da política, do trabalho, da intelectualidade e conhecimento, isto é, da *polis*, é dos homens. (Mendonça, 2020, p. 38).

Através da presença nas brincadeiras e com o intuito de reafirmar sua masculinidade hegemônica, as brincadeiras de rua geralmente se baseiam na disputa e competitividade para CDO e uma sociabilização para CDA pautada nas práticas domésticas e cuidados familiares (Pinto; Lopes, 2006). Isso pode nos levar a pensar que as brincadeiras reproduzem estereótipos para a dominação de CDO para um futuro homem e a sociabilização CDA para os papéis de cuidado e maternagem de uma futura mulher dentro do espectro capitalista. Além das reafirmações de estereótipos, brincar parece ser um privilégio masculino, marcado pelas desigualdades de gênero: quais corpos podem brincar e de que maneira brincam?

Essas perguntas podem nos indicar pistas para responder sobre a “ausência” das meninas nas brincadeiras de rua. Isso porque a rua se configura como espaço de lazer “mais” democrático, pois abre espaços para acesso e participação da comunidade em geral, proporcionando, desse modo, espaço e possibilidades de lazer para crianças em situação de pobreza moradoras da periferia. No entanto, isso não significa que todas as crianças terão o mesmo acesso e disponibilidade de tempo e segurança para brincar, mesmo que na rua, muitas vezes, seja necessário apenas a companhia das outras crianças para realização das brincadeiras. Ocorre que, além da questão de classe, a rua é também um espaço organizado pelo patriarcado, que cria desigualdades, construindo uma hierarquia onde a pessoa designada mulher é marginalizada.

Podemos refletir isso no documentário *A invenção da infância*, realizado por Líliliana Sulzbach (2000), que apresenta diferentes perspectivas sobre infâncias de crianças de diferentes regiões, classes sociais e gênero, apontando as desigualdades sociais na infância, explicitando que “nem toda criança tem infância”. Esse documentário apresenta como a classe, a regionalidade e o gênero distribuem o privilégio do lazer e das brincadeiras entre crianças de cotidianos distintos, buscando investigar a concepção de infância e de ser criança

para elas, apresentando um grande precipício de desigualdade dentro do Brasil e nas construções de infâncias.

A infância como conceito universal teria as brincadeiras, o lazer e a escola como o foco dentro das expectativas da invenção da infância para as crianças em geral. Isso quer dizer que a infância seria um espaço de proteção e cuidados para uma vida plena, mas essa não é realidade para todas as crianças. A necessidade de sobrevivência e cuidados na família pobre e do proletário, necessitando da ajuda e do tempo das filhas (os), terão de abdicar do tempo de lazer e brincadeira, limitando e excluindo muitas crianças de infâncias, marcadas pelos recortes de classe, raça, gênero, região entre outros. (*A invenção da infância*, Sulzbach, 2000).

As famílias pobres dos espaços urbanos geralmente consideram as CDA um importante ajuda na sobrevivência através do cuidado doméstico e familiar desde cedo, favorecendo assim, o afastamento das brincadeiras de rua, do lazer e das atividades escolares. Por um lado, estas crianças podem conquistar maior independência e saberes para a produção do cuidado individual e coletivo. Por outro lado, as CDA se tornam mais ausentes e menos frequentes nos espaços da brincadeira de rua e do lazer por ajudar no trabalho doméstico, cuidado das irmãs (os), atividades para complementação de renda, limpeza da casa, entre outros, além de que muitas das brincadeiras, mesmo quando as meninas brincam, ainda assim, se relacionam a um “treino” para tais funções, como: “brincar de casinha”, “brincar de boneca”, “comidinha”, ou seja, brinca e treina para funções específicas atreladas aos papéis de gênero. Poderíamos dizer que, em geral, quando as CDA não estão ajudando e trabalhando em suas casas, estão brincando de trabalhar?

Compreendendo a classe como ponto importante para a impossibilidade das CDA poderem brincar na rua, há que considerar as questões de raça-etnia como consubstancial ao pensar essa desigualdade, já que alguns estudos podem sugerir a prevalência dessa população nas periferias (Pimentel, 2015). É possível levantar a hipótese de que as crianças menos frequentes e mais ausentes nas brincadeiras de ruas seriam CDA e negras, já que a pesquisa do IBGE, realizada em 2021 (Cavallini, 2022) demonstra que os números de pessoas pardas e negras são o dobro da população pobre branca.

Ademais, no relato de Pedro (22 anos): “Meu pai tinha muito medo de me deixar sair para rua, mas comigo foi diferente! Em casa somos duas filhas, eu sou a caçula. Minha irmã era proibida de sair de casa, meu pai não deixava.” A justificativa era a impossibilidade de brincar pela ausência de segurança. O medo do pai de Pedro era que sua “filha” pudesse desaparecer, ser sequestrada e/ou abusada por homens enquanto brincasse, ou seja, teme que sua filha sofra algum tipo de violência.

Contudo, manter Pedro dentro de casa, mesmo que por medo, era uma forma de controlar e limitar seu corpo dentro das expectativas de gênero e da ordem patriarcal, já que, em geral, nessa perspectiva, busca-se construir uma pretensa feminilidade, onde pessoas consideradas meninas, seriam pressionadas ou obrigadas a brincar com pessoas igualmente designadas (segregação por gênero), brincam dentro das casa e busca-se que brinquem especificamente de formar a desempenhar papéis de gênero específicos. (Pinto; Lopes, 2009). Já Pedro reconhecia as brincadeiras como espaço de diversão e liberdade, corroborando com estudos sobre as percepções de crianças e adultos sobre essa atividade. (Pimentel, 2015).

A questão da falta segurança para fomentar as brincadeiras de ruas por crianças atinge necessariamente as pessoas de classe pobre ou média, já que, em geral, as pessoas das classes mais altas podem contar com ajuda de espaços privativos e profissionais que exercem o cuidado dos filhos em seus momentos de lazer. Diferente desta realidade, os pais das crianças que brincam nas ruas podem não ter a disponibilidade ou precisam negociar o tempo junto de suas crianças, para ocuparem a posição de *olheiros* para manter a segurança das brincadeiras e dos brincantes. (Pimentel, 2015).

Além disso, a falta de segurança e o medo alcançam mais os corpos de crianças atribuídas como meninas no nascimento, já que mesmo com medo e ausência de olheiros, outras crianças, essas designadas meninos ao nascer, se fazem presentes e frequentes nesses espaços públicos, o que permite concluir que, em geral, as brincadeiras e espaços públicos são sexualmente organizados, seja na disponibilidade de tempo e frequência limitada por questões relacionadas as tratativas de classe e gênero em suas famílias, seja nas condições de segurança que criamos para as crianças terem seu lazer no dia a dia em espaços públicos. Em outras palavras, mesmo que o espaço público seja mais democrático por ser acessível para todos, a disponibilidade de tempo para brincar muda de corpo para corpo, pois em famílias pobres as crianças referidas como “meninas” no nascimento têm atribuições de cuidado doméstico e familiar que as impedem de brincar na mesma proporção que as crianças consideradas meninos. Além disso, quando brincam, essas mesmas crianças acabam por serem pressionadas a brincadeiras dentro do espaço da casa, bem como brincadeiras que estimulem o papel de cuidado da família e da manutenção da casa.

Pedro desobedeceu às regras patriarcais e heteronormativas para seu corpo, mesmo correndo risco da não aceitação do grupo de crianças atribuídas meninos ao nascer, que, em geral, tendem a segregar duas vezes mais que o grupo atribuídas meninas ao nascer. (Silva *et al.*, 2006). Além de enfrentar e desobedecer às regras, Pedro batalhou contra as probabilidades

e estatísticas machistas e heteronormativas, era bem aceito no grupo exclusivo de crianças designadas meninos ao nascimento e realizava todas as atividades de rua com eles.

Desobedecer às normas de gênero e ao patriarcado, foi necessário para confrontar o sofrimento ético-político da passividade e isolamento que buscou asilar seu corpo ao espaço da casa onde Pedro pode ter *bons encontros* com seus amigos, a cada novo espaço e brincadeira, a cada conversa na calçada na madrugada. (Sawaia *et al.*, 2018).

Pedro transgrediu as normas para seu corpo e suas relações, desse modo se tornava sujeito nesta relação com seus amigos, pertencia e era acolhido em suas diferenças, fazia parte do grupo: “Senti que até os meninos do bairro me aceitavam muito bem, não ligavam para isso. Até gostavam da minha companhia, estava com eles em todos os momentos” (Pedro, 22 anos).

Pedro era acolhido fazendo parte do grupo, mas também mostrava aos seus amigos outras formas de ser menino, de ser moleque. Parece que, em sua fala, a expressão “até gostavam da minha companhia” pode revelar uma representação desonerativa de sua imagem, que poderia vir de si mesmo (internalizada) ou do grupo, apontando certa idiosincrasia. Entretanto, seu corpo era afetado, era potencializado nesses bons encontros, fazendo dessa comunidade e esses encontros um espaço de segurança e liberdade, afinal, seu lar:

Aqui na vila eles me chamavam para tudo: – Ah, vamos não sei aonde? – Vamos! Eu dizia. – Vamos jogar bola? – Vamos! Eu respondia. Acontecia de seu sempre ser chamado ou estar chamando alguém no portão. Por isso eu digo: Daqui eu não saio! Não saio! Não saio! A minha maior infância foi aqui, meus pais nasceram e moram aqui até hoje, sempre estive aqui, na verdade aqui é minha casa, é o bairro que me acolheu... É até difícil de dizer em palavras, pois sempre me senti seguro aqui, apesar das diferenças (Pedro, 24 anos).

Mesmo Pedro enfrentando diversos desafios para pode expressar seu corpo-mente, sua potência de vida foi aumentada no encontro coletivo com outras crianças. O encontro dos corpos junto do corpo-mente de Pedro, ou subjetividade encarnada é produzido neste encontro que: “Envolve o desejo de ser, a alegria do conhecer e da experiência, o aumento da potência de agir e pensar, que resiste e se opõe a tudo que obstaculiza a nossa existência.” (Mendonça, 2020, p. 68).

Reconhecer a infância como melhor etapa da sua vida, mesmo com inúmeros obstáculos das imposições adultocêntricas, heteronormativas e patriarcais, foi a forma pela qual Pedro interpretou sua vida através dos afetos, sendo possibilitada pelo encontro com os corpos de outras crianças em direção a segurança, alegria e liberdade.

Pedro realizou uma costura coletiva, potencializando um afeto alegre maior do que os tristes em seus encontros, e por se tornar sujeito na relação com os amigos, no encontro do comum, pôde produzir um corpo duplamente mais potente, demonstrando a potência do encontro comunitário e coletivo. (Sawaia *et al.*, 2018; Mendonça, 2020).

Foi através da resignificação e rememoração de sua infância na história oral, do poder falar, do romper com o silêncio, que Pedro se tornou mais consciente de suas ações subversivas singulares e do coletivo, tornando-se sujeito, mais uma vez, em nosso encontro. (Kilomba, 2019; Mendonça, 2020; Sawaia *et al.*, 2018). As normas que impulsionam a tristeza aos corpos como projeto de morte e aniquilamento falharam e fracassaram com a criança que Pedro foi e é, com seu grupo de amigos, que continuam resistindo com a alegria em suas memórias, no passado, no presente e como possibilidade de um futuro.

Em terceira e última análise, Jorge narra o ponto de desconforto de seu corpo gordo nas brincadeiras de futebol na infância, onde em um episódio, seu pai o obrigou a retirar a camiseta em um jogo de futebol:

A gente brincava de taco, bolinha de gude, figurinhas, pião e nas férias empinávamos pipa. Julho era pipa por conta que tinha vento e nos organizávamos por conta das férias. Dezembro e janeiro era pião e pipa de tarde, além das outras brincadeiras. De futebol eu nunca gostei muito. Na verdade, isso tem a ver com o comportamento do meu pai. Analisando por agora, o ocorrido pode ter influenciado na época. Lembro de um local onde jogávamos futebol, onde meus amigos estavam sem camisa e como eu era gordinho, eu não queria ficar sem camisa. Meu pai fala: – Tira essa camisa. — Não, vou ficar com a camisa. Eu respondia. Chegou um momento em que ele foi estúpido comigo e me obrigou a tirar a camisa. Aquilo me marcou muito, pois eu não queria tirar a camisa, eu tinha o corpo bem gordinho mesmo, era barrigudinho, peitudinho, não queria que os outros ficassem olhando meu corpo daquela forma. Talvez isso tenha me afastado do futebol, de um jeito que eu não queria participar. Fugia desse sofrimento. (Jorge, 45 anos).

Jorge pode brincar de diversas e variadas brincadeiras, mas algumas delas nem sempre oferecem acolhimento e abertura às diferenças. Geralmente, em jogos de futebol nos bairros, os times são diferenciados pelos times “com camiseta” e os “sem camiseta” para facilitar a identificação de suas equipes durante o jogo. Neste relato, é possível perceber que Jorge sofreu com a pressão da internalização da estética da magreza na infância. Em outras palavras, aprendeu a compreender por ideal e bonito o corpo magro, internalizando culpa e vergonha por ser gordo, muitas vezes sendo empurrado para abjeção diante da gordofobia social, sofrendo inseguranças, exclusões e desprezo. (Souza; Gonçalves, 2022; Guilherme; Santos, 2021).

Essa aprendizagem do corpo ideal é pressionada em todos os espaços sociais. O corpo gordo sofre a violência verbal e coercitiva na escola, na família e na rua, mas isso se acentua quando falamos de práticas esportivas, onde a performance e competitividade é acentuada, seja nos campos de futebol de rua, quadras esportivas ou práticas de atividade física nas escolas, espaços que se tornam ainda mais gordofóbicos e expulsam corpos gordos de sua prática, além de atuar no campo subjetivo da pessoa, ocasionando uma relação negativa com o próprio corpo.

As crianças sentem e reconhecem esses espaços como opressor e violento. Geralmente as crianças gordas são as últimas a serem escolhidas nessas atividades, são colocadas em posições nos jogos consideradas desfavoráveis ou que não requer muito movimento e frequentemente sofrem violência verbal, como ser comparada à bola do jogo, por exemplo (Vespa, 2021). Jorge não queria se tornar alvo de bullying que é muito frequente nesses espaços e potencializa afetos tristes, de insegurança, raiva e medo, buscando esconder seu corpo para que as violências não ocorressem ou pudessem ser diminuída num espaço onde o corpo fica mais visível. (Sawaia *et al.*, 2018).

Em estudos recentes, é explícita a influência e predominância do discurso biomédico patologizante sobre o tema, disseminado principalmente pela mídia, bem como o foco direcionado aos corpos de profissionais e pessoas designadas “mulheres” (Souza; Gonçalves, 2022; Guilherme; Santos, 2021). Os estudos e a pressão social e estética têm como foco primordial os corpos de pessoas designadas mulheres do que outros corpos, recai principalmente na construção de uma pretensa feminilidade. No entanto, isso não quer dizer que outros corpos deixem de ser afetados, mas são afligidos de formas diferentes.

Levantamos a hipótese de que o pai de Jorge quisesse fazer com que seu filho enfrentasse sua vergonha e culpa, obrigando-o a retirar a camiseta e consequentemente lidar com os insultos, enfrentar seus amigos e, com isso, permanecer na brincadeira mesmo que com a presença frequente a violência. Levantada tal hipótese, podemos compreender que o pai de Jorge esperava de seu filho uma masculinidade, uma “forma de ser homem” que enfrentasse e se defendesse dos insultos dos seus amigos, que não chorasse ou não expressasse seus sentimentos de vulnerabilidade. (Cardoso, 2022). O que possivelmente seu pai esperava, é que Jorge “aguentasse”, “suportasse” ou se defendesse do comportamento de violência verbal de seus amigos, pois são alguns dos comportamentos esperados para um “futuro homem”.

O que Jorge conseguiu naquele momento foi fugir. Achar uma rota de fuga para esse espaço que oferecia maus encontros, fugir do sofrimento ético-político de seu corpo gordo, da

vergonha, do medo e do embate que, possivelmente, seu pai tentava posicioná-lo para enfrentamento contra seus amigos (Sawaia *et al.*, 2018). Isso pode nos revelar quais corpos têm o direito de praticar esportes e quais são expulsos das práticas esportivas e remetidos a invisibilidade por não estar dentro do padrão hegemônico da magreza. Pode revelar, inclusive, que em camadas da população pobre, as crianças designadas como meninos/homens podem ser pressionadas a performar uma “resiliência” e suportar a violência dos colegas lidas como “brincadeiras” em atividades de lazer. Por um lado, esse espaço naturaliza o sofrimento para a criança que sofrerá com várias questões em sua subjetividade encarnada, aumentando a probabilidade de desenvolver uma representação negativa de seu corpo, bem como uma maior disposição a desenvolver ansiedade, depressão, entre outros. Por outro lado, naturaliza os comportamentos violentos dentro dos aspectos da masculinidade hegemônica, permitindo que as crianças designadas meninos tenham permissão para ser agressivos e violentos com as pessoas com que socializam. (Cardoso, 2022).

Alguns espaços e brincadeiras podem ser bastante cruéis com as crianças que escapam às ordens normativas e hegemônicas, pois perpetuam e reforçam ideias de gênero, por isso, para se manter jogando, Jorge teria que suportar a violência e “aguentar” as chacotas direcionadas a seu corpo, pois isso era esperado para seu corpo, isso é o que “seria ser homem”. Pensar esses corpos e em como eles circulam nas brincadeiras de ruas, atividades físicas e espaços sociais, nos permite desvelar os regimes de poder que organizam esses espaços, possibilitando o reconhecimento de privilégios e a abjeção dos corpos, violências e resistências e transgressões que ainda se mostram fortemente afetados pelas estruturas normativas aos diversos corpos, inclusive das crianças.

As crianças que narram suas memórias fronteiriças enfrentaram as normas adultas, cisgêneras e heteronormativas, foram lançadas às fronteiras de humanidade, e por conta dela e apesar delas, entendem suas vidas como ótimas e boas. Por mais que as normas hegemônicas sejam estruturais, as próprias normas abrem brechas e fissuras para sua contradição e transformação. Diariamente suas alegrias e potência de vida eram ameaçadas pelas diversas violências normativas e, mesmo assim, subverteram e desestabilizaram o sentido da infância universal que busca corrigir, punir e aniquilar essas crianças fugidias.

Desde muito cedo, foram percebendo e sentindo como a tentativa de violência chegava aos seus corpos: gritavam “Maria Homem” a um corpo criança que não sabia o que significava, mas que agora faz sentido em seu ser, pode vivenciar e ressignificar a ambiguidade, torceu a linguagem pejorativa e a tomou para si, podendo viver na fronteira de “tanto faz, podem me chamar de homem ou mulher”. Estas crianças eram atravessadas pelas

experiências de violência vividas na infância, seja na escola, nas ruas, nas brincadeiras ou até mesmo em casa. Impunham-se nesses espaços para se defender. Revoltavam-se e gritavam para todos escutar, pois a surdez das normas não deixava escutar, e na linha de frente estavam as crianças transgressoras que feminilizavam e masculinizavam riscos com seus corpos. Ora sozinhas, ora em bandos, essas crianças inventaram modos de sobrevivência e espaços de solidariedade onde puderam respirar num ambiente tomado pela toxicidade sufocante do mundo adulto, cisgênero, heteronormativo, capacitista, gordofóbico, racista, patriarcal e de classe.

Sobreviveram, resistiram, se revoltaram, gritaram, mentiram, acharam brechas, sumiam, se defendiam e fugiam quando não mais podiam. Outrossim, em alguns momentos fomentam contradições, assimilações, idiossincrasias e delineações próprias das normas.

Mas, após contar essas histórias, tornaram-se mais conscientes e potentes de suas vivências, puderam continuar a tornar-se sujeitos do passado e do futuro. Narram suas histórias de infância com a percepção de suas lutas onde sentiram medo, angústia, e isolamento, mas atravessaram isso e estão aqui, hoje, podendo falar, e assim, tornar-se novamente sujeitos. Lembram, tocam e trocam afetos de suas experiências significando e ressignificando as crianças que foram e que são, sentem falta e certo sentimento de nostalgia do momento que chamam de infância, e alguns relatam querer voltar para lá. Para alguns deles, foi uma oportunidade de fala, de ser ouvido, transformando nosso encontro em potência:

Tanto que eu comentei, falei “nossa, estou me sentido muito exposto em pegar e dar essa entrevista, por que”... Devido a me expor para alguém que tenho certo vínculo me deixa inseguro e exposto, pois além do vínculo eu não tenho o costume de falar sobre mim, espaços onde possa expressar vulnerabilidade, isso parece algo novo e estranho. Eu sou muito fechado, muito na minha, fiquei muito tempo falando sozinho e eu aprendi a criar uma casca, aprendi a criar uma armadura para ficar fechado. Talvez ter esse vínculo deixe as coisas mais fáceis. Eu acho que é bom para mim, porque são coisas que eu guardei por muito tempo e não adianta eu continuar sendo “essa pessoa durona, me escondendo por problema alheio”. Não é pra mim, estou cansado de tudo isso. Portanto, apesar desse incomodo, prefiro falar (Naomi, 22 anos).

Para outros, puderam acessar sentimentos e amizades as quais não se tinha mais contato. Estas crianças nos mostram a capacidade e limites das crianças de agência política, de torcer o mundo, as normas, as leis e pistas de como sobreviveram e como sobrevivem. Puderam ser contradições, escapam as normas e leis, desfiguram e constroem outros possíveis mundos, através de seus corpos, e junto deles, os afetos, na e da fronteira.

4.2 Margem, mais à margem: entre armários, bichas, Marias-homem, crianças trans, contradições e consciência política

Os adultos querem proteger as próprias normas que os ensinaram, ocultando as violências em que as mulheres são objetificadas, os gays são ridicularizados, os transsexuais e as travestis são silenciados e mortos (Marcelo Santana Ferreira, 2016, p. 57).

A estratégia para que um projeto de sexualidade nos moldes hegemônico se efetive também passa pelo silenciamento. Tratar todas as crianças como brancas e cis heterossexuais ou assexuadas se faz necessário, o que resulta na certeza de que gays afeminados, viados e bichas não tiveram infância. (Oliveira, 2017, p. 175).

Máscula, abrutalhada, agressiva. Afeminado, delicado, dengoso. Estas são marcas atribuídas aos corpos que escapam. São gestos ambíguos para uma instituição que possui, intrinsecamente, uma organização que atua definindo, em seus espaços e tempos, símbolos do que significa ser feminino e ser masculino. A força contida no gesto põe em jogo todos os sentidos daquele que o executa e, também, daquele que observa essa gestualidade (Daniela Finco, 2012, p. 54).

As crianças que hoje fogem e escapam da perspectiva cis e heteronormativa, também chamadas de “infâncias contrabandeadas”, “infâncias em dissidência” (Rodrigues *et al.* 2018), “infâncias queer” (Preciado, 2013) e/ou “infâncias monstruosas” (Silva, 2018) não fazem parte da infância universal, sendo muitas vezes marcadas por interdições, punições e vigilâncias construíram estratégias, ora sozinhas, ora em bandos. Aqui compreendemos uma pluralidade de corpos, infâncias e modos de ser criança, que escapam as regras e leis das normas dos adultos. Transitamos entre as crianças e infâncias no entrelugar, na fronteira, que escapam de leis e normas: o NÓS. Como infâncias, no plural, entendemos:

Aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro, é, justamente, pensar mais: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens, que não compreendem nossa língua. (Larrosa, 2003, p. 184).

Por si só e ou por não estarem totalmente inscritas no processo social, carregam em si o potencial de aceitarem e lidarem melhor com amplas possibilidades de construírem uma relação com o corpo e com o desejo. As essas crianças, que escapam e essas infâncias enigmáticas, constroem seus corpos e subvertem as lógicas que tentam enclausurá-las numa perspectiva universal e generalista. Seus corpos são guiados pelo desejo e pela potência de vida desde cedo, como um nascimento, sempre uma *novidade radical*, abertura: “a

possibilidade sempre aberta de um começo na história” (Larossa, 2003, p. 189). É por essa descontinuidade produzida pela abertura da novidade radical, pelos corpos crianças, pelo novo, que mesmo não sendo considerados sujeitos, e/ou aqueles que não possuem fala e desejo por serem crianças, mesmo sendo o “outro” do adulto, subvertem o poder e criam (des)continuações, rachaduras e caminhos fronteiros, as vezes sozinhos, as vezes em bandos.

Tratar todas as crianças como brancas, assexuais, sem desejos é uma tentativa de manter a hegemonia da sexualidade heterossexual através do silêncio da existência de outras possibilidades, muitas vezes com o discurso voltado para a preocupação e cuidado das crianças e infâncias: “os moralistas podem dizer que estão preocupados com as crianças, mas, na verdade, preocupam-se com a manutenção do regime sexual ao exigir coerência e unidade à experiência infantil” (Ferreira, 2016, p. 56). Os cuidados e privilégios só cabem dentro do escopo da heterossexualidade cristã, onde vê a criança idealizada como ser “puro” e “assexuado”, impedindo muitas vezes a possibilidade de reconhecerem seus corpos e desejos.

Negar, silenciar, vigiar e proibir estas existências e experiências é uma estratégia normativa que fracassa quando os corpos e coletivo de crianças se encontram nos becos, nos parques, nos lotes, escondidos, como no relato de Jorge:

Ainda na minha época de infância, não me lembro dos assexuados, não binário também, esse tipo de gênero, de orientação, eram mais os gays e as lésbicas. No entanto, a sexualidade se demonstrou muito cedo nas brincadeiras sexuais com os próprios amigos de infância. Com sete anos, creio eu, que se iniciou as brincadeiras sexuais, geralmente entre mim e meus amigos. Brincadeiras que nunca deixaram de acontecer, se estendendo até a adolescência, quando ficávamos sozinhos. Sinto vergonha e um pouco de culpa ao falar... Lembrar disso me remete ao sentimento ambíguo, uma sensação de que estávamos fazendo algo errado e quando penso, logo penso em quem poderia ter iniciado tudo isso, tentando achar o culpado... A sensação vem a memória quando recordo essas brincadeiras. Um desses episódios, o mais importante talvez, ocorreu em um espaço onde nossa turma brincava e chamávamos de “lote”. Era um espaço que alocava materiais para construção, como pedra e areia, por exemplo... Lembro de estarmos todos brincando e o menino mais velho da turma ter iniciado as brincadeiras sexuais. Todo mundo participou. Eu não! Eu não quis participar, eu fiquei de fora. Talvez isso possa ter gerado revolta neles. Lançaram meu nome como participante da atividade sexual na época. Essa notícia vazou e todos os pais e mães ficaram sabendo. Meu pai veio falar comigo: – Por que você estava participando da brincadeira? – Eu não estava! Eu dizia. Mas não sei se ele acreditou em mim ou não. Eu chorava e dizia: – Eles estavam, mas eu não estava! Estava lá, mas não estava participando! Tornava a dizer. Eu lembro que foi um dia muito fatídico porque eu me sentia julgado. Mesmo não tendo participado, senti que o episódio recaiu de forma diferente em mim do que para meus colegas. Para mim, eles saíram da melhor maneira possível, todos eles continuavam sair

brincar na rua, e para mim era difícil voltar a frequentar a rua, mesmo não participando da brincadeira que eles participaram! Eu não conseguia ir até eles, fiquei um tempo afastado de tudo. Falei para meu pai que iria me afastar porque eles colocaram o meu nome numa situação na qual não participei e aquilo me deixou muito triste (Jorge, 45 anos).

Entendemos por brincadeiras sexuais, atividades de contato erótico e sexual, ou seja, que permeiam o desejo e eroticidade sem a obrigatoriedade de ser reprodutiva (pênis/vagina) e penetrativa (pênis, anus/vagina), podendo ocorrer em duplas ou grupos. Mesmo não conhecendo ou tendo informações sobre sexualidades, Jorge e seu grupo eram guiados pelo desejo e possibilidades de seus corpos, descontinuando a idealização de seres assexuados de suas famílias e da sociedade. Experimentavam seus corpos nas brincadeiras sexuais, como possibilidade de “não rigidez” que são próprios da infância, sem a necessidade de nomear, rotular ou prenderem-se a identidades que são organizadas pelos adultos para controlar e organizar a sociedade. Estas crianças estão apenas exercendo o papel radical de sua existência enquanto novidade radical, de seus corpos, uma espécie de “criançar”.

Alguns estudos mostram como são comuns brincadeiras sexuais antes dos 12 anos, havendo aprendizagem e consciência sexual conforme a progressão da idade, iniciando com beijos e carícias nos anos iniciais, e penetração nos anos subsequentes, sendo parte importante na construção de subjetividade do indivíduo (Luís F. Rios, 2022). Por não terem acesso à informação sobre gênero e sexualidade, geralmente as crianças acabam por significar os sentimentos em relação a essa prática de forma negativa e muitas vezes com tom pecaminoso, como no caso de Jorge. Incrustadas com narrativas cisnormativas e heteronormativas, muitas vezes cristãs e moralistas do senso comum, as crianças sentem diversos sentimentos como medo, culpa e vergonha, misturadas ao reconhecimento do desejo e tesão de seus corpos nessas brincadeiras sexuais.

Desde cedo, conjuntamente com as brincadeiras sexuais, as crianças vão entendendo que apropriar-se do desejo e do seu próprio corpo tem seu preço. Sentimentos impostos pelo mundo adulto no sentido de vigilância, medo e punição em relação a estas atividades, vão ensinando a essas crianças que o armário é uma boa estratégia para não serem importunados em suas práticas. Em um estudo feito por Rios (2022) foram perceptíveis a repetição de quatro sentimentos em torno das narrativas de adultos designados homens sobre suas experiências sexuais nas infâncias com outras crianças de mesma designação: *apaixonamento, amizade, tesão e confusão*. Para a análise do trecho acima, utilizaremos apenas dois destes sentimentos.

O sentimento de *amizade* possibilitaria a condição necessária para a confiança e contato sexual, já que partiria de um processo de maior horizontalidade, propiciando o sigilo e segredo sobre o contato sexual na infância, hostilizado e proibido em muitas sociedades. Segundo Rios (2022) é comum as crianças terem o sentimento de *confusão*, produzido numa relação de ambiguidade entre sensações corporais relacionado as brincadeiras sexuais e os valores estigmatizantes da sociedade, atribuídos a sexualidade na infância como “abominável” ou “pecadora” por crenças fundamentalistas.

Apesar de as brincadeiras sexuais não serem exclusivas de grupos específicos, ou seja, grupos de crianças designadas apenas como meninos e/ou meninas, foi na relação de amizade com seus colegas designados meninos que Jorge e seus colegas tiveram a possibilidade do reconhecimento dos seus desejos, independentemente da sua futura orientação sexual. É justamente pelo não julgamento e pela linha do desejo encontrado na horizontalidade das relações de amizade que essas crianças se sentem à vontade para iniciar as brincadeiras, mesmo que o assunto da sexualidade não seja tão explorado pelas famílias e pela escola, elas sentem a pressão de “estarem fazendo algo errado”, além de sentimento de culpa, vergonha e medo. Simultaneamente, sentem prazer e desejos nas brincadeiras sexuais, posicionando seus corpos em uma fronteira de sentimento ambivalentes e contraditórios.

Isso é ainda mais agravado quando as brincadeiras sexuais são entre pessoas designadas igualmente como menino e/ou meninas, e ainda mais em corpos quanto as performances de gênero não normativas, como as do gay efeminado, bicha e viado, por exemplo. As representações e punições da sexualidade infantil são hierarquizadas de acordo com suas marcas, seja da posição de “passividade” que é relacionado ao ódio e perpetuação ao papel social da “mulher”, seja ela da negritude, que marca e estereotipa a corpo negro sempre como o penetrador ou ativo (Oliveira, 2017; Luís F. Rios, 2022).

Esses sentimentos podem ficar ainda mais aflorados quando essas práticas são descobertas pelos adultos e podem tornar as brincadeiras sexuais um evento traumático e estigmatizante para as crianças, comumente ligadas as crenças religiosas cristãs (Luís F. Rios, 2022), como evidenciamos no relato de Jorge, no momento em que se sentiu julgado, tornando-se em sua vida um dia “fatídico”. Muitos desses sentimentos experienciados por Jorge e seu grupo vão construindo a percepção da importância do *segredo*, do *sigilo* e da *mentira* para driblar e lidar com os próprios desejos, já que, independente dos pais e mães, as crianças descobriram as brincadeiras sexuais, e elas continuaram com as brincadeiras sexuais em sigilo até a adolescência. Mesmo que não necessariamente essas práticas possam definir ou conduzir a uma identidade sexual, essas crianças começaram a perceber a importância de

manter o sigilo sobre essas atividades e negar ou mais popularmente chamado de *armário*. Foi com uma dessas estratégias que essas crianças foram percebendo como possível, dentro de suas realidades, driblar as violências cotidianas e vivenciar seus desejos e formas de ser. Por mais que muitas dessas crianças possam ter se percebido heterossexuais posteriormente, foram aprendendo como o disposto do armário funciona e regula todos os corpos: futuramente heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais, entre outros.

Todos os entrevistados vivenciaram pelo menos uma vez a experiência de sair e/ou serem retirados do “armário” diante de suas memórias. “Sair do armário” ou ser “expulso do armário” significa o movimento em que pessoas LGBTQ+ comunicam/exteriorizam suas sexualidades e/ou identidades de gênero, ou quando outra pessoa o faz sem seu consentimento para outras pessoas dentro sociedades com normas cisnormativas e heteronormativas. Isso porque, uma das regras impostas e sutis dessas estruturas é a *presunção da heterossexualidade e cisgeneridade*, ou seja, antes mesmo de entrar em contato com qualquer pessoa, há uma “lógica” em que se pressupõe que essa pessoa é heterossexual e cisgênera:

Em suma, o armário não diz respeito apenas àqueles que vivem suas vidas amorosas em segredo, mas também àqueles que usufruem o privilégio de vivê-las abertamente. O armário é uma forma de regulação da vida social de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, mas temem as consequências nas esferas familiar e pública. Ele se baseia no segredo, na “mentira” e na vida dupla. Esta tríade constitui mecanismos de proteção que também aprisionam e legam consequências psíquicas e sociais àqueles que nele se escondem. Dividir-se em dois, manter uma fachada ilusória entre si mesmo e aqueles com quem convive, exige muito esforço e capacidade para suportar o medo de ser descoberto. O temor cria a necessidade de estar sempre alerta para sinais que denunciem sua intimidade e desejos, evitar lugares e pessoas que o associem a uma identidade temida, força para agir contra seus próprios sentimentos e manter o compromisso com a ordem social que o rejeita, controla e poda das mais variadas formas. (Miskolci, 2007, p. 58).

É nesse sentido que Richard Miskolci comenta o importante texto sobre o assunto do armário de Eve Kosofsky Sedgwick em *A Epistemologia do armário* (2007). Muito influenciada pelo feminismo e por Michael Foucault, teorizou sobre como o *armário* é um dispositivo histórico que regula os corpos a partir da sexualidade, interseccionando homofobia e misoginia num processo que privilegia uma ordem de socialização pautada na heterossexualidade compulsória.

Por mais que possa apresentar-se como possibilidade e estratégia de uma precária “segurança” em relação às violências da comunicação e/ou exteriorização da sua identidade não heterossexual ou cisnormativa, o armário, como já vimos acima, representa uma

ambiguidade entre ser uma das estratégias de sobrevivência possível, que de alguma forma permite certa segurança em relação às violências e ao contato dos desejos nas relações, mas também traz impactos na subjetividade e saúde mental dos diversos sujeitos, mais potencialmente e fortemente nas crianças, que ainda podem estar no processo de reconhecimento de suas orientações e desejos junto ao seu corpo. O armário é ao mesmo tempo estratégia/ferramenta, mas também uma espécie de sufocamento por conta dos sentimentos e a forma como essa repressão afetam estes corpos e subjetividades, através do medo, culpa e vergonha.

Mendonça (2020) trata do tema da respiração como ferramenta teórica para pensar alternativas às formas de opressão, que impõem um tipo de sufocamento atuante sobre os corpos e afetos por não poderem ser expressos e potencializados, impedindo que as todas as vidas possam ser vividas de forma plena e que possam respirar. Pensamos então, o armário como um espaço de sufocamento:

Quando me assumi, na verdade, fui expulsa “do armário” pela primeira vez pela escola. Não tive a oportunidade de falar. Foi muito triste! Minha mãe entrou em choque, ficou um bom tempo sem falar comigo, mas isso foi passando conforme os dias. Ocorre que com quatorze ou quinze anos, a diretora chamou meus pais para uma reunião para falar sobre o relacionamento que eu tinha com outra menina dentro da escola. A forma como aconteceu piorou tudo, pois ainda não tinha exteriorizado ou até mesmo reconhecido meus desejos, não tinha aceitado completamente. Talvez eu precisasse de um tempo maior para elaborar meus sentimentos e tivesse mais condições de contar aos meus pais... Poderia ter sido diferente, ainda estava me descobrindo, me senti expulso, obrigado a exteriorizar algo que estava experienciando. (Pedro, 22 anos).

Pedro não pôde experimentar e/ou experienciar seu corpo e desejo no ambiente escolar, bem como sentir-se preparado para comunicar seus afetos no seu tempo. Foi violentamente punido, bem como exposto em sua relação reconhecida como homossexual, na época. Em uma tentativa de correção e retorno ao processo sufocante do armário, a escola impôs a Pedro e sua parceira, o significado dos sentimentos de humilhação e tristeza do “tornar” público, da expulsão do armário – para sua família, pelo menos – reiterando a heterossexualidade como norma e colocando o casal à margem. Muitas vezes, o que configura o armário como dispositivo, não é a quantidade de pessoas que têm a informação, mas a forma como ela é tratada. Frequentemente, a informação em relação à sexualidade e ao gênero da pessoa pode ser usada como forma de poder e chantagem, em um momento inesperado pela própria pessoa, como no caso de Pedro.

No entanto, mesmo após ter passado por essa expulsão do armário referente a sua orientação sexual, Pedro, com o passar do tempo e o acesso à internet, reconheceu que nunca foi uma menina e sentiu-se como um homem trans. Dessa forma, ao relatar um pouco sobre sua vida, pôde compartilhar seu “segundo armário”, onde vivencia o medo da rejeição diante de apropriação de seu gênero masculino:

Atualmente estou desempregada e penso na possibilidade de transição, pois me sinto homem trans. No entanto, ainda é um assunto complexo, pois temo que a mudança da voz no processo de transição possa alterar a relação que tenho com meu pai, já que nos aproximamos através da música e das canções que fazemos juntos. Sinto que muitas vezes sou aceita numa posição de lésbica, mas sinto muita dificuldade em ser aceita como homem trans... (Pedro, 24 anos).

É comum para a população LGBTQ+ utilizar-se da identidade bissexual ou homossexual para “iniciar” um processo de aproximação da adequação de gênero, algumas vezes por desconhecimento de si, outras vezes como estratégias para alcançar a autonomia e liberdade (Oliveira, 2017). É justamente nesse ponto que alçamos a possibilidade de pensar uma existência mais à margem. Isso porque, o armário, do ponto de vista da interseccionalidade, investe suas violências em hierarquias, de acordo com parâmetros da heterossexualidade compulsória e da branquitude, oferecendo maior ponto de pressão não somente para as pessoas transexuais e travestis, conjuntamente, e nas pessoas que rompem com os estereótipos de gênero designados aos seus corpos, como as bichas, os viados, as mariais-homens, entre outros.

Dentro dessa lógica perversa, as crianças são mais atingidas, já que, na grande maioria de vezes, a sexualidade das crianças se manifesta apenas na adolescência, o que impede a percepção do escape das normas. Percebendo o ódio e o medo da homossexualidade desde cedo, Pedro e como se expressam inicialmente, traduzidos pela forma como as crianças expressam seu gênero nas brincadeiras e formas de ser. Pedro teve sua relação com uma menina apenas aos quinze anos, mas, desde cedo, sofria por conta da forma como expressava sua masculinidade.

Nessa lógica, são as crianças e pessoas – independente da sexualidade – que escapam ao binarismo de gênero, são posicionadas (os) mais à margem. Isto porque, muitas vezes, mesmo buscando auxílio na estratégia do armário, as expressões e formas de ser não cabem no armário e recaem especialmente em sujeitos afeminados/masculinizadas:

Tentei muitas vezes me encaixar com esse povo e tentar me moldar para ser aceito. Hoje sinto raiva, porque percebi que esse esforço não fez diferença,

tento não me importar, mas de qualquer forma eu me afastei deles. Eles aceitam tantas coisas erradas e eu que não estava fazendo nada, apenas estava sendo quem sou, alguém diferente da maioria, alguém que não segue o projeto de “homem” que esperavam de mim. Querem decidir sua vida, querem determinar a forma como você deve viver. Estou cansado disso, chega! Não vou fazer o que não tenho vontade! (Naomi, 22 anos)

Naomi não conseguiu refugiar-se no armário completamente. Mesmo com grande esforço, suas expressões e formas de ser não cabiam no armário e na binaridade de gênero, não cabiam no que é esperado para um projeto de “homem”. Naomi, sentindo-se com raiva das inúmeras tentativas frustradas de pertencimento, inicialmente silenciou-se e se isolou para não sofrer retaliações, sofrendo um processo de sufocamento de seus afetos. Foi no encontro de uma amizade e na internet, que viu as primeiras possibilidades, não só de reconhecer seu desejo sexual e dar outro significado para ele, como ressignificar os sentimentos voltados à feminilidade e à própria potência de vida:

Eu a chamo de Rô. Falamos tudo no feminino quando estamos juntas, é uma graça nossa, falando afeminado assim, toda hora que for “ele” a gente usa “ela”. Nesse tempo não tinha pensando sobre as diferenças, sobre quem ou o que eu era. Eu não sabia que eu era. Eu pensava “não sou”, eu fazia coisas diferentes, mas não passava na minha cabeça. Fui pensar nisso tempos depois, quando eu estava mais tranquilo, quando comecei a sair, quando a Rosangela¹² me desviou.

Você teve um papel importante, me fortaleceu, me desbancou e mostrou o quanto é tão simples e fácil a alegria. Você é uma cachorra Rosangela! Isso tudo porque não entendia muito bem meus desejos. (Naomi, 22 anos).

Foi justamente ao seguir pelo desvio, aprofundar-se nas fronteiras das normas, e recusar-se a ficar no jogo do armário, que Naomi encontrou uma possibilidade de subvertê-lo e compartilhar afetos alegres ter sua potência de vida, seus desejos foram potencializados e ressignificados. Em nossa sociedade, muitas famílias não dispõem de informação e significados positivos em relação às sexualidades que escapam às normas, oferecendo, muitas vezes, a inexistência da possibilidade de pensar outras formas de se relacionar.

Não ter uma representação positiva de pessoas que escapam às normas em seu círculo, durante muito tempo fez com que Naomi significasse seus desejos como “sujos” e não entendesse o que acontecia dentro de si, utilizasse o silenciamento e isolamento como forma de sobrevivência, e não pudesse se reconhecer diante de espaços tão opressores, como dentro de sua família. Vivía uma vida presa ao armário, estava sufocando sua vida. Por mais que isso

¹² Rosangela é o nome fictício utilizado por Naomi para referir-se ao seu amigo quando estão em companhia uma da outra ou de pessoas LGBTQ+. Utilizam-se pronomes femininos como forma de dialeto próprio da comunidade, o pajubá.

não signifique o fim do sofrimento e do sufocamento das estruturas cis e heteronormativas, retiram o poder de utilizarem a informação como chantagem. (Miskolci, 2007).

Suas formas de ser e expressar seu gênero eram punidas e sempre que possível sofria dentro do espaço familiar. Ter alguém que compartilhasse os mesmos sentimentos – Rosângela – e experiências que escapam das normas cisonormativas e heteronormativas potencializou seu corpo que estava triste, sufocado e cansado de tentar se ajustar a um projeto que nunca lhe coube. Foi junto a seu amigo e a internet que abriram a possibilidade de ter acesso a informações e conteúdos mais democráticos e refletir sobre suas outras perspectivas de seus desejos e identidade, possibilitando inclusive, ter possivelmente seus primeiros contatos sexuais e, finalmente transitar para fora dos sentimentos de isolamento respirar e viver, podendo inclusive, afirmar o dialeto do pajubá que traz referências positivas relacionadas a seus comportamentos voltados ao feminino:

Eu tinha uma ideia de uma coisa na internet de pesquisar, e me espantar com conteúdo gay e pensava “nossa, diferente”. Depois eu me sentia sujo, eu passei um bom tempo me sentindo sujo por olhar pornô, mas queria entender como funcionava a coisa. “Nossa, credo, estou vendo isso?!”. Tinha até certa cobrança pelos meus primos por parte de mãe, onde eles mostravam as pornografias de mulheres, mas era diferente [...] Estou conseguindo dar uma perspectiva e estou muito feliz por isso. Minha mãe era muito “cabeça fechada”. Quando ela viu as mensagens no Facebook, eu conversando com o menino: “me chama, passa o contato”. Eu tinha ficado um tempinho sem celular no terceiro ano e todo mundo usava o computador de casa. Muitas vezes eu esquecia e ela via. Minha irmã tirou sessenta e quatro prints de conversas e fotos, lembro até hoje. Peguei o celular dela e apaguei escondido todas as conversas relacionadas a mim, invadiu minha privacidade! Eu questionava: se estaria fazendo algo errado, matando alguém? Me dava muita raiva! Hoje em dia é uma coisa mais “foda-se”. Está mais tranquila, mas ainda há um pouco de ressentimento, mas está muito mais leve do que aquilo que elas fizeram no passado, que fizeram me fechar. Eu consigo me abrir, estou gostando, apesar de ainda ser uma pessoa muito reservada (Naomi, 24 anos).

A internet e as redes sociais foram, para Naomi, as brechas possíveis para o contato com seu desejo e ofereceram novas perspectivas sobre a homossexualidade, mas logo foram descobertas pela vigilância de sua família, sendo expulso do armário. Dos quatro entrevistados, apenas dois trouxeram o tema da internet/tecnologia: Pedro e Naomi. Diferente do significado trazido acima por Naomi, Pedro retrata uma ambiguidade relacionado às diferentes gerações após o fenômeno da tecnologia e da internet:

Tivemos uma oportunidade que a nova geração nunca sentirá. Me assusto quando percebo que não há criança nenhuma brincando na rua hoje em dia. Não existe mais, não existe mais isso! A infância atual brinca de computador, celular, tablete. Ficam o dia inteiro em Tiktok e Youtube, não

vão saber o significado de “brincar na rua”. Não irão ter essa oportunidade por questão de segurança. Por outro lado, hoje em dia tem muita criança que já sabe que não tem rótulo, que família é família, independente de quem é a família ou da orientação sexual. Eu mesmo tive a oportunidade de me reconhecer enquanto homens trans, acessando e visualizando a rede social de outras pessoas trans nas redes sociais. Reconheci que tudo isso era normal e hoje sigo alguns perfis até hoje. (Pedro, 24 anos).

Para Pedro, a tecnologia/internet significa, ao mesmo tempo a perda do sentido da sociabilização nas brincadeiras na rua pelas crianças, mas também, maiores informações que possibilitam outros significados sobre as próprias identidades e famílias fora das normas. Ter acesso a perfis e informações sobre identidades que estavam à margem da margem e ouvir suas histórias de vida, possibilitou que Pedro se reconhecesse como homem trans e percebesse que não é era a única criança e, agora, homem trans disposto na fronteira, que não está sozinho, possibilitando pertencer ao mundo e não ser mais o “outro” da história (Kilomba, 2019), mas sim um “nós” da história, revelando a possibilidade de tornar-se junto como um coletivo. Apesar disso, a possibilidade de sair do armário enquanto lésbica e a dificuldade de o fazê-lo enquanto homem trans, deve-se também ao movimento de nossa sociedade que teve a homossexualidade despatologizada em 1990, enquanto tardou 29 anos para retirada da transexualidade do CID (Código Internacional de Doenças). Esse movimento acompanha o processo histórico de reivindicações feito pelos movimentos na história, mas não deixa de ter seus recortes específicos, hierarquizados e construídos à margem e de corpos mais à margem. Isso porque, o “nós” não é uma unidade que forma a comunidade sem suas próprias diferenças e marcas.

Colocado dessa forma, o movimento de “saída do armário”, ainda é um privilégio cisnormativo voltado às identidades de homossexuais higienizadas, assimilacionistas, do homossexual branco, maiores de 18 anos (pelo menos no Brasil), de classe média e com uma performance voltada aos estereótipos heteronormativos. Isso impacta, necessariamente, em corpos-crianças que escapam às normas, principalmente até a fase adulta, pois para as estruturas adultocêntricas e heteronormativas, “só se tem um corpo e só sabe quem é” a partir dos 18 anos:

Até os dezoito anos as pessoas liam meu gênero como masculino! Não digo que tenha tido uma descoberta... Sempre fui assim, sempre me senti mulher... Comecei a me posicionar quando meu pai queria que eu fizesse a reposição hormonal masculina... E eu não aceitei... Ele chegou e Falou: – Tem alguma coisa estranha: começou a crescer peito e bunda! Ele dizia: – Esse menino tem alguma coisa esquisita! Me levou no médico e ele explicou, falou que seria possível reverter fazendo reposição hormonal. Eu falei: – Não, deixa assim! Eu já sabia o que queria... Para mim era ótimo! Perfeito!

Adorava a sensação do aumento dos peitos e bunda. Neste momento decidi começar toda a transição mesmo! A mudança drástica! Então, até começar a crescer os peitos eu era um menino... Aí, depois que os peitos cresceram ai era sapatão... O povo achava que era uma sapatão! Peito grande e camiseta larga: – Ah é uma sapatão! Eles diziam. Mas eu não sou sapatão... Eu estava sendo apenas eu. Para mim era tranquilo essas mudanças... Não tinha um problema assim... (Maria, 38 anos).

Maria sempre foi e sentiu-se mulher, mesmo que para as outras pessoas sua identidade era lida como masculina, no entanto, era uma criança trans. Sair do armário para pessoas trans parece ser uma possibilidade só aos dezoito anos, sendo ainda, quando necessário, resistência e embate para poder decidir sobre o próprio corpo para não ser patologizada e tratada como doença, onde seria hormonizada para retorno às expectativas do projeto cisnormativo (Favero *et al.*, 2022). As possibilidades de mudanças em seu corpo ocorreram de forma natural para Maria, que, cada vez mais, sentia seu corpo fazer sentido e iniciou a readequação através dos hormônios. No entanto, mesmo Maria já sabendo quem era e o que queria, sofreu tentativa de correção por parte do pai, que naquele momento havia “perdido” a tutela do corpo de Maria que chegava aos seus dezoito anos. Foi somente nessa idade, definida na sociedade como possibilidade de “ter direito a seu próprio corpo”, que Maria pôde assumir-se mulher trans e iniciar seu mais fortemente seu processo de readequação, fugindo da patologização imposta para os corpos das crianças:

*Se são essas as crianças que rompem com a ideia de desenvolvimento normativo, onde pênis e vagina equivalem, respectivamente, à masculinidade à feminilidade, e vice-versa, é preciso questionar: por que insistem em tentar produzir uma coerência cisgênera onde ela sequer foi solicitada? Ao falar em corpo da criança e corpo do adulto, sugere-se extrapolar a constituição física, pois não se trata simplesmente de uma conversa sobre “corpo” enquanto fundamento biológico, mas como local de inscrição da cidadania, pois é nela que a estratificação etária revela operar enquanto um modo de dar acesso a uns e negar acesso a outros. (Favero *et al.*, 2022 p. 17).*

Diante disso, reconhecer as especificidades das pessoas transsexuais e o direito à autonomia de seus corpos, coloca em exercício o estranhamento das estruturas sociais de opressão, bem como parte do exercício do cuidado de nossa sensibilidade de escutar a pluralidade de crianças que não são estáveis e assexuadas (Favero *et al.*, 2022). Só é possível escutar essas crianças se abriremos espaços dialógicos nas relações com suas memórias, seus sentidos e significados. Só não se é possível, como um dever, desinibir nossos ouvidos para não julgar, mas compreender como esse sujeito quer vivenciar e experimentar seu corpo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação debruçou-se sobre as pluralidades de crianças cujas infâncias escaparam às normas da cisgeneridade e heteronormatividade, compreendendo estratégias para enfrentamento, sobrevivência e subversão dessas estruturas, possibilitando oferecer histórias de vida que, sim, vivenciam experiências de sofrimento, mas, em geral, são histórias e infâncias com significados positivos: boas e/ou ótimas infâncias. Isso nos mostra que, embora as estas crianças tenham sofrido tentativas de contenções, correções e ajustes pelos poderes estruturais, os seus corpos crianças oferecem resistências e subverteram sua lógica, apresentando-se sempre como uma complexa rede de significados e especificidades que as mantiveram com certos privilégios e opressões nas mais variadas dinâmicas construídas no período do que se pode chamar de infâncias. Desta forma, a leitura a partir da crítica da intersseccionalidade se fez imprescindível para compreender, não a soma, mas as especificidades e diferenças dessas e de muitas outras crianças que, ao contarem suas histórias, contribuem para compreensão da sociedade que as constroem, reconhecendo inclusive, suas vivências como uma possibilidade de teorização e cura. (hooks, 2017).

Os estudos que envolvem o tema da infância, há bastante tempo, têm garantido espaço e visibilidade nas academias, movimentos sociais e em diversas áreas de estudo. No entanto, cresce a necessidade de pesquisadoras e pesquisadores que construam uma ciência crítica que deixe de produzir conhecimento “sobre” as(os) sujeitos e possam pesquisar “com” elas (es), principalmente quando falamos de crianças (Santos; Menezes, 2009). Além disso, emerge o compromisso de reconhecer outros marcadores que incidem nas infâncias, como crianças negras, PCD’s, crianças da periferia, que são os alvos preferenciais das estruturas adultocêntricas, bem como a autonomia de poderem narrar suas próprias vidas e histórias, possibilitando contraporem-se às estruturas capitalistas e neoliberalistas, viabilizando construir condições a todas crianças de terem uma vida plena, independentemente das marcas que os tornam diferentes.

Ainda há muitos questionamentos em relação ao tema das infâncias, inclusive LGBTQ+, que podem e devem ser estudados. Esta dissertação busca somar no sentido de escutar e ampliar essas vozes que, possivelmente, nunca seriam escutadas e oferecer a oportunidade de ressignificar os sentidos de suas infâncias ao compartilhar uma memória coletiva. É o dever ético da escuta, da sensibilidade e da troca de experiências com potencial de outras perspectivas sobre as crianças que as pessoas participantes foram, um dos focos deste trabalho.

Confesso que cuidar da *escuta sensível* como forma de não buscar ou focar em tragédias e violências em suas histórias, ou histórias únicas, foi um desafio em dois sentidos! O primeiro foi de sentir e reconhecer minhas próprias dores nos reflexos das histórias contadas. O segundo foi a expectativa das pessoas participantes da pesquisa de serem entrevistadas por um psicólogo, que comumente é um profissional que ouve histórias de sofrimento.

Essas dificuldades foram se dissipando conforme a experiência de entrevista se construiu na prática. Em vários momentos, as narrativas esbarravam nas minhas e os afetos tocavam nossos corpos! Muitas vezes fui surpreendido com a potência do aprendizado ao ouvir essas histórias, proporcionando aprendizados coletivos, ressignificando experiências e oportunizando escuta para quem talvez nunca tivesse sido ouvido.

Algumas dessas crianças presentes na fronteira: “fizeram tudo o que uma criança poderia ter feito” e por isso a infância foi a melhor parte de sua vida (Pedro, 24 anos). Elas tiveram muitos amigos, viajavam para a casa das tias nas férias e ficavam até de noite na companhia da comunidade (Jorge, 45 anos). Naomi (22 anos), por exemplo, teve uma infância tranquila, rodeado pelas mulheres de sua família e foi muito mimado por sua avó. Já Maria (37 anos) aproveitava os intervalos do trabalho na máquina de costura de sua mãe para inventar e construir roupas para seus bonecos Rangers.

Pedro sentiu-se desconfortável mediante ao microfone que ficou ligado durante vinte minutos. Após o desligamento do microfone, continuamos a entrevista por mais de duas horas, percebendo estar, deste modo, muito mais à vontade. Isso pode ter ocorrido pela possível proximidade de nossas famílias. Sente que, fora da comunidade em que mora, é tímido e calado. Atualmente não se enquadra nem como homem, nem como mulher, mas deseja iniciar em breve a transição para se adequar ao gênero como homem trans. Poderíamos deduzir que sua identidade estaria numa posição de não-binário, mas, como não tivemos oportunidade de se aprofundar nesse assunto e não vamos afirmar sobre quem o outro é ou como se sente, deixarei exatamente como Pedro decidiu se posicionar.

Pedro tem 24 anos, se autodeclara pardo, mora com seu pai, sua mãe e sua irmã mais velha e, no momento da entrevista, estava desempregado. Aponta dificuldade de se manter no emprego por “bater de frente” nas relações com o chefe. Já nos relacionamentos afetivos, compreende que as pessoas “não assumem seu relacionamento com ele” por conta da ausência de falo. Em especial, sua entrevista teve como foco uma forte relação com os amigos do bairro e sua resistência ao processo de imposição das normas em sua infância. Trouxe temas como infância, percepção da ausência de meninas brincando na rua, bullying na escola e

família, expulsão do armário, resistências e desobediências, tecnologia e informação. Pedro foi um entrevistado que não teve disponibilidade para trocas estendidas sobre o trabalho logo após as transcrições porque iniciara um trabalho.

Jorge teve facilidade de falar e se expressar, fornecendo assim relatos mais extensos. Pode ser que sua posição, enquanto psicólogo, tenha facilitado sua confiança nossa conversa, pois foi um dos poucos entrevistados que não citou a frase “não tenho muito a falar”. Isso impactou na entrevista de modo que ele trouxe detalhes e trilhou caminhos amplos em relação ao tema da infância, chegando, às vezes, a ampliar e retomar narrativas das quais já tinha contado. Tem 45 anos, relata ser cisgênero e homossexual e estar numa união estável há mais de dez anos. Atualmente exerce a profissão de psicólogo clínico. Diante do seu relato, a sexualidade e o corpo gordo foram temas centrais da sua infância, delineando estratégias e posicionamentos do “armário” para lidar com enfrentamento do tabu e preconceito sobre o viés da sexualidade. Insere seu relato numa ótica segundo a qual violência chega diferente para corpos homossexuais que têm um posicionamento mais afeminado, ao mesmo tempo em que traz um posicionamento de união e solidariedade para com seus amigos no enfrentamento da violência cotidiana. Os temas trazidos no seu relato foram: infância, sexualidades/corpo gordo e masculinidades, discricção e armário, bullying, AIDS, arte e representatividade. Jorge manteve contato via WhatsApp para devolutivos e possíveis questionamentos para fomentação da dissertação.

Naomi foi à única entrevistada com quem não foi possível estar a sós durante a gravação. Tivemos a presença de sua amiga Rosangela em alguns momentos durante entrevista por conta de uma visita de Naomi à casa de sua amiga. Muitas vezes, durante sua narrativa, mostrou preocupação em compreender as expectativas do entrevistador sobre seu relato, o que foi se dissipando conforme a entrevista foi se prolongando.

Naomi tem 22 anos. Quando perguntado sobre sua identidade de gênero e orientação sexual, preferiu “não se rotular”, apesar de ser compreendido que atualmente seu desejo sexual é exclusivo por homens. Se autodeclara negro, está solteiro, mora com a mãe e é estudante de advocacia. Em seu relato, o foco parece ser questões relacionadas a dinâmica familiar e os estereótipos de masculino/feminino e a sensação de não se enquadrar na família. Os temas trazidos foram: infância, família nuclear, expulsão do armário e masculinidades. Logo após o aceite das transcrições, só tive um encontro devolutivo e, por conseguinte, não tive mais o contato para continuação e aprofundamento da entrevista.

Maria narrou sua história em pouco mais de 33 minutos com microfone ligado e pelo mesmo tempo, desligado. Tive autorização para marcar e anotar as coisas depois do

microfone desligado. Toda entrevista de Maria foi permeada por risadas. Buscando entender o significado delas, Maria disse que algumas delas são de “alegria” e outras são uma forma para não “demonstrar as tristezas” diante de alguns relatos que a emocionam e tocam. Durante a transcrição e na negociação junto da colaboradora, Maria decidiu que deixaríamos as risadas da forma como estavam, mesmo sabendo que poderíamos transformar em falas ou sentimentos durante a transcrição. Maria tem 37 anos, se autodeclara negra, mulher transsexual, heterossexual, mas aponta que há pouco tempo foi compreendida, através de uma consulta médica, uma possível intersexualidade. Está solteira, mora sozinha e atua como costureira, estudante e professora. O foco central de sua entrevista se dá no contexto do riso como forma de resistência em sua vida. Trouxe temas como infância, família, trabalho, educação e representatividade, além de tecnologia e redes sociais.

Nas narrativas desta dissertação foi possível compreender múltiplas e complexas estratégias utilizadas pelas pessoas participantes para sobrevivência e fuga das estruturas das violências sofridas por essas quatro crianças: algumas sozinhas, outras em bando, narram suas memórias inventando formas de respirar e sobreviver a um projeto de infância em que não cabiam. Algumas delas inventadas nas contradições, nas armadilhas dos armários, nas fugas, mentiras e gritos para serem ouvidas, torcendo significados pejorativos para criar um espaço habitável. Outras, para cuidado de si e de outros, foram forjadas na união e comunidade das ruas, dos bairros e das escolas. Cada estratégia produzida por esses corpos moveu diferentes afetos em cada encontro, em cada experiência de acordo com cada marca, sendo então o “nós”, intrinsecamente marcada pela diferença, mesmo dentro da designação da comunidade LGBTQ+.

Estudar e teorizar essa pesquisa revela o desejo e a utopia da democratização das vozes e histórias e formas de ser criança para muito, para romper e imaginar possíveis futuros para as vidas de todas as crianças que são e que viram, além de produzir curativos nas crianças que são e que foram.

REFERÊNCIAS

A INVENÇÃO da infância. Direção: Liliana Sulzbach. [S. l.], 2000. Documentário (26 min 34s), son. color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BVmcI_wwrc. Acesso em 22 fev. 2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaskman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ANZALDÚA, Gloria. La Conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 320, set./dez. 2005.

ANZALDÚA, Gloria. **“To live in Borderlands means you” em Bordelands/La Frontera:the new mestiza**. São Francisco, EUA. Aunt Lute, 2007, p. 216-217.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio de Paulo Rouanet. Prefácio: Janne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1)

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, 336, maio/ago. 2011.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política da rua: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Tradução: Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARDOSO, Thomas Victor Barreto. **Transfeminismo: apagamento e luta das mulheres trans e travestis dentro do feminismo**. v. 5, n. 18, set./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/issue/view/746>. Acesso em: 29 abr. 2023.

CARDOSO, Thomaz Victor Barreto. Quem enxerga a criança trans? Memórias de um menino transgressor. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 9, 2020. DOI <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.9.10265>. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10265>. Acesso em: 30 out. 2023.

CARDOSO, Thomas Victor Barreto. **Construção das transmasculinidades**: memórias e narrativas. Dissertação (Mestrado em Estudos da condição humana) – Programa de pós-graduação em Estudos da Condição Humana, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Capítulo 3 – Do Epistemicídio. *In*: CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 96-125.

CAVALLINI, Marta. Proporção de pretos e pardos entre os pobres chega ao dobro em relação aos brancos, mostra o IBGE. Portal **G1, Globo.com**, 11/11/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/11/11/proporcao-de-pobres-pretos-e-pardos-chega-ao-dobro-em-relacao-aos-brancos-mostra-o-ibge.ghtml>. Acesso em 22 fev. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. **Mapeando as margens da interseccionalidade, políticas identitárias e violência contra mulheres de cor**. Tradução Paula Granato e Gregório Benevides. Curitiba, 2020.

CORNEJO, Giancarlo. Por uma pedagogia queer da amizade. **Áskesis**. v.4, n. 1, p. 130-142, 2015.

CORNEJO, Giancarlo. La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía “queer”. **Ícono: Revista de Ciencias Sociales**. Quito, n. 39, p. 79-85, , 2011. DOI <https://doi.org/10.17141/iconos.39.2011.747>. Disponível em: <https://iconos.flacsoandes.edu.ec/index.php/iconos/article/view/747>. Acesso em: 30 out. 2023.

DIAS, D. M. Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 745-497, 2014. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400430475>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vYNRnLtFHvh6fhCRw5H86tB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FACCHINI, Regina. **“Sopa de letrinhas”?** – movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2002.

FAVERO, S.; MACHADO, P. S.; FREITAS, R. V. Corpo de criança, corpo de adulto: um olhar sobre as revisões diagnósticas que compõem fronteiras entre pessoas trans. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 38, 2022.. DOI <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22306.a>.

FAVERO, Sofia. **Crianças Trans: infâncias possíveis**. Salvador: Devires, 2020.

FERREIRA, M. S. Sobre crianças, sexopolítica e escrita de si. **Rev. Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 6, p. 51-64, jan. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2023.

FINCO, Daniela. Homossexualidade e educação infantil: bases para a discussão da heterossocialização na infância. **Gênero**. Niterói, v. 12, n. 2, p. 47-63, 2012. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/06052013-125346dossie-3.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

GARCIA, M. B. V.; MENDONÇA, V. M.; LEITE, K. C. Discriminação e Violência Homofóbica segundo os participantes da 6ª parada do orgulho LGBT de Sorocaba-SP: subsídios para (re) pensar as práticas educativas. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 22, n. 3, set./dez. 2015. DOI <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v22.n3.p.42-58>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/4189>. Acesso em: 30 out. 2023.

GRIZORTI, W. Efeitos psicológicos do bullying aos alunos LGBTs na rede escolar de ensino no nível médio. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/6063/Efeitos%20Psicol%C3%B3gicos%20do%20Bullying%20aos%20Alunos%20LGBTs%20na%20Rede%20Escolar%20de%20Ensino%20no%20N%C3%ADvel%20M%C3%A9dio.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 8 jul. 2023.

GUILHERME, A. A.; SANTOS, L. V. B. Expressões da violência associada ao corpo gordo: uma revisão bibliográfica qualitativa. **Rev. Polis e Psique**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 160-183, 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 30 out. 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo de Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. Maternagem e paternagem feministas. In: **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. DOI

<https://doi.org/10.22420/rde.v7i13.320>. Disponível em:
<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320>. Acesso: 31 out. 2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A “pedagogia do armário”: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação Online PUC-Rio**, n. 10, p. 64-83, 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 4. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para educação. **Estudos Feministas**, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidades e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MELLO, Aline *et al.* **As multifacetadas da infância**: um olhar interpretativo de uma turma de pedagogia. PET Pedagogia UFBA, 2013. Disponível em:
<https://petpedagogia.ufba.br/infancia>. Acesso em: 7 mar. 2023.

MENDONÇA, Viviane Melo. **Um dia você vai sentir na própria carne**: afeto, memória, gênero e sexualidade. Jundiaí, SP: Paco, 2020.

MINAYO, Maria Cecília Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1992.

MISKOLCI, R.. Comentário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 55-63, jan./jun. 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/StkPwG8GQVWYWnjQyB3qHcS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2023.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpnrcJvdn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2023.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PRECIADO, P. B. Quem defende a criança queer? **Revista Geni**. Tradução: Cicero Oliveira, 2013. Disponível em <https://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer/>. Acesso em: 31 out. 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Curitiba: Prismas, 2017.

PALMEIRA, Lara Virgínia S. Gloria Anzaldúa, uma chicana entre-fronteiras. **Equatorial**, Natal, v. 7, n. 12, jan./jun. 2020. DOI <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2020v7n12ID18504>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18504>. Acesso: 31 out. 2023.

PIMENTEL, Álamo. Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes. **Revista Brasileira de Educação**, p. 703-721, v. 20, n. 62, p. jul./set. 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782015206208>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wNRt343VDPsKrHG9wXypNNp/?format=pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.

PINTO, Tatiane de O.; LOPES, Mari F. Brincadeira no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância. **Rev. latino-americana de ciencias sociales, niñez y juventud**, v. 7, n. 2, p. 861-885, 2009. Disponível em: <https://revistaumanizales.cinde.org.co/rllcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/196>. Acesso em: 31 out. 2023.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 31 out. 2023.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução: Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, A. História oral e poder. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41498/pdf_183. Acesso em: 31 out. 2023.

RODRIGUES, Alexsandro; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; ROCON, Pablo Cardozo; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Precárias experiências em dissidências: crianças que não cabem em si. **Pro. posições**. Campinas, SP, v. 30, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8658066>. Acesso em: 31 out. 2023.

ROVAI, Marta Gouveia Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **História Oral**, v. 16, n. 2, p. 129-148, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/313>. Acesso em: 31 out. 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**: Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 5, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 23 jul. 2022.

RIOS, Fábio D.; Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Mauricie Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013. DOI <https://doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intratextos/article/view/7102>. Acesso em: 31 out. 2023.

RIOS, Luís. F. A flor do amadurecimento: experiências sexuais na infância em narrativas de homens que fazem sexo com homens na região metropolitana do Recife-PE. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 341-370, 2022. DOI: 10.9771/cgd.v8i2.49549. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/49549>. Acesso em: 31 out. 2023. RODRIGUES, Alexsandro; BRASILEIRO, C. V.; ZAMBONI, Jésio. No entrelugar do corpo, gênero, sexualidade e raça: encontro com outras crianças e infâncias. **Revista Brasileira de estudos da homocultura**, v. 5 n. 17, 2022.

RODRIGUES, Alexsandro. **Crianças em dissidência**: narrativas desobedientes. Salvador: Devires, 2018.

SANTANA, Mariana V. M.; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Não conformidade de gênero e infância: revisando a produção científica. **Revista Ártemis**, v. 29 n. 1; jan./jun, 2020. p. 222-242, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2020v29n1.47093. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/47093>. Acesso em: 31 out. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SAWAIA, Bader B.; ALBUQUERQUE, Renan; BUSSARELLO, Flávia R. (orgs.) **Afeto & comum**: reflexões sobre a práxis psicossocial. Alexa Cultural: São Paulo, 2018. Disponível em: https://www5.pucsp.br/nexin/livros/2018_08_06_ebook_afeto_comum.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

SAWAIA, Bader Buhiran. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & sociedade**, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/artigos/download/psicologia-e-desigualdade-social.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.

SAWAIA, B. B. **O Sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. In: _____ *et al.* (org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 97-118.

SILVA, João Paulo Lorena. **Infâncias queer nos entrelugares de um currículo**: a invenção de modos de vida transviados. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2018.

SOUZA, V. C. S.; GONÇAVES, J. P. Gordofobia, bullying e violência na escola: um estudo em representações sociais com pré-adolescentes. **Eccos**: revista científica, São Paulo, n. 60, p. 1-19jan./mar. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/18893>. Acesso em: 31 out. 2023.

SILVA, L. I. C.; PONTES, F. A.R.; SILVA, S. D. B.; MAGALHAES, C. M. C.; BICHARA, I.D. Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: a hipótese de aproximação unilateral. **Psicologia: reflexão & crítica**, v. 19, n. 1, p. 114-121, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000100016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/x55c5qzD8xsxkzTg8pKmFHd/?lang=pt#>. Acesso em: 31 out. 2023.

TERÊNCIO, M. G. e ALBINO, P. L. Considerações críticas sobre o fenômeno do bullying: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do CEAFA**. Porto Alegre, v. 1, n. 2, fev./maio, 2012. Disponível em: https://www.mprs.mp.br/media/areas/biblioteca/arquivos/revista/edicao_02/vol1no2art4.pdf. Acesso em: 31 out. 2023.

VAZ, Marcos de Oliveira. **Transgeneridade infantil para além do binarismo**: política pública de inclusão das crianças trans no Brasil Salvador: Devires, 2021.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2016.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 out. 2023.

VESPA, T. **Corpo de Atleta**: esporte exclui corpos gordos. Eles resistem para estar ali. Uol, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/06/25/corpo-de-atleta-esporte-exclui-corpos-gordos-eles-resistem-para-estar-ali.htm>. Acesso em: 26 fev. 2023.

DIAMANTE. Composição: Drik Barbosa; Pitty; Dani Weks. Videoclipe oficial de faixa do EP **Casulo**. Laboratório Fantasma Prod.; Warner Chappell Music, 7 jan. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/FE7RGOpABGg>. Acesso em: 31 out. 2023.

ANEXOS I: TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – Sorocaba
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS / PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

Eu, Douglas William Oliveira Knop Vicentin, estudante do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (Sorocaba) convido a participar, de forma voluntária e anônima ao conceder-me uma entrevista, da pesquisa “NÓS FRONTEIRIÇOS, ENTRE MEMÓRIAS E AFETOS DAS INFÂNCIAS: ANÁLISE NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DE GÊNEROS E DAS SEXUALIDADES”, orientada pela Prof^a Dr^a Viviane Melo de Mendonça.

O objetivo da pesquisa é analisar como se constrói relações entre corporalidades dissidentes na infância.

Você foi selecionado (a) por ser TLBGQIA+, a responder uma entrevista pouco estruturada com alguns tópicos sobre aspectos que envolvem o tema da pesquisa. A entrevista será individual e realizada no local que preferir. As perguntas não serão invasivas à intimidade, entretanto, caso a participação gere estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações, os participantes terão garantidas pausas, liberdade de não responder alguma pergunta e podem interromper a entrevista a qualquer momento.

Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da condição humana, com construção de novos conhecimentos e identificação de novas alternativas e possibilidades para a sociedade.

Sua participação é **voluntária** e a qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o **sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo**. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de **anonimato** nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação. Ainda, solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. As gravações realizadas durante a entrevista serão transcritas e utilizadas apenas para fins científicos.

Você receberá uma via deste termo, a ser assinado por você, pela pesquisadora e orientadora, onde constam os contatos das pesquisadoras. Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se por qualquer um dos contatos abaixo a qualquer momento.

NOME – Douglas William Oliveira Knop Vicentin Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana/ Telefone: (15)996643473/douglas.knop@estudante.ufscar.br
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba) / Telefone: (15) 991428450

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (Orientadora)
Departamento Centro de estudos em Ciências Humanas/Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Sorocaba) /
Telefone: (15)98129- 0123 / E-mail: viviane@ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sorocaba/SP _____, _____ de _____.

Nome do(a) Participante

Assinatura do(a) Participante

ANEXO II: ROTEIRO DA PESQUISA PARA INFÂNCIAS COM PERFORMANCE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NÃO HEGEMÔNICAS

Apresentação.

Quem é você?

Se apresente.

Quando e onde nasceu?

Descreva sua cidade Natal.

Descreva o seu bairro.

Como eram as relações de sua família?

Fale sobre sua infância, brincadeiras, convívio com outras crianças, escola, cotidiano...

Como foi ser uma criança LGBT?

Como é ser LGBT?

Como eram as brincadeiras e atividades quando criança?

Como eram suas relações de amizade na infância?

O que significa amizade?

Me conta como era a sua relação na escola.

Quais os fatos mais importantes em sua infância?

Há alguma Influência que marcou significativamente em sua infância?

Teria algum material, foto, diário, jornal ou recordação que gostaria de compartilhar de sua infância?

Como é se sentir menina/menino?